



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**RICARDO MIGUEL ARAÚJO BARBOSA**

**A ressurreição de Jesus Cristo**  
**A interpretação de Andrés Torres Queiruga**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor João Manuel Correia Rodrigues Duque

**Braga**

**2013**



## INTRODUÇÃO

Ser cristão é afirmar: Cristo vive! Ressuscitou! Desta convicção partem os discípulos, dois a dois, a anunciar a Boa Nova. É também este o anúncio da Igreja de hoje e de todos os tempos. A ressurreição é o centro da fé, o núcleo do anúncio, e a esperança que anima os crentes. Ser cristão é acreditar em Jesus Ressuscitado, que nos dá vida: «em Cristo todos voltarão a receber a vida» (1 Cor 15, 22).

Porque a ressurreição é central e fundamental para a Igreja, é importante que continuamente seja pensada e aprofundada. Nesse sentido, constitui objectivo primeiro do presente trabalho aprofundar as razões da nossa fé na ressurreição. De facto, é necessário pensar e repensar a ressurreição para recuperar hoje essa experiência, experiência primeira para os apóstolos e discípulos de Jesus, mas que, atravessando séculos e culturas, permanece. Todavia, apesar de o tempo e a cultura actual serem diferentes daqueles em que se deu a primeira experiência, cada cristão deve fazer essa mesma experiência, viver a mesma fé, alimentar a mesma esperança.

Ao longo da história humana, homens e mulheres procuraram viver a fé no seu tempo e no seu contexto. Hoje acontece o mesmo. Nesse âmbito, Andrés Torres Queiruga escreve *Repensar la resurrección – La diferencia cristiana en la continuidad de las religiones e de la cultura* com o intuito de pensar este profundo mistério nas coordenadas do nosso tempo e da nossa sensibilidade cultural.

Até 2011, Andrés Torres Queiruga foi professor de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela. Especialmente interessado em tornar a fé compreensível e vivenciável na cultura (pós)moderna, constitui objectivo da sua obra recuperar a experiência cristã original, insistindo na necessidade de repensar o conceito de revelação e manter em rigorosa coerência a ideia de Deus que cria por amor, em ordem à interpretação dos principais temas teológicos, como o da ressurreição.

Ao longo do presente trabalho, seguirei de perto o pensamento de Torres Queiruga que, como veremos, é de tal modo ousado na sua proposta, que levou a que a Conferência Episcopal Espanhola tenha feito uma chamada de atenção a algumas considerações suas.

Assim, num primeiro capítulo analisarei o estudo que Queiruga faz da ressurreição – entre a fé e as interpretações, traçando um percurso histórico do progresso das interpretações da ressurreição, recorrendo a estudos de outros autores sobre esta temática. Note-se que o estudo que Queiruga faz não é neutro, uma e outra vez vai criticando ou desenvolvendo as questões de acordo com o seu pensamento, sem ainda expor a sua proposta, à qual consagramos o segundo capítulo deste trabalho, onde se explana o pensamento de Torres Queiruga e a sua proposta. No terceiro capítulo, analisamos a Notificação da Comissão para a Doutrina da Fé da Comissão Episcopal Espanhola e o pensamento e proposta de Torres Queiruga, dentro do pluralismo teológico, já que segundo aquele documento, o autor e a obra situar-se-iam fora da doutrina cristã. Posteriormente, dá-se notícia de clarificações de Queiruga sobre a Notificação, onde o autor não entra na discussão dos pontos levantados pela Comissão, mas em breve crónica traça o percurso até à chamada de atenção. Neste mesmo terceiro capítulo dá-se voz ainda a um artigo de Eloy Bueno de la Fuente, em que se comenta a obra de Queiruga. A este artigo responde Torres Queiruga e essa resposta também está presente na análise feita.

Finalmente, esta abordagem não pretende confirmar o posicionamento do autor em análise, mas abrir horizontes ao nível académico, um meio que se pretende aberto às diferentes abordagens, crítico quanto a elas, e sempre a caminho na busca comum da verdade e no aprofundamento das questões da fé.

---

## **CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA RESSURREIÇÃO**

---



## A. ENTRE A FÉ E AS INTERPRETAÇÕES

### 1. A tarefa de fundo

A ressurreição não é, no cristianismo, uma questão de superfície, mas central, nuclear, que afecta o íntimo do crente, e da própria proposta cristã. Falar de ressurreição equivale a tocar em terreno sagrado, que exige respeito, e cuidado no trato, não vá cair em banalização, ou em formulações equívocas.

Uma certeza guia a vida da Igreja: Jesus ressuscitou. Fiéis e teólogos parecem estar em unanimidade em relação a esta afirmação. Todavia, diferentes tratamentos tentam tornar compreensível este fenómeno, porque desde há muito que o ser humano tem necessidade de explicações daquilo que é, faz, diz, pensa, ou sente. No tocante à matéria de fé, essa é uma necessidade igualmente sentida, num tempo em que é necessário dar as razões da fé e de a fazer compreendida para melhor a transmitir/testemunhar.

A propósito da relação entre fé e ressurreição, Willi Marxsen refere que esta não é uma consequência daquela, mas a ressurreição é uma realidade que precede a nossa fé, não «“produzida pela minha fé”»<sup>1</sup>. Trata-se de um *extra nos*, que tem por si consistência, e se torna significativa e salvador para nós, *pro nobis*, na medida em que, por nós, aderirmos à fé na ressurreição.

Rudolf Pech toma como pressuposto a fé na ressurreição de Jesus e tenta explicar como o Novo Testamento chegou a ela. Segundo este autor, terá sido suficiente para os Apóstolos a vida histórica de Jesus. Ela ter-lhes-á dado fundamento suficiente para dispensarem as provas do sepulcro vazio, e das aparições do Ressuscitado.

O autor em análise, Andrés Torres Queiruga, tem o cuidado de distinguir bem a distância entre a fé e respectivas interpretações e afirma: «uma coisa é a *realidade* da fé que

---

<sup>1</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 17.

se tenta compreender e outra distinta a *interpretação* através da qual se realiza a intenção. Realidade e interpretação não são, desde já, independentes»<sup>2</sup>.

Não podemos deixar de salientar ainda o clima relativamente consensual que hoje reina entre os investigadores. Todavia, nem sempre foi assim. A mudança de paradigma, no que respeita à ressurreição, gera consequências e resistências, quer relativamente à mudança, por medo de perda de fundamentos, quer em relação à reflexão, com o temor de abalar a fé e de se tornar simples racionalização. Ainda assim, é notório o impacto do «*redescobrimento da escatologia*» de mãos dadas com a «*renovação da cristologia*», onde a ressurreição «passa a compreender-se como intimamente implicada no mistério concreto da humanidade e da vida de Jesus de Nazaré»<sup>3</sup>.

Salientamos ainda outras duas situações: a nova forma de leitura da Bíblia, já desprovida de literalismo em favor de uma hermenêutica das narrações pascais, por um lado, e as mudanças introduzidas pela modernidade, por outro. Deixada a visão mitológica da cosmovisão antiga, Torres Queiruga considera ser hora de repensar profundamente os conceitos com os quais se representará e se pensará o mistério da ressurreição. Num novo contexto, as interpretações devem ser mais ajustadas e renovadas, para que não se defenda, em nome da fé, uma teologia desactualizada, e em nome da tradição, se fechem as portas ao futuro<sup>4</sup>.

Como se depreende do que vem sendo exposto, torna-se imperioso «avançar de maneira expressa e consciente, desde o trabalho exegético de *reconstrução do sentido no passado* até à aplicação teológica da sua *recuperação no presente*»<sup>5</sup>, sem que se perca nem o termo, nem o que ele implica. Actualmente, o problema é que «uma vez quebrado o *sentido literal*, enquanto solidário com o contexto cultural do passado, pode surgir a impressão de que com ele fica anulado o *sentido do objecto em si mesmo*». Acompanhe-se o exemplo de A. T.

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>3</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Ibidem*, 22.

Queiruga: «pense-se em alguém que durante muito tempo identificou “ressurreição” com “revivificação de um cadáver”»<sup>6</sup>. Quando o trabalho exegético diz que isso não é assim, que um ressuscitado não é um defunto que se levanta para retomar uma vida igual ou parecida à anterior, podem suceder três coisas:

- que rejeite a interpretação, por considerar que falseia o sentido da Escritura e nega a fé na ressurreição;

- que aceite o resultado da exegese e reconheça o novo significado; mas, não encontrando um sentido compreensível e realizável no contexto actual, por queda do sentido literal, deixe de crer na ressurreição;

- «que aceite o novo significado descoberto pela exegese e, reconhecendo-o como verdadeiro, trate de recuperá-lo mediante uma interpretação actualizada que o faça verdadeiramente significativo e visível no contexto da cultura e sensibilidade actuais»<sup>7</sup>.

Actualmente, muitos cristãos interpretam «a vida ressuscitada – e as aparições e o destino do corpo de Jesus ressuscitado – como uma espécie de prolongação da anterior vida normal; de contrário, parecer-lhes-ia que não crêem na ressurreição»<sup>8</sup>.

Outra questão a considerar é a narração do sepulcro vazio. Esta leva-nos a uma mudança de significado mais profunda. Se a queda do sentido literal nos levar a pensar que o cadáver de Jesus ficou no sepulcro, é possível ter fé, de forma coerente e significativa, na ressurreição? Ou pelo contrário será necessário um novo significado?

Esta pergunta leva A. T. Queiruga a dizer: «isso coloca o intérprete perante a tarefa de reelaborar a compreensão do *conceito* actual de ressurreição, ou seja, de construir teologicamente um conceito novo que responda aos parâmetros da cultura contemporânea»<sup>9</sup>.

Para esta tarefa é necessário ter em consideração alguns aspectos importantes:

---

<sup>6</sup> *Ibidem.*

<sup>7</sup> *Ibidem.*

<sup>8</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>9</sup> *Ibidem.*

Primeiro o aspecto constructo dos conceitos teológicos. Há tendência a vê-los como concluídos, sem que deles se parta para a reflexão, sem eles mesmo serem objectos de pensamento.

Quanto a este ponto, A. T. Queiruga acha ser mais «fecundo conservar a palavra, renovando o conceito»<sup>10</sup>, dada «a convicção de que uma reinterpretação lúcida pode, a um tempo, marcar a diferença e manter a continuidade conservando melhor a enorme riqueza com que se foi carregando na história»<sup>11</sup>.

Um segundo aspecto remete para o «problema da intencionalidade da Escritura em si mesma. Ela constitui a *expressão* fundante daquela experiência e daquela realidade cuja compreensão se busca»<sup>12</sup>, e que «constitui o meio *através do qual* é possível chegar a elas»<sup>13</sup>.

É possível, a propósito, recuperar, a partir dos textos «uma *intencionalidade objectiva* que permite expressar e compreender a ressurreição com conceitos que, sem estar com eles, constituem *hoje* o melhor modo de compreender e expressar a realidade que eles tentaram expressar com os conceitos do seu tempo»<sup>14</sup>.

## 2. O enquadramento histórico

É notória a extensão que hoje se concede ao estudo da ressurreição. Até há bem pouco tempo a cristologia centrava-se sobretudo na encarnação, em detrimento da ressurreição<sup>15</sup>. Hoje em dia, contudo, a ressurreição representa um capítulo importantíssimo em qualquer cristologia.

Para esta mudança, muito contribuiu o desuso da *leitura literal* dos textos bíblicos, em consequência do aprofundamento da teologia nesta matéria. O entendimento actual não toma

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, 24.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*, 25.

<sup>15</sup> Por exemplo, o manual de cristologia de Jesús Solano, *Sacrae theologiae summa*, de 1956, onde em 326 páginas menos de uma dedicada à ressurreição, Cf. *Ibidem*.

a ressurreição como um milagre, «no sentido de acontecimento empiricamente verificável para usos apoloéticos»<sup>16</sup>. Este desenvolvimento leva a «não considerá-la acontecimento histórico»<sup>17</sup>, sem que com isso haja negação da realidade (ressurreição); esta «só acessível e pensável noutra ordem de considerações»<sup>18</sup>.

Outro desenvolvimento tem a ver com o *sepulcro vazio*. Outrora, negá-lo era negar a fé na ressurreição. Actualmente, os estudos mais cautelosos não tomam essa posição, ou porque não admitem o acontecimento, ou porque não vêem na sua negação o perigo da negação da fé no Ressuscitado.

A mudança de paradigma operada move, deste modo, o marco de referência da compreensão da ressurreição, o que implica uma remodelação na estrutura de conjunto. A renovada compreensão e actualização da fé cristã face à cultura actual traz consigo a redistribuição de distintos elementos, para que as suas categorias, ou diferentes conceitos surgidos nos vários contextos, sejam inteligíveis e “realizáveis”. Devemos ter sempre presente a exortação petrina: “sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça” (1 Pe 3,15).

Andrés Torres Queiruga pensa faltar uma visão global, de conjunto, podendo mesmo existir abordagens ultrapassadas e redutoras e por isso dá um «voto de confiança ao decurso temporal»<sup>19</sup>: será ele a dar lugar aos esclarecimentos, a par do trabalho actual e contínuo.

### 3. Para um tratamento renovado

Para a análise, Queiruga tem três convicções:

- a *necessidade de mudança*: existem muitas questões para responder, problemas a resolver, e é necessário ter abertura suficiente à novidade;

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, 26.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 29.

- a *legitimidade*: uma vez definido o nível da teologia, a fé busca a sua inteligência. «Não equivale sem mais a uma mudança na “fé”, mas, quanto menos em princípio, tão-somente no *modo* de compreendê-la»<sup>20</sup>;

- o *carácter global e estrutural do problema*: todo o quadro de compreensão está em reestruturação. Assim sendo, «Impõe-se melhor enquadrar todo o problema no meio duma profunda mutação cultural, de modo que dentro dela se vá configurando uma nova “figura” da ressurreição, que (para usar a terminologia balthasariana) permita perceber a sua “glória” e faça acessível a sua “evidência”»<sup>21</sup>. Devemos ainda considerar que o seu tratamento não brotou de uma busca pela sistematização, mas da necessidade, temporária e compassada, da compreensão da ressurreição, donde adveio a sua dissimetria na actualização e a falta de coerência de conjunto.

Deve ter-se ainda em conta a *nova situação da cristologia*, cada vez mais realista e concreta na busca pela divindade de Jesus na sua humanidade; a *nova consciência da criação*, que vê cada vez menos Deus como intervencionista pontual ou casual, acentuando ao invés a onipotência divina; e ainda o *novo conceito de revelação*: «Uma revelação de carácter maiêutico e não autoritário (...) que não se aceita por um mero testemunho externo (embora seja necessário), mas que ajuda a “dar à luz” o mistério que nos habita a todos»<sup>22</sup>.  
Acreditamos porque comprovamos em nós o que é manifestado na revelação.

---

<sup>20</sup> *Ibidem*, 31.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> *Ibidem*, 33.

## B. O CONTEXTO ORIGINÁRIO

### 1. Colocação actualizada do problema

Como vimos, a nova leitura crítica dos textos bíblicos não toma à letra as narrações pascais. «O resultado é que *muda a compreensão dos detalhes*, mas *permanece a estrutura do tratamento*»<sup>23</sup>.

A consciência de que «a ressurreição de Jesus não era a “revivescência” de um cadáver voltando de novo a esta vida (como poderiam ser, tomadas à letra, as “ressurreições” de Lázaro ou da filha de Jairo)»<sup>24</sup> é recente.

Na análise não literal dos textos é importante, e imprescindível, a sua contextualização, quer no diacronicamente, quer na actualidade. Em termos diacrónicos, deve ter-se em conta a tradição veterotestamentária e o helenismo: «sem tê-los em conta, dificilmente será possível uma interpretação correcta do que pretendem dizer os textos neotestamentários». No segundo horizonte, o objectivo da análise é «transpor e retraduzir a inteira compreensão do problema, de modo que o significado fundamental da ressurreição resulte hoje intelectualmente compreensível e vitalmente realizável»<sup>25</sup>. Uma tarefa difícil pela mudança, pela transcendência, e, de certo modo, pela sua intangibilidade, que vem da sacralidade.

### 2. Leitura não fundamentalista

Se herdámos uma leitura espontaneamente concordista dos textos bíblicos, é igualmente inegável a heterogeneidade existente entre os textos, como mostram os que se referem à ressurreição de Jesus. Albert Schweitzer foi o primeiro autor a apontar para a

---

<sup>23</sup> *Ibidem*, 38.

<sup>24</sup> *Ibidem*, 40.

<sup>25</sup> *Ibidem*, 41.

impossibilidade de escrever uma vida de Jesus. Ainda assim, Marie-Joseph Lagrange consegue uma leitura concordista dos relatos dos evangelhos e, concretamente, dos relatos da ressurreição de Jesus, à semelhança do que faziam os Padres da Igreja.<sup>26</sup> Joachim Jeremias, que também fez uma análise das diferentes situações e contextos a propósito das aparições, desfaz qualquer tipo de intenção de concordismo, salientando as muitas variações e reiterando a posição de Schweitzer. Estas variações dificultam a síntese que se impõe<sup>27</sup>.

Joachim Jeremias nota que as diferenças (con)textuais «não podem dever-se a meras circunstâncias das tradições ou a refundições no processo de redacção: tem que fundamentar-se na própria natureza do acontecido»<sup>28</sup>.

Esta variedade e complexidade inerente aos textos promoveu e difundiu classificações muito distintas, sem que uma tivesse pretensão de exclusividade ou exaustividade neste âmbito. Quanto à tradição existem dois tipos de classificação: a tradição formulária e a tradição narrativa. A tradição formulária compreende os enunciados sobre o acontecimento (da ressurreição e morte) e os enunciados sobre a experiência e o conhecimento (da revelação de Jesus e das aparições). A tradição narrativa congrega os relatos de aparições e do sepulcro vazio.

Assim se compreende «a enorme flexibilidade e o amplo espectro de variação com que se (...) tentava anunciar o destino pós-mortal de Jesus»<sup>29</sup>.

Com efeito, a leitura dos textos bíblicos ressalta a «firmeza e sinceridade da convicção que se expressa em textos tão plurais e diferentes»<sup>30</sup>. Aqui importa buscar a «distância entre a firmeza subjectiva da convicção e a flexibilidade objectiva dos textos nos quais se

---

<sup>26</sup> A propósito, Hermann Samuel Reimarus (1694-1769) assinala as contradições dos textos, apontando-as como engano consciente dos discípulos.

<sup>27</sup> Refere Xavier Léon-Dufour a este respeito: «“uma leitura atenta dos textos lança um desafio a quem pretende fazer concordar os diversos relatos tanto no tempo como no espaço”», cit. em A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 45.

<sup>28</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 48.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 52.

<sup>30</sup> *Ibidem*, 54.

expressa»<sup>31</sup>. Como se vê, a unificação é impossível, já que levaria a um concordismo artificial que tornaria desacreditada a teologia e a fé, que são justamente o centro da análise. Daí que se torne impreterível «compreender esses textos como mediações linguísticas de uma *intenção* que os suscita, de um *significado* que trata de se expressar através deles. Daí o carácter *simbólico*, narrativo e inclusivamente parabólico da linguagem empregue, que aponta para além da sua literalidade: por isso acentua a dimensão *expressiva* (como confissão de fé) e a *pragmática* (como chamamento à renovação da vida)»<sup>32</sup>. Aquilo que se expressa, antes de mais, é uma convicção. Perguntamos: “o que poderá ter suscitado esta convicção?” e “por que é que esta precisa socorrer-se de tais meios expressivos?”. Vários são os factores, de natureza natural ou sobrenatural, que podem originar esta convicção. Tais factores não podem ser negados *a priori*, mas também não podem ser apresentados como indiscutíveis. Recorde-se a este respeito que os textos não permitem uma leitura ingénuo, nem uma interpretação unívoca.

A investigação em torno da análise dos textos revela avanços notáveis neste âmbito da compreensão da ressurreição. Mas, quando se trata de interpretá-los no seu significado real, os avanços são menos evidentes. Como foi exposto, por Torres Queiruga, é de extrema importância por um lado a busca do significado dos textos no contexto em que foram escritos e por outro o estabelecimento de pontes com o que os mesmos textos podem significar hoje, num movimento pendular de contínua contextualização.

### 3. Contexto neotestamentário

Os cristãos dos primeiros séculos tomavam à letra as narrações pascais, motivadas pela cultura do tempo. Para essas comunidades, o problema não era compreender as referidas narrações, mas como as testemunhar e transmitir aos outros, como Paulo, no Areópago. Hoje, conhecemos os textos na sua configuração final, acabada, mas nem sempre foi assim. Os

---

<sup>31</sup> *Ibidem.*

<sup>32</sup> *Ibidem*, 55.

textos sofreram um processo de maturação. A compreensão e construção do próprio texto e do conteúdo expresso certamente foram influenciadas por factores religiosos e culturais, o que significa que neles existe um «espaço intermédio de enorme importância hermenêutica»<sup>33</sup>. Deste modo, anuncia-se uma primeira diferença: a diferença entre aquilo que se tenta dizer e o modo concreto como se diz, pelo que «os próprios textos fazem presente uma distinção fundamental entre o *significado real* que veiculam e a *configuração cultural* através do qual o apresentam»<sup>34</sup>.

Assim sendo, a análise de A. T. Queiruga salienta três aspectos: o destino dos mortos em geral; certos casos particulares e o de Jesus de Nazaré.

### 3.1. A ressurreição dos mortos em geral

No Antigo Testamento, a primeira referência à ressurreição encontrámo-la no livro de Daniel (Dn 12,2), muito perto do tempo de Jesus. A este respeito deve aludir-se à forte presença da ideia palestiniana do *sheol* e às demais imagens representativas, como a de *descansar no seio de Abraão* (cf. Lc 16,30). Todavia, o alcance que a Palavra virá a ter no Novo Testamento, não é ainda evidente no A.T., embora a ideia de uma vida futura possa ser considerada como enraizada nas crenças de alguns grupos, como os essênios, por meio de diferentes formulações linguísticas e imagens.

Yahvé aparece, no A. T., como senhor da vida e da morte (cf. Dt 32, 39), capaz de livrar do *sheol* e aniquilar a morte. Depois da queda de Jerusalém (70 d.C.), fazia parte da oração de todo o israelita a afirmação: «“Bendito és, Senhor, que fazes viver os mortos”»<sup>35</sup>. Nos salmos e nos profetas, Yahvé é o Deus da Aliança, da fidelidade salvadora e da vida. Já nos Evangelhos a vida eterna e a promessa do reino são naturalmente pressupostas. Ainda assim, nunca existiu consenso sobre a existência de um juízo final depois da ressurreição,

---

<sup>33</sup> *Ibidem*, 57.

<sup>34</sup> *Ibidem*, 58.

<sup>35</sup> *Ibidem*, 61.

desconhecendo-se se só alguns ressuscitariam, e sob que formas e modos uma nova existência poderia ter lugar.

O processo de helenização foi outro factor influenciador desta mundividência, num movimento de homogeneização da cultura, ao ponto de ainda hoje se poderem detectar características helenísticas nos fenómenos de piedade popular característicos do judaísmo contemporâneo.

No N. T., Jesus não se debruça sobre a ressurreição. Este não é, para Ele, um tema central, como são o *Reino de Deus*, a chamada à *conversão* e a *vida eterna*. A ausência do termo não anula o facto de Jesus, noutras palavras, ter expresso o sentido profundo e fundamental que o termo encerra. Na verdade, «a tradição de Jesus partilha portanto a espera da ressurreição dos justos e dos pecadores, e a entende como voltar à vida de toda a pessoa»<sup>36</sup>.

### 3.2. A ressurreição individual dos mortos

O tema da ressurreição de mortos individuais, cujo fulcro é o destino pós-mortal de indivíduos ou grupos de indivíduos de especial relevância religiosa, é um aspecto relevante para compreender o significado da ressurreição de Jesus.

A morte sempre se revestiu de grande importância em todas as religiões. Veja-se, em épocas antigas, o culto dos heróis e antepassados falecidos. Mas «só com posterioridade ao cristianismo (*nachchristlich*) surge aquele tipo do deus que morre e ressuscita, que antes se tinha como modelo da cristologia»<sup>37</sup>.

Uma objectiva contextualização, ajudará, certamente, a compreender as representações, os conceitos, os ritos, e o vocabulário, bem como a visão bíblica do destino pós-mortal. Essa contextualização deverá passar, posteriormente, pelos desenvolvimentos dos Padres da Igreja, de seguida focar a vivência dos mistérios – com contacto profundo e

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, 65.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 67.

prolongado com o cristianismo – uma vez que é de mistério que se trata, e muitos são os autores que aludem ao «misterioso destino da vida e da morte»<sup>38</sup>.

Alguns séculos antes de Cristo, proliferaram os relatos de indivíduos que ressuscitaram e/ou apareceram depois de mortos. Nestes textos, há referência explícita a *aparições* e à *ressurreição de entre os mortos*, pelo que mais do que procurar a sua veracidade «importa assinalar a presença ambiental de uma mentalidade capaz de produzir, ler e aceitar este tipo de narrações, pois faz-se patente o marco compreensivo no qual, apesar das suas importantes diferenças, se inscrevem os relatos evangélicos»<sup>39</sup>.

A análise das Escrituras permite-nos então perceber como a ideia de ressurreição está presente, e circula, mesmo que não explicitamente, num povo. A linguagem utilizada resulta, frequentemente, da necessidade de a expressar, formando-se categorias, que mais tarde tomam o nome de ressurreição. Estabelecem-se, por isso, analogias com a intenção de a tornar inteligível e manter o equilíbrio entre a continuidade e a diferença da mudança. Atendendo ao contexto, facilmente percebemos que palavras diferentes têm o mesmo significado. A conclusão a que o autor chega é que havia a esperança de que pelo menos alguns, os patriarcas e os mártires, conseguiram alcançar a vida eterna e a plena comunhão com Deus depois da morte.

#### 4. Voltar aos textos pascais

A cultura e os textos bíblicos sempre se interrelacionaram e influenciaram. Não é estranho que textos presentes nos relatos bíblicos também constem, com outra roupagem em textos de cultura, mas «é precisamente a *identidade* do fundo cultural que faz captar em toda a sua força a *diferença* bíblica»<sup>40</sup>. Esta inter-relação não põe em causa a originalidade do texto bíblico. De resto, no que diz respeito à ressurreição, «o reconhecimento do carácter

---

<sup>38</sup> *Ibidem*, 67.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 69.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 77.

culturalmente “situado” dos seus meios expressivos, não só não impede perceber a sua originalidade, mas abre a possibilidade de focá-la melhor na sua intencionalidade específica»<sup>41</sup>.

O dealbar da crítica bíblica caracterizou-se pela suspeita da pouca fidelidade aos textos, um certo ar de «impiedade» e profanação do texto sagrado. Era a defesa da imagem dos textos, que a tradição consagrara, e, simultaneamente, o medo da perda de identidade. Porém, a crítica bíblica intentava a compreensão dos textos na sua verdadeira intencionalidade. Para tal, respeitou-se a especificidade dos próprios textos, sem qualquer tipo de imposições ou apriorismos, deixando-se questionar por eles, com honestidade e disponibilidade à novidade.

Atendendo ao contexto cultural dos primeiros leitores, os textos eram tomados literalmente com naturalidade, assim eram compreensíveis e compreendidos. A nossa situação actual é distinta. A cultura actual rompeu com a correspondência inequívoca com o real. Até à morte de Jesus a linguagem é prosaica e directa, depois da Sua morte a linguagem muda radicalmente, tornando-se alcançável apenas pela linguagem simbólica, ou, no dizer de Heidegger, através da «fenomenologia invisível»<sup>42</sup>.

A tarefa de fazer compreensível hoje a mensagem do anúncio pascal é complexa e subtil. A. T. Queiruga trata dela de seguida.

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, 78.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, 82.



---

## **CAPÍTULO II – A PROPOSTA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA**

---



## A. A COMPREENSÃO ACTUAL

Para colocar a compreensão da ressurreição no contexto actual são necessários, primeiramente, o estudo do contexto original e considerar a distância temporal.

Torres Queiruga pretende aproveitar tudo o que foi dito anteriormente como meio para chegar ao cerne do assunto e a partir daí compreender o significado da ressurreição de forma actual. Efectivamente, «encontramo-nos perante uma mudança radical de paradigma, que exige um tratamento renovado»<sup>43</sup>. A mudança é lenta e progressiva, mas «a transformação acaba por impor as suas razões»<sup>44</sup>.

### 1. Os critérios: valor salvífico, significatividade e coerência

Um dos critérios decisivos para a reinterpretação da compreensão da ressurreição é o proceder, na investigação, de tal forma que fique assegurada a preservação do valor salvífico na vida religiosa da comunidade que a proclama.

Torres Queiruga inicia a reflexão a partir de algumas questões elementares para, posteriormente, se fixar no cerne do problema. A primeira é a do destino do *cadáver do Crucificado*. «Deixando de lado a questão histórica acerca de se, de facto, o sepulcro foi ou não encontrado vazio, o problema é de princípio: a ressurreição como tal implica a necessidade de que o sepulcro ficasse vazio?»<sup>45</sup>.

Hoje não se faz depender a fé na ressurreição do sepulcro vazio. Para a fé, a ressurreição autêntica envolve uma nova forma de ser, já não física, nem material, mas de outra ordem. A comunidade primitiva não teve problema em colocar na boca de Jesus estas palavras: «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, 86.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

A este respeito refere o autor:

«...a corporalidade actual de Cristo ressuscitado transcende radicalmente a condição espaço-temporal; portanto, não tem – *nem pode ter* – nenhuma das qualidades físicas que constituíam o seu corpo mortal. (...) a sua condição actual consiste justamente em romper as limitações da matéria, para entrar num modo radicalmente novo de identificação com a transcendência divina»<sup>46</sup>.

O destino do cadáver, do corpo físico, não tem implicações para a fé na ressurreição, conclui Torres Queiruga. Todavia, neste ponto é importante colocarem-se duas questões sob a forma de hipóteses: ou o corpo seguiria a sua desintegração física, normal, ou desapareceria. Esta última hipótese só seria tida como válida por confusão imaginativa de uma «“transformação” da *matéria* do cadáver, a qual passaria a ser um componente da pessoa ressuscitada»<sup>47</sup>, numa espécie de rompimento com as leis da física. O mesmo se verifica a respeito do carácter físico ou não físico das aparições. Depreende-se daqui que não se trata de algo empírico – a Deus não se pode ver sem morrer (cf. Ex 33, 20), indicativo do carácter transcendente de tal visão. Caso se visse algo, fisicamente, não seria, certamente, a realidade própria do ressuscitado. «A presença do Ressuscitado em si mesma não é acessível aos sentidos corporais e, por isso mesmo, as “aparições” na justa medida em que fossem “físicas” não poderiam ser aparições *do Ressuscitado*»<sup>48</sup>. Torna-se imperioso que haja uma interpretação para que a fé na ressurreição não seja mera ilusão, fantasia ou projecção arbitrária. Esta análise não pretende abolir as hipóteses formuladas, mas vincar a ideia de que a fé na ressurreição não depende delas.

Todo o estudo deve ter um redobrado esforço hermenêutico<sup>49</sup>. Se por um lado é de evitar a visão fisicista, por outro torna-se necessário ter critérios positivos, «que permitam calibrar a validade, significatividade e coerência na compreensão actual»<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> *Ibidem*, 87.

<sup>47</sup> *Ibidem*, 88.

<sup>48</sup> *Ibidem*, 89.

<sup>49</sup> Cf. Walter KASPER, *Jesús, el Cristo*, Salamanca, 159, 167, 169.

<sup>50</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 90.

Como foi dito, a necessidade de interpretação, que advém da contradição e discordância das narrações é por demais evidente, não só ao nível superficial, mas ao nível estrutural das narrações em si mesmas. Assim, o sepulcro vazio e as aparições podem ter um carácter misterioso, mas nas suas referências meramente deícticas (espaço e tempo) não tem por que sê-lo. De facto, o acontecimento A não pode acontecer, quanto ao espaço, em Jerusalém e na Galileia, nem o acontecimento B, quanto ao tempo, aparecer pela primeira vez a uma pessoa e aparecer também pela primeira vez a outra distinta.

Andrés Torres Queiruga insiste no «carácter *deíctico* dos dados em questão, isto é, de mera demonstração da cena ou da sua ubiquação no espaço-tempo, porque, como se vê, isso não fica afectado pela maior ou menor misteriosidade intrínseca do objecto»<sup>51</sup>. O autor realça ainda dois aspectos.

Em primeiro lugar, «*historicamente* estamos perante um dado não seguro. Mesmo reconhecendo a antiguidade das narrações e a sua coerência, que obrigam a tomar a sério a plausibilidade da descoberta, existem dificuldades igualmente sérias»<sup>52</sup>. Olhemos para a primeira carta aos Coríntios (15, 3-5) e percebemos que os binómios seguintes se apresentam como expressões fixas: morto-sepultado e ressuscitado-aparecido, isto é, o ressuscitado advém das aparições e não do sepulcro vazio. Mais, Paulo admite a desconexão ao insistir que «a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus» (1 Cor 15, 50).

Paul Althaus, citado por Andrés Torres Queiruga a partir de Wolfhart Pannenberg, sustenta que «o *kerigma* da ressurreição “não podia aguentar-se em Jerusalém nem um dia, nem uma hora, se o vazio do sepulcro não constasse a todos os interessados como acontecimento real”»<sup>53</sup>. Todavia, esta razão, sendo séria, não é apodíctica, pelo que tem uma dupla direcção: a) a narração conta com o axioma de que *teve de ser assim*, de contrário a sua

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, 91.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 92.

<sup>53</sup> *Ibidem*, 93.

veracidade seria insustentável; b) supõe-se portanto que ocorreu verdadeiramente, sem necessidade de constatação, mesmo que tal não tivesse acontecido.

Por sua vez, Rudolf Pesch, também citado por Torres Queiruga a propósito da possibilidade improvável do sepulcro vazio oferece três razões: «a) nem sequer a sepultura por parte de José de Arimateia (Mc 15, 42-47) está historicamente acima de toda a dúvida razoável; b) não se conhece o momento preciso do anúncio da ressurreição em Jerusalém; c) Mc 6, 14.16<sup>54</sup> mostra que se podia falar de ressurreição do Baptista sem necessidade de indicar o seu sepulcro vazio»<sup>55</sup>.

Da narração de Marcos dependem as restantes e nela encontramos incongruências como a ida ao sepulcro ungir o cadáver, sem pensar na impossibilidade de aceder à tumba. Daí o facto de a literatura salientar que se torna mais difícil a abertura do sepulcro do que o facto de estar vazio.

Segundo, «admitindo a historicidade do sepulcro vazio, é hoje praticamente unânime o reconhecimento de que, como tal, não pode ser considerado como *prova* da ressurreição»<sup>56</sup>, já que o «seu *carácter empírico* não pode demonstrar de maneira directa um acontecimento transcendente»<sup>57</sup>. O cadáver podia ter sido roubado, trasladado, ou alguma confusão na localização do sepulcro poderia ter ocorrido. De facto «“A tradição do sepulcro vazio, por venerável que seja, levanta mais questões do que as que resolve”»<sup>58</sup>.

Para tornar esta observação mais coerente e verosímil é necessário dar razões frente a outras alternativas, sendo necessária a sua interpretação em contexto de fé. Olhar para as narrações e dizer que a análise literal das mesmas não tem lugar, argumentando simplesmente que não existem analogias históricas, não traria nada de novo, muito menos provaria o que quer

---

<sup>54</sup> «O Rei Herodes ouviu falar de Jesus, pois o seu nome se tornara célebre; e dizia-se: “Este é João Baptista, que ressuscitou de entre os mortos e, por isso, manifesta-se nele o poder de fazer milagres”» (Mc 6, 14); «Mas Herodes, ouvindo isto, dizia: “É João, a quem eu degolei, que ressuscitou”» (Mc 6, 16).

<sup>55</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 94.

<sup>56</sup> *Ibidem*, 95.

<sup>57</sup> *Ibidem*.

<sup>58</sup> M. DENEKEN, *La foi pascal*, 302, cit. em A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 95.

que fosse. Fechar-nos-ia à novidade, à história e limitaria a aceitação de que à onipotência divina tudo é possível.

Tenhamos presente que antes de reflectirmos acerca da verdade, devemos focar-nos no sentido. Ver o Ressuscitado (ver a Deus) carece de sentido, como veremos adiante. Andrés Torres Queiruga parte da pergunta: «tem sentido afirmar que alguém vê a uma pessoa que está definitiva e radicalmente fora das condições espaço-temporais?»<sup>59</sup>.

A resposta a esta pergunta promove uma discussão sobre a existência de Deus, elaborada por Norwood Russell Hanson, que pretendia que Deus se manifestasse ao mundo empírico, numa aparição, podendo ver-se e ouvir-se. Só assim seria possível acreditar na existência de Deus. O pensamento de Hanson reflecte a forma de pensar e de estar, muitas vezes oculta, da mentalidade científica e filosófica, bem presente no ambiente cultural hodierno. Todavia, «poderá ou não crer-se na existência de Deus; mas o que não se pode é pedir para a sua realidade transcendente provas de tipo directamente empírico»<sup>60</sup>. Deus é de outra ordem. É «espiritual, infinito, transcendente»<sup>61</sup>.

Crer na ressurreição implica a fé numa vida que supera a morte, ultrapassando todos os condicionamentos de espaço e tempo, e isso «só resulta concebível pela máxima identificação do Ressuscitado com Deus»<sup>62</sup>. O crente concebe que Deus está em toda a parte, sem limites de tempo ou espaço, pela «sua grandeza, sua glória e sua divindade. Mas isso implica que *nessa mesma medida* o Ressuscitado resulta *por necessidade intrínseca* inacessível à captação sensível, necessariamente sujeita às condições do tempo e do espaço»<sup>63</sup>.

Se tomarmos as palavras no seu significado normal, ver o Ressuscitado carece de explicitação, e já não faz sentido fazer depender das aparições a possibilidade de verdade e a fé na ressurreição. Pretender provas directamente empíricas para demonstrar a realidade

---

<sup>59</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 97.

<sup>60</sup> *Ibidem*, 99.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

<sup>62</sup> *Ibidem*, 100.

<sup>63</sup> *Ibidem*.

transcendente de Deus revela-se inadequado; «nas aparições do Ressuscitado não se trata de visões físicas normais, mas *de algum tipo de “experiência” singular*. Daí que se sirva de expressões aproximativas, falando por exemplo, de “elementos visuais” ou de “fenómenos auditivos” ou de “sensações luminosas”»<sup>64</sup>. Estas conclusões parecem abandonar o plano literal e fisicista, pelo que os contornos do problema parecem mais claros, mas o cerne da questão necessita de maior concretização.

O desenvolvimento até aqui realizado, por Andrés Torres Queiruga, pretende colocar o discurso num plano de maior coerência e compreensibilidade, com um vocabulário que permitia não só manter uma certa continuidade, relativamente à tradição, diminuindo o impacto da mudança, mas também possibilitando um progressivo penetrar nas novas ideias, no novo paradigma. Assim, não se pretende, segundo A. T. Queiruga, eliminar, mas reintegrar e reinterpretar as narrações, colocando-as no seu verdadeiro significado. Tenhamos presente, por um lado, que uma teologia medianamente crítica não pode incorrer no erro de tomar as narrações sem ter em conta que estas não são testemunhos directos de tais visões e, por outro, o carácter exaltativo e mitificado de tais narrações. A conclusão a que Torres Queiruga chega é que «se trata, antes de tudo, de um resultado *negativo*: tomadas as palavras no seu sentido normal, é impossível uma *visão* do Ressuscitado, e conseqüentemente também o é a sua *aparicação* sensível»<sup>65</sup>. Ainda assim, o tratamento deve ser *positivo*, de modo a permitir avançar e progredir para uma melhor compreensão, sentido e verdade das narrações. Torres Queiruga insiste que «esse resultado só é negativo apenas na *interpretação* dos acontecimentos narrados. Por si só, não exclui que as narrações transmitam acontecimentos reais, enquanto *vivências de uma realidade objectiva* que os protagonistas interpretaram como estando a ver a Cristo»<sup>66</sup>. Assim, colocamos a reflexão em dupla direcção: por um lado, o que dizem as narrações pascais sobre o destino e a realidade de Jesus; por outro, como chegou a primeira

---

<sup>64</sup> *Ibidem*, 101.

<sup>65</sup> *Ibidem*, 103.

<sup>66</sup> *Ibidem*, 104.

comunidade a descobrir o que é dito nas narrações. A primeira coloca-nos na acção criadora de Deus, a segunda na Sua acção reveladora.

## 2. Coerência teológica: a acção de Deus

Diz-nos Andrés Queiruga que «a ressurreição é antes de tudo e sobretudo uma acção *de Deus*, que liberta Jesus do poder da morte»<sup>67</sup>, o que nos leva a concentrar o discurso no problema da acção de Deus, acção transcendente, não submetida a espaço nem tempo, que deve ser vista não como acção intervencionista de Deus em situações pontuais, nem como uma causa, mas como acção que se realiza nos acontecimentos do mundo. No dizer de Karl Rahner a acção de Deus «realiza *o* mundo, mas não realiza *no* mundo»<sup>68</sup>. A este acresce W. Kasper que diz que se Deus não actuasse assim, «“já não seria Deus, mas um ídolo”»<sup>69</sup>. Considere-se ainda Schleiermacher, também citado por Torres Queiruga, que «busca uma genuína articulação do actuar de Deus no próprio realizar-se da história e da liberdade, sem concorrências nem intervencionismos. Descobre-se Deus presente e activo ali onde se realiza “o drama do seu fazer-se solidário com o homem”, quando se compreende que só contando com ele como aquele que sustém e promove a realidade, pode o homem esperar que não se frustrasse totalmente o seu destino»<sup>70</sup>.

A propósito do intervencionismo, Torres Queiruga esclarece que os avanços científicos e tecnológicos levaram à afirmação da autonomia das leis físicas, o que teve consequências em toda a realidade mundana (social, psíquica e moral). Em resposta surge o deísmo, que tentou respeitar de tal modo a autonomia que excluiu praticamente toda a acção de Deus, que como sábio Arquitecto criou o mundo para funcionar por si próprio. Esta postura não foi bem recebida pela teologia que, contudo, a ela se acomodou<sup>71</sup>, surgindo daí

---

<sup>67</sup> *Ibidem*, 104.

<sup>68</sup> K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 112.

<sup>69</sup> Walter KASPER, *Jesús, el Cristo*, 112.

<sup>70</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 108.

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*.

um «*deísmo intervencionista*». «“Deísmo”, porque não era possível avançar mantendo a ideia de intervenções contínuas por parte de Deus, (...) “intervencionista”, porque se avança pensando a sua presença no mundo no modo de intervenções ocasionais, para circunstâncias concretas»<sup>72</sup>. Para Torres Queiruga, o exemplo mais notório de interpretação deísta intervencionista é a forma como são tratados os milagres, onde, muitas vezes, é notória a falta de cuidado na tomada de consciência de que Deus está continuamente a trabalhar pelo bem da criação, com todo o seu amor, de forma activa e não separada, o que coloca sob suspeita intervenções pontuais ou supletórias de Deus. Este é um ponto que, para Queiruga, carece de sentido ontológico e teológico<sup>73</sup>. Ao homem cabe responder a esta iniciativa divina e toda a actividade humana é já resposta. Finalmente, «a acção de Deus, precisamente porque “faz ser” o mundo, não só respeita mas fundamenta a *autonomia* das suas leis (essa era a justa preocupação que deu origem ao deísmo). Mas por isso mesmo é real, sem ser “intervencionista”, porque Deus não “está no céu” nem precisa “entrar” no mundo para actuar, mas está já sempre nele, actuando sem intermissão»<sup>74</sup>. Esta constatação nem sempre é tida como correcta, pois muitas vezes a carência de algo no mundo é atribuída a Deus. Nestas situações Ele passa a ser “visto” como passivo, Aquele que não fez tudo quanto lhe era possível.

Note-se que é o invés: Ele está sempre a actuar e por isso pode ajudar a criatura a superar a sua passividade radical, desde que a Sua acção seja, obviamente, acolhida pela criatura, porque «a verdadeira história de Deus com a humanidade realiza-se onde compreendemos e acolhemos a sua acção salvadora, de modo que se faz *para nós* o que ele é já sempre em si mesmo»<sup>75</sup>.

Conceber a acção de Deus deste modo poderá ajudar a renovar e actualizar a nossa compreensão da ressurreição. Deus ressuscita Jesus como acto transcendente, que faz com

---

<sup>72</sup> *Ibidem*, 109.

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>74</sup> *Ibidem*, 110.

<sup>75</sup> *Ibidem*, 112.

que Jesus não seja aniquilado pela morte. «A ressurreição, apesar da “horível evidência do cadáver” e a inegável destruição parcial que isso significa, afirma pelo contrário que essa quebra visível não significa desaparecimento da pessoa como tal, mas – paradoxalmente – a sua definitiva e suprema afirmação»<sup>76</sup>.

Olhar para a ressurreição à luz da acção divina proporciona novas possibilidades de compreensão. Um olhar atento para o NT permite detectar que a acção de ressuscitar tem como sujeito Deus ou o próprio Jesus Cristo, daí que «quanto mais Deus ressuscita a Cristo, mais é o próprio Cristo quem ressuscita»<sup>77</sup>. Aqui convém reflectir sobre o modo concreto da acção de Deus em Jesus. A. T. Queiruga serve-se da discussão entre H. Verweyen e H. Kessler sobre se a acção ressuscitadora de Deus teve lugar na vida de Jesus ou depois da morte. Ambos os autores acentuam diferentes perspectivas, mas não fazem mais que salientar um dos aspectos inseparáveis da acção de Deus nas criaturas: «a continuidade sempre actual da sustentação criadora por parte de Deus e a descontinuidade nos avatares da sua recepção por parte da criatura»<sup>78</sup>. Olhando a partir de Deus, torna-se mais clero que Jesus, durante a sua vida «terrena», levava consigo de tal modo a vida de Deus, que sobre Ele a morte não teria qualquer poder. Por outro lado, visto a partir de Jesus «há que falar de uma novidade na acção de Deus, enquanto recebida e actuada por Jesus na sua ressurreição»<sup>79</sup>.

### 3. Coerência teológica: a revelação de Deus

Olhar para a acção de Deus como intervencionista e milagrosa, possivelmente, é compreender a revelação como intervencionista e milagrosa. A crítica, todavia, mostrou que esta compreensão intervencionista não é aceitável. Deus não ditou os textos bíblicos, de contrário não estariam presentes na Escritura textos de outras religiões, nem haveria lugar

---

<sup>76</sup> *Ibidem*, 113.

<sup>77</sup> *Ibidem*, 114.

<sup>78</sup> *Ibidem*, 115.

<sup>79</sup> *Ibidem*.

para tantas contradições, diferenças, avanços e retrocessos, etc.. A questão colocada relativamente à acção de Deus surge também agora acerca da revelação, se a entendermos como real. Diz-nos Torres Queiruga:

«A revelação é *real* não porque Deus tenha que “entrar no mundo”, irrompendo nos seus mecanismos, físicos ou psicológicos, para fazer sentir uma voz milagrosa; é real porque ele está já sempre “falando” no gesto activo e infinitamente expressivo da sua presença criadora e salvadora. (...) Em definitivo, a revelação consiste em “perceber” Deus que como origem fundante e amor comunicativo está “já dentro”, habitando a criação e manifestando-se nela»<sup>80</sup>.

Tal como já abordado relativamente à acção de Deus, se a revelação se dá de forma lenta e difícil, não é por «culpa» de Deus, mas do homem, pela sua pequenez, impotência e malícia<sup>81</sup>.

Torres Queiruga afirma que «se Deus não quisesse manifestar-se, nada saberíamos dele! Mais ainda: na realidade, nenhum conhecimento *concreto* e real de Deus resulta possível por simples iniciativa humana, pois – sempre e por necessidade estrita – só pode dar-se como resposta à sua iniciativa»<sup>82</sup>. Esta é, com efeito, a definição de revelação.

Assim sendo, a revelação divide-se em dois momentos fundamentais: a origem e a comunicação. A origem da revelação está na captação do que Deus, através da realidade, nos quer dizer, ou seja, «a maravilha da criação consiste em que ela tem a capacidade expressiva: “os céus cantam a glória de Deus”; e a maravilha do espírito humano é que não só a expressa (...) mas que, além disso, pode adverti-la, “escutando” e decifrando a sua voz»<sup>83</sup>. Deus revela-Se na situação concreta, quem muda não é Deus, mas o homem que transforma a sua vida ao descobrir a presença de Deus nela. Deus não muda em si mesmo, mas para nós. Daqui nasce o segundo momento: o da comunicação. Para que a comunicação aconteça, e a revelação se dê, é necessário «o “inspirado”, o profeta, tem um papel fundamental e indispensável, pois é o pioneiro, o que descobre e abre caminhos. Sem ele a presença de Deus

---

<sup>80</sup> *Ibidem*, 118.

<sup>81</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>82</sup> *Ibidem*, 119.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

continuará desconhecida e inédita»<sup>84</sup>. Recorde-se a este respeito que o autor da Carta aos Romanos diz que a «fé chega pelo ouvido» (Rom 10, 17). O profeta chega a todos, porque aquilo que ele capta é para todos, diz respeito a todos e implica todos. Aquilo que o profeta diz é aceite por todos, e, porque se revêem no que o profeta diz, já não precisam dele para o comprovar, todos podem eles mesmos comprovar pela sua própria experiência: «já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo» (Jo 4, 42). Assim, «a revelação como maiêutica só pode ser aceite pelo sujeito quando este *se* reconhece no que ela propõe, isto é, quando *graças a ela se encontra* em condições de “dá-lo à luz” *por si mesmo*»<sup>85</sup>.

A aplicação desta explicação à fé na ressurreição processa-se de igual forma: «também a fé na ressurreição deve realizar-se dentro de idêntica estrutura»<sup>86</sup>.

Saliente-se que a teologia cristã não se pode contentar com a autoridade da Bíblia, antes deve tê-la em conta, mas ir mais além, para que a problemática da ressurreição se torne credível, compreensível e coerente no confronto com o actuar divino e com a revelação, até porque uma compreensão coerente da ressurreição implica, até certa medida, uma certa «verificabilidade»<sup>87</sup>. A esta «vai unida a necessidade de esforçar-se por descobrir a revelação transcendente *na realidade histórica*, concretamente na realidade humana de Jesus de Nazaré e no contexto religioso e cultural em que viveram ele e os seus discípulos»<sup>88</sup>. Obviamente, esta descoberta desloca-se do campo da tendência apologética, que coloca a ressurreição como um milagre, e a «leitura crítica da Bíblia mostrou com sobrada evidência que a realidade da presença divina na história da salvação – na história da humanidade – assim como a sua revelação para nós, não dependem da letra das narrações em que nos é manifestada»<sup>89</sup>. Por exemplo, não é preciso aderir às narrações que Deus enviou todas aquelas

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, 121.

<sup>85</sup> *Ibidem*, 122.

<sup>86</sup> *Ibidem*.

<sup>87</sup> Cf. *Ibidem*, 123.

<sup>88</sup> *Ibidem*.

<sup>89</sup> *Ibidem*, 124.

pragas sobre o Egípto, que a vara se transformara em serpente, que o mar vermelho se abriu formando dois muros, que Moisés viu a sarça que não se consumia, para acreditarmos que em cada uma das situações, e muitas outras que podíamos citar, se reconhece a presença de Deus. Também nos relatos dos acontecimentos pascaís, no sepulcro vazio e nas aparições, não é necessário que acreditemos sem sombra de dúvida que os protagonistas viram a Cristo com os seus olhos, ouviram a Sua voz com os seus ouvidos, comeram com Ele à mesa, para crer que todos descobriram que Jesus continuava real e verdadeiramente vivo e presente na história e, concretamente, nas suas vidas.

Para melhor compreender a situação actual, e para que o discurso seja significativo e o sentido religioso íntegro, bem como mantida a coerência de conjunto, A. T. Queiruga serve-se dos estudos de W. Pannenberg, que influenciou: «1) na renovação da cristologia, levando-a a um realismo que buscar descobrir “desde baixo”, desde a real humanidade de Jesus de Nazaré, a revelação da sua divindade; e 2) na nova compreensão da revelação, libertando-a do sobrenaturalismo extrínsecista e autoritário»<sup>90</sup>. De facto, Pannenberg insiste, com razão segundo Queiruga, na necessária superação do literalismo da Escritura, apontando para a fundamentação racional da fé na ressurreição, no sentido de esclarecer a sua racionalidade, para que tanto ontem como hoje se torne compreensível, aceitável, e sobretudo credível (digno de fé). Torres Queiruga admite, ainda, analisando o estudo de Pannenberg, que, com ele, o mundo teológico se movimentou e a discussão foi reanimada, embora Pannenberg não tenha conseguido retirar da questão uma plena consequência, porque em vez de a buscar na própria realidade histórica, insistiu nas aparições e no sepulcro vazio, como sucessos milagrosos; «o carácter especial das aparições, assim como o carácter negativo do desaparecimento do cadáver, diluem mas – na precisa medida em que os apresenta como argumentos *históricos* – não anulam o ser carácter de milagre, no sentido tradicional»<sup>91</sup>. Para Queiruga, tomar como provas históricas acontecimentos que implicam uma especial

---

<sup>90</sup> *Ibidem*, 125.

<sup>91</sup> *Ibidem*, 126.

intervenção divina, como as aparições – com intervenção no mundo físico, fazendo visível o invisível – e o sepulcro vazio – fazendo desaparecer ou aniquilar um cadáver – não faz sentido.

Andrés Torres Queiruga analisa, além disso, a «resposta» de Pannenberg a J. Moltmann e W. Kasper. A estes «que insistem no carácter transcendente, escatológico, e por tanto não “histórico” da vida ressuscitada, responde com razões que mais que respostas case parecem evasivas. / A Moltmann contesta, insistindo no carácter de *acontecimento* da ressurreição, algo que este não nega, enquanto não se o qualifique de acontecimento “histórico”. Por outra parte, tentar mostrar essa historicidade na afirmação de acontecimento de que a ressurreição “acontece num tempo determinado”»<sup>92</sup>. Todavia, não se trata disso, diz Queiruga. Ezequiel pode em algum momento ter intuído que Deus era salvador único e universal, mas isso implica unicamente a historicidade do seu acto de intuição<sup>93</sup>.

Contestando Kasper, Pannenberg «afirma que qualificar de “histórico” não significa que “a sua facticidade não possa ser discutida”»<sup>94</sup>. Porque o que se trata é que «“o conteúdo dessa afirmação pode suportar o exame histórico, sem prejuízo de ajuizamentos distintos e controversos”»<sup>95</sup>. A possibilidade desse exame é o que nega Kasper (algo pode ser certo, mas pode não ser histórico).

Para Queiruga, «não se pode estudar a ressurreição como se fosse um questão isolada na compreensão do mistério e do destino de Jesus de Nazaré (...) porque nela se se conjugam a máxima importância e a máxima dificuldade, resulta imprescindível buscar a sua integração dentro do contexto global»<sup>96</sup>. Para tal, é necessário desvelar a humanidade de Jesus para que dela resulte possível desvelar o mistério da sua divindade. Daqui surge uma cristologia indirecta<sup>97</sup> que se fundamenta em indícios perceptíveis a partir do agir, falar e viver de Jesus.

---

<sup>92</sup> *Ibidem*, 126-127.

<sup>93</sup> Cf. *Ibidem*, 127.

<sup>94</sup> *Ibidem*.

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> *Ibidem*, 128.

<sup>97</sup> Cf. *Ibidem*.

De facto, a ressurreição deve ser lida, pelo seu carácter transcendente e não mundano, na humanidade de Jesus, e olhar para o modo concreto de viver e de morrer do próprio Jesus; «resulta inegável a evidencia, pelo menos, de um *deslocamento* nesta direcção: ressurreição já não como milagre, não enlace intrínseco entre crer nela e a necessidade do sepulcro vazio, desfocamento do carácter “espectacular” e “objectivante” das aparições, incomodidades na sua qualificação como acontecimento “histórico”...»<sup>98</sup>.

Esta nova visão permite incluir a ressurreição num movimento cristológico de conjunto, o que impede considerar a maior afirmação da divindade como diminuição da sua humanidade; «quanto mais humano se nos manifesta Jesus, melhor brilha através dele o mistério da divindade; quanto mais brilha o mistério, mais se fortalece a sua realíssima humanidade»<sup>99</sup>.

O mesmo sucede, no entender de Torres Queiruga, com a ressurreição, já que o mistério pascal necessita de «encarnação» histórica e concretização espiritual. A fundamentação da fé na vida e morte de Jesus, como história real, não impede a possibilidade de revelação *a nós*, nem a sua verdade como acontecimento real. Tal como a Cristologia procura compreender o mistério de Jesus como Cristo com novas conceptualizações e novas categorias, também podemos começar a compreender a ressurreição de maneira nova, já que o que pode perder em espectacularidade, «*ganha em realismo autêntico e aproximação à vida e à morte dos cristãos*»<sup>100</sup>. A integração cristológica permite resituar a ressurreição no conjunto da vida e pregação de Jesus.

«A importância da ressurreição continua a ser fundamental. Se a vida e a realidade de Jesus ficasse totalmente aniquiladas na cruz, o seu significado como figura salvífica ficaria reduzido drasticamente, pois só levantaria diante de nós uma esperança que, por sua vez, ficaria igualmente aniquilada pela morte. A fé na ressurreição converte-se assim em *condição necessária e imprescindível*, para

---

<sup>98</sup> *Ibidem*, 129.

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> *Ibidem*, 130.

a compreensão do seu mistério. Mas isso não implica que deva ocupar todo o espaço nem, em princípio, que deva ser ele eixo central da sua pessoa»<sup>101</sup>.

## B. NASCIMENTO E SIGNIFICADO DA FÉ NA RESSURREIÇÃO

Até aqui o caminho percorrido foi longo, mas necessário em ordem ao aprofundamento do conceito de ressurreição: mudança de paradigma cultural; necessária superação da leitura fundamentalista dos textos pascais; contextualização religioso-cultural e por fim os pressupostos teológicos necessários para a legitimidade, significatividade e coerência de toda a interpretação actual.

Agora trata-se de responder à pergunta sobre o que podemos saber sobre a ressurreição.

A análise de Torres Queiruga busca o máximo contacto com as perspectivas actuais, mas não se obriga a seguir os esquemas mais usuais, mas reconstruir o significado para se aproximar da estrutura fundamental do mistério da fé na ressurreição.

### 1. O comum religioso na diferença bíblica

#### *1.1. A vida para além da morte nas religiões*

A história da humanidade e o campo religioso estão marcados sempre por alguma forma de crença na sobrevivência para além da morte. Esta crença está presente desde sempre e foi e é traduzida pelas distintas religiões de forma diferenciada: a vida para além da morte, eis a matriz comum, dentro das configurações específicas.

A ressurreição representa «a configuração específica que a matriz comum alcançou na tradição bíblica. O que fizeram os primeiros cristãos foi re-configurá-la de novo, seguindo o

---

<sup>101</sup> *Ibidem.*

impacto causado pela morte de Jesus de Nazaré e pelas experiências e interpretações que suscitou»<sup>102</sup>.

Todo o diálogo entre religiões deve, nas diferenças específicas, reconhecer e respeitar a verdade comum, sem relativismo. A compreensão da ressurreição consiste em ver a diferença na continuidade. Continuidade pela crença em que a vida não acaba com a morte, mas prolonga-se pela configuração concreta e específica que se dá em cada religião. Assim, será possível a coerência e o aprofundamento de cada visão, tanto dentro da religião cristã, como no âmbito de outras religiões.

No entender de A. T. Queiruga, duas são as frentes principais em que se deve dar a confrontação com a compreensão bíblica, atendendo à situação cultural do presente: a de raiz grega e a de raiz oriental.

### *1.2. Ressurreição bíblica e imortalidade*

Desde já é necessário ter em consideração que o helenismo conviveu e contactou intensa e profundamente com a Bíblia, não obstante, «abundam até à exaustão afirmações da sua incompatibilidade radical»<sup>103</sup>. A uma mesma pergunta respondem de modos diferentes. O mesmo acontece no campo conceptual – um mesmo termo tem significados e alcances diversos. Para a nossa abordagem, seguindo o entender de Torres Queiruga, é necessário um diálogo realista que distinga bem ambos os níveis.

Sobre este aspecto são elucidativos os tratamentos de Joseph Ratzinger, Gisbert Greshake e Gerhardt Lohfink. O primeiro acolhe o dualismo alma-corpo e a imortalidade natural da alma, os segundos acentuam a unidade antropológica e a gratuidade da imortalidade. Não se trata, a este nível, de fazer juízos sobre as posturas adoptadas, já que todas têm o seu fundamento e delas se podem tirar conclusões profícuas relativamente ao

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, 134.

<sup>103</sup> *Ibidem*, 138.

pensamento e à investigação, ainda que realçar as diferenças possa ser um trabalho meritório. Na verdade, «as diferenças podem ser aproveitadas como complemento, iluminação e inclusivamente contraste que ajuda a elaborar a própria compreensão»<sup>104</sup>; delas deve surgir o justo equilíbrio. Assim, no entender de Queiruga, «Ratzinger agarra-se mais ao peculiarmente “sistemático” da contribuição helénica, como são o dualismo e a imortalidade natural (ainda que reconhecendo, claro está, que “a fé cristã teve que intervir corrigindo e purificando”). A postura de Greshake-Lohfink, por outro lado, reduz-se mais ao comum, ao “profundo parentesco nas intenções determinantes”»<sup>105</sup>. Sem desconsiderar as posturas, mas não aprofundando demasiado, o que desviaria da intenção inicial, Torres Queiruga afirma: «o mais próprio da religião bíblica radica no seu sentido de comunhão pessoal com o Deus que é fiel em seu amor, justo no seu juízo e soberano sobre a vida e a morte em seu poder, o que, em comparação com a grega, caracteriza e especifica a sua ideia da superação da morte – da ressurreição – são duas notas fundamentais: a *gratuidade* divina e a *integridade* humana»<sup>106</sup>.

A gratuidade fundamenta-se no princípio de que falar de ressurreição é falar de uma vida dada ao Homem, que per si é imortal: a vida eterna como dom divino. O Homem é criatura, como tal débil, necessitado, sempre dependente do seu criador, que se torna dom que dá vida para que a criatura se mantenha no ser. Desta forma, pensa Andrés Torres Queiruga: «resulta mais coerente afirmar que por si mesmo o homem – igual que todo o ser vivo que começa – é *mortal*, nem sequer “indestrutível” enquanto homem; de modo que a morte acabaria simplesmente com ele se o amor de Deus não o sustentasse gratuitamente»<sup>107</sup>.

A integridade humana é uma constante na antropologia bíblica. O pensamento bíblico está marcado não só pelo carácter unitário do homem, mas também pelo carácter pessoal da relação com Deus. Na Sagrada Escritura é a pessoa toda, e não apenas uma parte, que está em jogo quando se fala de ressurreição. Mesmo aqueles que prevalecem com formulações

---

<sup>104</sup> *Ibidem*, 140.

<sup>105</sup> *Ibidem*.

<sup>106</sup> *Ibidem*, 141.

<sup>107</sup> *Ibidem*, 142.

dualistas ou defendem a imortalidade natural insistem na ideia de que quem morre não é o seu corpo ou a sua alma, mas o Homem em si mesmo. «Essa integridade da pessoa com tal é o fundo religioso que se pretende afirmar com a ideia de ressurreição, e a ela aludirá a insistência na ressurreição»<sup>108</sup>.

### 1.3. Ressurreição e reencarnação

Nesta secção, teremos em conta as notas fundamentais que especificam a ideia bíblica em contraponto ao mundo oriental: o carácter pessoal e a sua unicidade.

A ideia bíblica de ressurreição fica marcada pelo seu carácter pessoal; note-se de resto que já o pensamento indiano se caracterizava pela insistência em que o Absoluto é a única realidade verdadeira, desvalorizando aquilo que é material e tido como aparência. Todavia, convém assinalar que este pensamento tem um fundo de algum tipo de vivência pessoal, só que, tematizado, acaba por afirmar o impessoal.

Toda a abordagem sobre este assunto não deve desvalorizar nenhuma das posturas existentes, mas procurar o comum, o complementar, sem cair em extremos ou fundamentalismos, procurando a abertura conducente ao necessário diálogo.

Segundo Torres Queiruga, «o enfoque bíblico, justamente porque se apoia em *categorias de carácter pessoal*, oferece possibilidades melhores, até ao ponto de que este aspecto constituir uma das suas maiores contribuições à história religiosa da humanidade»<sup>109</sup>. O autor refere ainda a necessidade de diálogo com o Oriente e a fecundidade que isso nos traria, mas salvaguarda que não seria profícuo, nem desejável, que se perdesse o «pessoal».

A importância do carácter pessoal da ressurreição bíblica radica no princípio de que «Deus pode salvar a pessoa humana finita, levando-a à plenitude que tentam exprimir as

---

<sup>108</sup> *Ibidem*.

<sup>109</sup> *Ibidem*, 144.

diversas concepções da vida para além da morte»<sup>110</sup>. As categorias do pensamento humano que melhor podem fazer compreender o mistério da comunhão com Deus, e ainda que esta comunhão não leve à diluição do indivíduo mas à sua afirmação, são precisamente as pessoais. A Oriente, a carência deste tipo de categorias pessoais é inegável; ainda assim essa carência não implica que a experiência religiosa seja diferente da nossa, que a exprimimos com categorias pessoais. Assim, ainda que para nós soe impessoal, para eles pode ser vivenciada como pessoal. Na perspectiva de Andrés Torres Queiruga, a postura Ocidental deve ser a de «aproveitar a complementação que a partir delas pode vir»<sup>111</sup>.

A unicidade é o aspecto mais relevante quando se fala em reencarnação, reincorporação, metempsicose, etc.. As suas motivações são variadíssimas: sociopolíticas, psicológicas, teológicas, etc., mas entre elas avulta uma com especial relevância e que se prende com a concepção antropológica – o corpo é algo que escraviza, sendo necessário libertar-se dele. Por contraponto, a ideia bíblica de criação, solidária com o carácter pessoal, catapultá-nos para uma valorização do indivíduo, da sua identidade e da sua história enquanto processo único e irreversível, onde o Homem se realiza. Na Sagrada Escritura, não há repetição de vidas: cada indivíduo é único e uno, e é através destas características que ele se relaciona com o criador. Assim, expressa Queiruga: «a concepção bíblica da ressurreição está íntima e inclusive indissolúvelmente unida à ideia de uma história que, para o indivíduo e para a humanidade, se apresenta como um caminho único; de tal modo que, partindo do amor criador de Deus e acompanhada por ele, se desenrola num tempo irreversível para alcançar a plenitude na comunhão definitiva da salvação final»<sup>112</sup>.

---

<sup>110</sup> *Ibidem*, 145.

<sup>111</sup> *Ibidem*, 146.

<sup>112</sup> *Ibidem*, 149.

## 2. Os pressupostos próximos da diferença

### 2.1. *Uma colocação correcta do problema*

Resumindo, em traços gerais, a abordagem já enunciada podemos salientar quatro pontos.

Primeiro, a ideia bíblica da ressurreição: «salvação e realização plena da pessoa como tal (não de uma parte da mesma) como dom gratuito de Deus, que supõe a máxima afirmação da própria individualidade enquanto culminação do processo irreversível de uma vida que, criada por Deus, entra em comunhão definitiva com ele»<sup>113</sup>. Esta ideia constitui o fundo vivencial dos discípulos, quando estes tiveram que interpretar concretamente a ressurreição de Jesus.

Segundo, a complexidade da linguagem (palavras, conceitos, imagens) de que a comunidade primitiva dispunha para concretizar e tornar mensagem um acontecimento – a ressurreição.

Terceiro, à ideia bíblica de ressurreição e à complexidade dos recursos linguísticos, acrescenta-se o impacto da vida de Jesus de Nazaré, intensificado pela forma como ocorreu a sua morte e sucessivos desenvolvimentos.

Quarto, a análise das narrações de forma a que a mensagem se torne compreensível e actualizada, tendo em conta a cultura vigente.

Como explicitado anteriormente, toda a abordagem hermenêutica reveste-se de riqueza, abertura, novidade, mas também de dificuldades, dúvidas e desconhecimento. Os textos disponíveis são as narrações presentes no Novo Testamento e o acontecimento – ressurreição – vai longe para que possamos colher testemunhos oculares. Todavia, há duas notas importantes:

---

<sup>113</sup> *Ibidem*, 151.

- a. «Devido ao seu carácter transcendente, não se trata de acontecimento propriamente histórico»<sup>114</sup>;
- b. Por isso mesmo, não se trata de uma realidade passada, mas de uma presença permanente – Jesus, pela sua íntima comunhão com Deus, permanece presente e vivo, ontem, hoje e sempre.

Andrés Torres Queiruga chama a atenção para duas posturas a tomar: i) não fazer juízos das novas propostas à luz de pressupostos antigos e, por isso, desactualizados; b) distinguir o que é a realidade da ressurreição e o modo de se descobrir esta realidade, o que implica que quando se nega ou coloca em questão a forma de interpretar a realidade, não se negue necessariamente ou coloque sob suspeita a realidade em si (ressurreição).

## 2.2. Uma experiência não milagrosa

A ressurreição, como já fomos dizendo, não é um acontecimento igual a tantos outros, mas uma novidade. É uma situação nova, especial e por isso «falar da novidade ou do carácter específico da ressurreição de Jesus – portanto, de uma nova situação – supõem que *teve que haver uma experiência nova*»<sup>115</sup>.

Torres Queiruga não envereda pelo indefinível problema do próprio conceito de experiência e assume-a na sua acepção mais óbvia: «encontro consciente da experiência da ressurreição»<sup>116</sup>. Por conseguinte coloca a pergunta: Qual a novidade da experiência da ressurreição?

A ressurreição é uma realidade de carácter transcendente, pelo que não é empiricamente comprovável. Ainda assim, não é possível negar a realidade em si mesma. Recorde-se que, segundo Torres Queiruga, «exclui-se o carácter estritamente *milagroso* dos

---

<sup>114</sup> *Ibidem*, 151.

<sup>115</sup> *Ibidem*, 152.

<sup>116</sup> *Ibidem*, 153.

acontecimentos pascais»<sup>117</sup>. Ainda que na prática esta exclusão não seja notória, dado que somos herdeiros de uma cultura que aceita relativamente bem o milagre, tido como «normal», contudo, o ambiente positivista e cientificista traz outros desafios: a aceitação não é tão notória, ou seja, aquilo que não é comprovável científica ou empiricamente é tido como não experiência, falso ou inexistente. Assim, afirmar hoje a presença, não empírica, do Ressuscitado é correr o risco de estar a afirmar algo não aceite, não compreensível pela cultura supramencionada, o que pode levar à negação da realidade da ressurreição. Outro dado a considerar é a tendência para pensar que toda a experiência deve ser feita a partir de dados pontuais e concretos ou de fenómenos particulares. De resto, já Aristóteles falava em experiência singular como «resultado integrado de diferentes “experiências”»<sup>118</sup> – aquilo que poderíamos designar de carácter acumulativo. Com efeito, no âmbito da ressurreição não pode deixar de referir-se esta experiência global ou experiência de conjunto.

Os discípulos tiveram de integrar a sua tradição religiosa, a sua convivência com Jesus, o impacto da sua morte, bem como todos os acontecimentos que sucederam, com um dado novo, a ressurreição de Jesus, o qual levou os discípulos a reconfigurarem os seus conceitos, a sua acção, a relação, no fundo a sua realidade vital. Neste sentido, adianta A. T. Queiruga, «só tomando consciência de que Jesus não ficou anulado pela morte, mas que ele mesmo em pessoa continuava vivo e presente, ainda que num novo modo de existência, podiam eles compreender-se a si mesmos, a Jesus e a Deus em quem acreditavam»<sup>119</sup>.

Já tivemos oportunidade de compreender que a existência de Deus não é comprovável empiricamente. A sua «prova» pertence a outra ordem que não a empírica, e, por isso, não podemos pensar a existência de Deus senão através de experiências ou fenómenos particulares, donde resulta uma experiência de conjunto, por esses fenómenos ou experiências

---

<sup>117</sup> *Ibidem.*

<sup>118</sup> *Ibidem*, 154.

<sup>119</sup> *Ibidem*, 155.

concretas e particulares despertarem a consciência e impelirem à reflexão; uma reflexão conduz a uma descoberta que é um resultado de conjunto.

Note-se que não podemos pensar as «aparições» como acontecimentos empíricos. Não podemos buscar provas físicas da existência de Deus, bem como intervenções físicas deste; da mesma forma não se pode deixar de afirmar a existência de Deus, só porque os parâmetros meramente mundanos nos impedem de o afirmar.

O processo da revelação tem desenvolvimentos semelhantes. Os textos bíblicos não são ditados divinos, provêm de uma profunda reflexão religiosa, a partir de novas situações em que se reconhece a presença de Deus. A reflexão religiosa «descobre o que Deus nos quer manifestar, não através de intervencionismos físicos, mas da capacidade significativa que adquirem certas situações ou vivências mundanas ou históricas»<sup>120</sup>. Esta descoberta não só é nova como é real, porque a descoberta manifesta ou dá a conhecer uma qualidade real de Deus, que se quer dar a conhecer, a revelar. A «iniciativa» é de Deus, suscitada por ele, é Ele que se revela, e por isso, «toda a religião se vive como revelada»<sup>121</sup>.

### 3. A ressurreição de Jesus como referência cristã

A fidelidade às raízes vetero-testamentárias permitiu à reflexão teológica debruçar-se sobre o mistério da ressurreição de Jesus de Nazaré. Além disso, elas também permitiram à comunidade primitiva interpretar, compreender e dar sentido à nova situação, diferente mas em continuidade com a tradição, além de reconhecer na nova situação a presença de Jesus ressuscitado.

---

<sup>120</sup> *Ibidem*, 156.

<sup>121</sup> *Ibidem*.

### 3.1. Intensificação e individuação

Tenhamos presente que os textos neotestamentários se situam no plano da continuidade da fé presente em toda a tradição bíblica, fruto de um longo e profundo processo revelador. Todavia, com Jesus de Nazaré (a sua vida, morte e subsequentes acontecimentos) há algo de diferente, uma diferença que deve ser pensada em duas linhas: a intensificação e a «suma individuação»<sup>122</sup>.

A intensificação refere-se ao facto de a ressurreição de Jesus não ser distanciada. Quando Jesus ressuscita, não abandona a história nem o contacto com ela, muito menos deixa a comunidade, antes torna-se presente numa forma nova, não no passado, mas presente e actuante. Também não fica, como promessa para o futuro, a aguardar a sua plenificação, estando já em plena glória, Senhor que dá o Espírito. Esta intensificação «responde ao próprio ser de Jesus. Ele foi percebido, com clareza crescente, como anúncio e culminação da presença de Deus na história humana»<sup>123</sup>.

A suma individualização é uma expressão da autoria de Andrés Torres Queiruga que sublinha que «individual era já, certamente, a ressurreição na concepção bíblica, pois o carácter pessoal constitui, como vimos, uma nota típica da mesma»<sup>124</sup>. Em Jesus alcança-se a culminação incomparável: já não se espera a ressurreição colectiva no final dos tempos, nem ela se manifesta em personalidades individuais, mas está presente nos fiéis e na comunidade, como seu «corpo».

Acreditar na ressurreição de Jesus é incluir-se no seu seguimento, entrar no dinamismo do Reino, por Ele anunciado e instaurado, seguir o Seu estilo de vida, os Seus passos, esperando a ressurreição, vivendo já como ressuscita(n)dos.

---

<sup>122</sup> Cf. *Ibidem*, 162.

<sup>123</sup> *Ibidem*, 163.

<sup>124</sup> *Ibidem*, 164.

### 3.2. *Ressurreição de Jesus e continuidade da causa*

Tendo em conta os acontecimentos pascais, Jesus e a sua «causa» tornam-se indissociáveis. Se Jesus não está vivo, presente e actuante, não tem sentido que continue a sua causa, muito menos proclamar a verdade da sua ressurreição. Ao mesmo tempo, se essa verdade pode ser proclamada, com fé na sua ressurreição e presença, é impossível não incluir nela o seguimento da causa. Além de narrativa, os textos são testemunho, anúncio, com uma carga implicativa ao elucidarem, implicarem e comprometerem quem fala e quem escuta. Torna-se evidente que se Jesus não fosse confessado como vivo, presente e actuante, essas narrações careceriam de sentido. «As narrações pascais só resultam inteligíveis contando com a presença do Ressuscitado. Presença que conserva a *identidade* pessoal, apesar da grande ruptura da morte; e que é real, apesar da inevitável invisibilidade empírica»<sup>125</sup>.

## 4. A ressurreição de Jesus como ruptura do mito

### 4.1. *Distinguir para unir*

Na busca de sentido, compreensão e actualização da ressurreição, há um exercício fundamental: interpretar. As interpretações sobre uma mesma realidade podem ser múltiplas, mas é importante que a partir da multiplicidade de interpretações possíveis se procure um ponto, ou vários, em comum, tornando possível a unidade na diversidade. Essa é a intenção de Torres Queiruga, que defende que quando interpretamos a realidade que acreditamos ter sido a ressurreição de Jesus, estamos conscientes de que nunca se retirará de tal uma interpretação plenamente satisfatória. Por isso, há necessidade de procurar sempre novas formas de interpretar e torna-se impossível não nos debatermos com o conflito entre interpretações, ou estarmos sujeitos a um certo pluralismo. Será o diálogo a «arma» apropriada para uma atitude

---

<sup>125</sup> *Ibidem*, 166.

de humildade perante o mistério que se tenta interpretar e que presidirá a todos os diálogos entre teólogos e respectivas interpretações.

#### *4.2. Desmitificação radical contra mito formal*

O mito está presente na tradição bíblica, espelhando a concepção mítica do mundo por parte do povo de Israel. Também no Novo Testamento essa concepção se faz presente, com diferentes acentuações e manifestações. Todavia, e como assinalou Bultmann, no Novo Testamento há uma decidida tendência desmitificadora.

As narrações, como já tivemos ocasião de abordar, tiveram que lidar com a tensão entre a nova situação, a cosmovisão e os meios disponíveis para se expressarem.

Refira-se ainda que quando Torres Queiruga aborda o mito, encara-o em duas notas fundamentais que prioritariamente assinalava Bultmann: 1) uma cosmovisão onde o céu estava em cima, o inferno em baixo, e entre o céu e o inferno, a terra, onde combatiam os poderes celestiais e os demoníacos; 2) uma concepção objectivante, em que a acção de Deus é encarada como um intervencionismo mundano.

A tensão que envolve as narrações pascais, e estas não interpretadas literalmente, é evidente, daí que devamos olhar primeiramente para o espírito que as anima, antes de mais.

#### *4.3. O exemplo das aparições*

Saliente-se, primeiramente, o carácter «não material», «não empírico» das aparições. Assim, constatamos que estas não obedecem aos parâmetros «normais» de espaço e tempo, como os acontecimentos quotidianos. A ressurreição não é uma revivificação de um cadáver que retoma a corporalidade material no espaço. Também não se trata de uma presença durante o seu tempo (quarenta dias segundo o livro dos Actos dos Apóstolos) na terra; assim se

percebe que as narrações das aparições não estejam inscritas nos parâmetros de espaço-tempo<sup>126</sup>.

#### 4.4. A crucifixão como «exaltação»

Olhando para os textos bíblicos com maior profundidade, podemos constatar que têm inscrita uma força desmitificadora, com recurso a registos de linguagem diferenciados, mas com a intenção de expressar, exaltando, o mesmo acontecimento: ressurreição. «Ressuscitar é já também ser exaltado, isto é, introduzido num modo de existência alheio às leis do espaço-tempo (...) A ressurreição mostra-se assim como a entrada num modo de vida distinto, livre da objectivação mitologizante: como vida no Espírito, glorificada, universalizada e identificada com a vida de Deus»<sup>127</sup>.

Ao conjugar elevação física com glorificação, os textos rompem com o mito, uma vez que morte e ressurreição coincidem. Cristo ao morrer no alto da cruz, já vive glorificado «à direita do Pai» (Cf. Mc 14, 62).

O mito levava as pessoas a pensar na ressurreição como algo a esperar no final da história, algo distante no tempo<sup>128</sup>. Com Cristo, pelo contrário, cresce a consciência de que ele continua a viver depois da sua morte: «Jesus em pessoa, o próprio, com toda a força e riqueza da sua identidade pessoal, está já ressuscitado»<sup>129</sup>. Esta é a novidade cristã que mais contribuiu para a desmitificação. Todavia, dada a intensidade da novidade tornou-se difícil expressá-la, daí que se tenha recorrido a expressões objectivantes em ordem a traduzir em corporeidade física a identidade pessoal.

---

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*, 170.

<sup>127</sup> *Ibidem*, 172.

<sup>128</sup> Cf. *Ibidem*, 175.

<sup>129</sup> *Ibidem*, 174.

Assim sendo, destacam-se dois pontos de relevância: 1) a revelação – qual o caminho percorrido pelos discípulos para chegar a esta constatação; e 2) as consequências desta nova visão para a compreensão da ressurreição dos mortos em geral.

## 5. Como se chegou à fé na ressurreição

### *5.1. Lugar, sentido e níveis da pergunta*

Queiruga recorda que a crítica bíblica se afastou do campo da leitura literal dos textos pascais, com a conseqüente superação do carácter excessivamente factivo dos mesmos. Recorda ainda a continuidade orgânica da ressurreição de Jesus relativamente à tradição bíblica, bem como a não necessidade de milagres excepcionais ou de concepções objectivantes para assegurar a ressurreição como real e inscrita na história como novidade abundante, cunhada na dinâmica global do processo revelador. Assim, chegamos ao cerne da questão: como chegaram os apóstolos à constatação da ressurreição de Jesus?

Em primeiro lugar, não é de estranhar que uma comunidade que acreditava, com fé, no Deus fiel e justo, Deus de vivos e não de mortos, que acreditava na ressurreição de personagens com missões especiais (Elias, João Baptista), tenha assimilado a ressurreição de Jesus de Nazaré, o que fez com que essa fé se tenha intensificado, consolidado e tenha atingido o seu cume no caso específico de Jesus Cristo – como constata Andrés Torres Queiruga.

Trata-se de acontecimentos e experiências especialmente vivas, aplicados a uma fé já adquirida, «aplicada» a Jesus de Nazaré. De facto, com Jesus há acontecimentos que rompem toda a lógica humana: dão que pensar, criam inquietação, instauram novidade e alcançam um realismo e intensidade únicos.

«A experiência de revelação não cria a realidade, mas descobre-a; esta estava já aí, mas não se percebia. (...) Os discípulos compreenderam que Cristo estava

ressuscitado e compreenderam que se o compreendiam foi porque era ele – e Deus através dele – quem *ativamente* se lhes estava a manifestar e a tratar de dar a conhecer por meio dos distintos componentes, objectivos e subjectivos que constituíam aquela peculiaríssima situação»<sup>130</sup>.

Para chegar a factores mais concretos importa considerar os mais fundamentais e os mais circunstanciais. O primeiro dos quais é apresentado em seguida.

### 5.2. A crucifixão como «dissonância cognitiva»

A cruz foi um escândalo. Jesus morreu talvez da forma mais violenta, moral e fisicamente, que existia no seu tempo. Ao ler os relatos da paixão de Jesus de Nazaré, apercebemo-nos da ausência dos discípulos, sobretudo dos Doze. Não nos interessa para a análise em causa averiguar as razões para tal ausência, somente perceber o que está entre a falta de fé e conseqüente dispersão e ausência dos discípulos e a fé viva que se converte em valentia e audácia. Entre estes dois estados de crença/fé teve de existir algo que remeta para acontecimentos ou experiências excepcionais que levaram à confissão na ressurreição.

Jesus era o Mestre, assim chamado pelos discípulos, tinha uma causa, o Evangelho, seguidores, e «passou fazendo o bem» (Cf. Act 10, 38). Outra nota importante é a sua fidelidade a Deus, em virtude da qual morre. Assim também João Baptista morreu fiel à sua causa. Mas enquanto a morte de João Baptista intensificou a adesão de outros e aumentou o seu prestígio pessoal, a morte de Jesus na cruz, segundo a concepção de então, afirmava-o como «maldito de Deus», indigno de crédito, mentiroso, infame. Todavia, «a *crucifixão*, com o horrível escândalo da sua injustiça, aparece como *o mais decisivo catalisador* para compreender que o sucedido na cruz não podia ser o final definitivo»<sup>131</sup>.

No Antigo Testamento, o justo sofredor – servo de Iahvé, Job – e o destino trágico dos mártires foram os grandes catalisadores da fé na ressurreição. No caso de Jesus continuaram a

---

<sup>130</sup> *Ibidem*, 177.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 181.

sê-lo. O mal e a contradição são momentos de choque que levam à descoberta dum novo sentido e dum novo horizonte; «trata-se da luz que salta do choque brutal com o que “não deve ser”: a morte não pode ser o destino final de Jesus, encarnação da bondade e anunciador da fidelidade de Deus»<sup>132</sup>.

Nesse sentido, Gerd Theissen e Ulrich Müller falam de dissonância cognitiva, uma categoria elaborada por Leon Festinger que postula que a ressurreição e a exaltação são garante de superação da ameaça de absurdo em que poderia cair a morte de Jesus, no contraste entre a expectativa suscitada por Jesus e o seu (aparente) fracasso na cruz.

Assim sendo, torna-se pertinente trazer a palco uma citação feita por Torres Queiruga de K. Ohlig:

«...parece seguro que o encontro com o Jesus tão extraordinário na sua humanidade e com a sua morte tão drástica no seu significativo simbolismo foi para os primeiros cristãos – e através deles para todos os cristãos até hoje – o fundamento e a ocasião para confessar a sua ressurreição e também para ancorar nesta fé a própria esperança»<sup>133</sup>.

### *5.3. O horizonte escatológico como contexto*

No início do século XX, Johannes Weiss e Albert Schweitzer, citados por Torres Queiruga, redescobrem nos Evangelhos o seu carácter escatológico. Segundo eles, os Evangelhos estão profundamente impregnados por uma dimensão escatológica. Também Pannenberg reconhece que sem esse horizonte tornar-se-ia muito difícil compreender a ressurreição de Jesus: «nele tem as suas raízes e desse recebe “a expressão linguística e o marco representativo” (...) esse horizonte foi profundamente determinado pela original e única reconfiguração que adquiriu no destino de Jesus»<sup>134</sup>.

---

<sup>132</sup> *Ibidem*, 183.

<sup>133</sup> *Ibidem*, 184.

<sup>134</sup> *Ibidem*, 185.

Deste modo, tornam-se elucidativas as conclusões a que Torres Queiruga chega em confronto com N. T. Wright. Wright analisa a expectativa messiânica e a crença na restauração eminente do Reino de Deus, uma restauração que acabaria com o tempo de maldade, mas traria a reivindicação por parte de Deus na ressurreição (tradição muito presente em Daniel, Zacarias, alguns salmos e no Servo de Isaías). Para Wright, esta reivindicação teria de se dar como acontecimento visível e palpável, por isso «físico». Todavia, Torres Queiruga não se mostra de acordo com a postura de Wright, pelo menos para manter convincente e justificável a continuação da causa de Jesus e o nascimento da Igreja, embora o autor admita que cultural e antropologicamente os discípulos a tenham compreendido como física, tratando-se de uma necessidade cultural. De facto, a continuação da causa de Jesus bem como o nascimento da Igreja necessitaram da real ressurreição e consequente fé nela. Mas não é necessariamente impositivo que a ressurreição se desse de forma empírica. Da mesma forma, tomar a ascensão à letra levar-nos-ia a um fundamentalismo bíblico. Jesus «constituiu-se a si mesmo como mediação realizadora do reino que nele se faz já presente. Pois bem, essa diferença foi justamente a que pôs uma marca singular à sua pregação, à sua vida e ao seu destino, e é nela e não em supostas provas físicas e milagrosas donde uma consideração crítica pode – e creio que deve – apoiar a revelação definitiva da ressurreição como real e como já plena e já acontecida»<sup>135</sup> - constata Andrés Torres Queiruga.

#### *5.4. O carácter definitivo da figura de Jesus*

Segundo Torres Queiruga, neste ponto convém perceber que na vida de Jesus coexistem duas dimensões: a dimensão escatológica e a dimensão apocalíptica.

Tentando fazer a distinção possível entre escatologia e apocalíptica, Torres Queiruga propõe que o género escatológico se divide em três tipos: ascético, ético e apocalíptico. Assim, «os primeiros vivem já agora a alternativa como um modo radical de vida dentro das

---

<sup>135</sup> *Ibidem*, 188.

condições da história, enquanto que o terceiro, o propriamente apocalíptico, supõe algum tipo de intervenção sobrenatural de Deus que põe fim à história»<sup>136</sup>.

No caso concreto de Jesus torna-se difícil fazer a distinção porque estes elementos (apocalíptico e escatológico) estão presentes, cada um a seu modo. De facto, na vida de Jesus aparece repetidamente o elemento apocalíptico como anúncio do fim, o juízo e inclusivamente a urgência a respeito do tempo que se acaba. Também o elemento escatológico está presente nas afirmações de que o Reino de Deus já está presente.

Com efeito, se é inegável o impacto causado por Jesus com a sua vida (gestos, palavras e atitudes), maior impacto teve o modo como morreu, numa cruz. A partir da morte de Jesus é possível uma síntese inédita. Em termos do apocalíptico e escatológico, A. T. Queiruga aponta como valências da ressurreição: «A valência “escatológica” resulta evidente, enquanto a ressurreição é acontecimento operado por Deus que transforma de maneira radical e definitiva a sua vida. A valência “apocalíptica” está também presente, enquanto para ele irrompe já o final da história e o triunfo sobre a miséria presente»<sup>137</sup>. Este final realiza-se de forma transcendente, o que permite, como dissemos, uma síntese inédita, com a ruptura do carácter mítico e objectivante, evidenciando a intervenção divina em Jesus que não anula a história nem a interrompe, mas continua, ainda que de uma outra forma porque iluminada com a luz da ressurreição, onde a vida não é aniquilada pela morte. Cristo está verdadeiramente ressuscitado e glorioso, com presença transcendente, que dá vida à «comunidade» sem hipotecar o futuro, nem anular a história.

---

<sup>136</sup> *Ibidem*, 189.

<sup>137</sup> *Ibidem*, 190.

## 6. A morte de Jesus como lugar da revelação definitiva

Recordemos as questões iniciais formuladas por Andrés Torres Queiruga: como chegaram os discípulos à fé na ressurreição e como compreender a fé na ressurreição hoje, sem correr o risco de se tornar uma aceitação cega ou incompreensível.

### 6.1. A cruz como limite desmitificador

Não é demais insistir que para a abordagem pretendida é necessário contar com uma leitura crítica dos textos bíblicos, concretamente das narrações pascais, deixando de parte uma leitura literal, que vê a ressurreição como algo visível e palpável para poder ser experiência real e credível, à semelhança do que intenta A. T. Queiruga.

A ressurreição de Jesus Cristo, como continuação do processo revelador, leva a uma profunda novidade e à superação do carácter objectivante ou mítico. A morte na cruz é o ponto auge de tal revelação, sem ser exclusivo. «Para os discípulos e para o próprio Jesus *a cruz foi a última grande lição no processo revelador*»<sup>138</sup>. A morte encontra-se no limite da vida, dando-lhe a sua última forma e abrindo-a à eternidade. Como morte de cruz, com uma dimensão de injustiça, a morte de Jesus adquire um carácter revelador, o que permite captar definitivamente «o sentido da presença salvadora e ressuscitadora de Deus e da ressurreição como vida já plena e glorificada»<sup>139</sup>.

De facto, a vida de Jesus (vida histórica) é um processo em crescimento, em construção, que atinge o seu cume na morte, criando uma nova situação, uma novidade propícia a uma experiência nova.

Uma nota importante para a compreensão: a mentalidade bíblica está impregnada da concepção de que Deus ajuda, sob a forma de intervenções históricas em favor dos justos. Confira-se a este respeito os Salmos e os Evangelhos. Torres Queiruga refere-se a esta

---

<sup>138</sup> *Ibidem*, 193.

<sup>139</sup> *Ibidem*.

mentalidade como «mentalidade ambiental, enraizada, ubíqua e persistente»<sup>140</sup>. Nesse seguimento, Deus teria que intervir no caso específico de Jesus, o justo por excelência, eis porque para os discípulos a morte de Jesus se converteu na morte da sua cristologia<sup>141</sup>, a morte da concepção tida até então por eles, tendo que reconfigurar radicalmente a mentalidade ambiental assimilada. A cruz tornou-se âncora firme da nova fé: Deus «estava» no Calvário, mas não como os discípulos esperavam; actuava, era o Pai do Crucificado, continuava a sustê-lo com o seu amor, mas não rompia com as leis da história, não o desceu da cruz, como eles, talvez, esperariam. Do alto do horror da cruz, nessa difícil e heróica fidelidade, Jesus supera o escândalo e «entra» na Sua plenitude gloriosa e definitiva.

Mediante a ressurreição, o poder da morte é superado, respeitando a história. A presença de Deus era verdadeira, vivificante e ressuscitadora, a salvação definitiva era real. Esta compreensão não é imediata. Até a alcançarem há muitas «lutas», em que a concretização em linguagem se depara com os seus limites próprios e os da época, num imaginário possível e nos conceitos disponíveis. A passos curtos, num caminhar progressivo e difícil para que a ressurreição fosse entendida «como vida que preserva inteira a *identidade pessoal*, apesar da destruição do corpo; como acontecida *já*, apesar do mundo e do tempo continuarem»<sup>142</sup>.

## 6.2. Os factores da configuração definitiva

Do contexto geral e dos factores fundamentais, passamos aos factores concretos e imediatos que levaram a uma concretização definitiva. Saliente-se que o elemento decisivo está inserido num contexto vasto e em acontecimentos plenos de acção reveladora, com especial relevo para a morte na cruz de Jesus de Nazaré.

---

<sup>140</sup> *Ibidem*, 194.

<sup>141</sup> Esta é a conclusão a que chega Pierangelo Sequeri, cit. por A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 195.

<sup>142</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 196.

Torres Queiruga clarifica que todas as abordagens sobre esta questão contribuem para a mesma, num movimento de complementaridade, onde nenhuma é exclusiva. Assim, retoma algumas análises: de Gerd Lüdemann, que tenciona reduzir tudo, ou quase, a uma espécie de «*retorno da culpabilidade reprimida*»<sup>143</sup>, que, sobretudo nos casos de Pedro (que o negou) e Paulo (que o perseguiu), os levou a «visões» nas quais acreditavam ver Jesus ressuscitado.

Esta postura é considerada por Torres Queiruga como exagerada e redutora, já que que absolutiza uns aspectos, deixando de lado outros muito importantes. Todavia, o autor admite que esse processo psicológico tenha provavelmente desempenhado algum papel, ajudando à descoberta de um aspecto no processo global.

Edward Schillebeeckx centra o processo na «conversão dos discípulos e na *experiência do perdão*»<sup>144</sup>. Uma hipótese que Torres Queiruga consente, dado que por esta via é possível que se tenha feito luz em todo o processo, «ajudando a reviver experiências reconciliadoras na vida de Jesus e contribuindo para reiniciar a vivência de comunhão com ele na situação pós-pascal»<sup>145</sup>.

Por outro lado, John Dominic Crossan coloca no pranto/choro das mulheres o lugar onde se elaboram as histórias da ressurreição. Crossan realça que «houve toda uma cuidadosa e intensa busca nas Escrituras, mantida por um verdadeiro corpo de especialistas, com a finalidade de descobrir nelas e a partir delas o significado do acontecido. (...) na confluência de ambos os factos (lamento e exegese) nasceram as narrações pascais»<sup>146</sup>; «o lamento ritual é o que mudou a exegese profética em narração biográfica»<sup>147</sup>

Acrescente-se ainda a «*experiência universal da personalidade dos mortos queridos*»<sup>148</sup>, que no caso de Jesus, dada a sua marcante figura, estilo de vida, palavras, gestos, bem como o inédito e dramático modo da sua morte, resultaria em factor de eficácia

---

<sup>143</sup> *Ibidem*, 197.

<sup>144</sup> *Ibidem*, 198.

<sup>145</sup> *Ibidem*.

<sup>146</sup> *Ibidem*, 199.

<sup>147</sup> *Ibidem*.

<sup>148</sup> *Ibidem*.

excepcional. Relacionado com esta experiência está também o luto pelos defuntos, tão enraizado desde tempos ancestrais na tradição cultural, com uma profunda valência antropológica como lugar de vivência de uma vida para além da morte.

### 6.3. *Um factor peculiar: realidade e sentido das aparições*

Atenta-se, finalmente, no fenómeno mais chamativo e de maior influxo nas narrações: as visões ou aparições.

As aparições estão inseridas nas experiências extraordinárias pós-pascais. Como desenvolvido anteriormente, não é difícil imaginar que essas experiências tenham sido relatadas como tal, dado o ambiente ricamente imaginativo e hipersensibilizado dos acontecimentos pascais. Além disso, verificamos que ao longo da história há relatos semelhantes. O problema não se centra na sua verdade ou falsidade, mas situa-se ao nível do significado: «uma coisa é a verdade ou honestidade *psicológica* desse tipo de experiências e outra, distinta, é o seu conteúdo real»<sup>149</sup>.

A propósito da realidade da ressurreição A. T. Queiruga refere que:

«A fé na ressurreição implica por *si mesma* a impossibilidade de um sentido realista: o Ressuscitado, justamente pela sua glorificação, que o introduz de maneira definitiva na transcendência divina, está acima de toda a possível percepção de carácter fisicamente constatável ou manipulável»<sup>150</sup>.

Ora, ainda que façamos a crítica a tais narrações de visões, isso não equivale a negar sem mais o valor revelador das mesmas. As aparições pascais tiveram um papel importantíssimo ao inculcar realismo na fé na ressurreição, na medida em que, de algum modo, corresponderam a experiências extraordinárias e não a construções catequéticas. Por isso, as aparições podem ser relativizadas sem que com isso percam o seu valor. Elas permitiram o anúncio inicial e, simultaneamente, a sua permanência no imaginário histórico.

---

<sup>149</sup> *Ibidem*, 200.

<sup>150</sup> *Ibidem*.

No entender de Queiruga, é chegado o momento de ver em que medida a interpretação apresentada até ao momento permite reler os textos com maior exactidão, sem deixar de lhes fazer justiça na sua verdade.

## 7. Síntese

A análise e reflexão realizadas merecem uma síntese. Primeiramente, para aferir se o romper com a análise superficial (não literal) dos textos permite compreender o porquê dos mesmos e o seu estilo. Em segundo lugar, para perceber se a nova leitura permite captar a sua mensagem de forma actual, sem perder a sua original verdade.

### *7.1. Releitura dos textos: o exemplo do sepulcro vazio*

Ver na cruz o cume da revelação e do significado da ressurreição não implica que deixemos de ter em consideração os elementos variados e significativos, que se incluem no processo de compreensão. A saber: as intuições da tradição anterior, a imaginária apocalíptica, as religiões, a cultura e a cosmovisão da época. Ontem como hoje tende-se à objectivação do transcendente, há necessidade de expressão mediante os recursos linguísticos disponíveis, mesmo que insuficientes e pouco apropriados. A experiência da ressurreição, nova e inaudita, terá de ser interpretada e expressa através destes elementos, numa constante tensão. Acrescente-se-lhe ainda a antropologia bíblica com carácter unitário, que tornou difícil conceber a ressurreição sem considerar o corpo físico. Esta concepção de carácter unitário influenciou nas narrações, nomeadamente do sepulcro vazio, precisamente porque expressam um acontecimento compreendido tanto pelos que falavam como pelos que escutavam. Percebe-se, dado o contexto, que se tenha colocado nas narrações o sepulcro vazio, mas a presença do

sepulcro vazio nas narrações não implica o dado objectivo em questão. A reflexão não se dá em terreno seguro e objectivo, mas hipotético<sup>151</sup>.

Assim sendo, Torres Queiruga distancia-se de toda a facticidade – carácter não mítico ou objectivante da acção de Deus e da realidade transcendente do Ressuscitado, não sujeito às leis espaço-temporais – e da literalidade dos textos – unanimidade entre ressurreição exaltação e a força desmitificadora da vida e morte de Cristo. Na sua óptica, «uma vez superada a constrição da letra e trazidos à luz os novos pressupostos culturais e teológicos, a hipótese do sepulcro não vazio permite uma leitura muito mais coerente e de maior força significativa»<sup>152</sup>.

Para compreender e tornar significativo o acontecimento pascal, a comunidade fez um caminho lento e intenso, partindo da fé em Jesus e da fé na ressurreição de figuras singulares e significativas, reconhecendo na vida de Jesus a presença salvadora de Deus, admitindo a sua «autoridade», experienciando a injustiça da morte em quem acreditavam e rompendo com todas as expectativas messiânicas, soube reconhecer a presença ressuscitadora de Deus, sem intervenção empírica, para que Jesus não «ficasse reduzido» ao nada da morte, mas exaltado na plenitude da sua vida.

## 7.2. *A verdade da interpretação*

Actualmente, lemos as narrações sob um ponto de vista muito diferente, sem que as mesmas percam a sua íntima riqueza. Não tomar à letra as aparições não significa negar o referente real que se anuncia nelas; não admitir o sepulcro vazio não significa negar a realidade da ressurreição; admitir que nem a aniquilação do cadáver nem a sua transformação em algo não material possibilitam um sentido aceitável, não implica que se negue, com estas

---

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*, 205.

<sup>152</sup> *Ibidem*.

afirmações, a possibilidade de interpretações válidas e muito menos que se possa ter fé na ressurreição.

Estas considerações levam Torres Queiruga a chamar à reflexão duas questões: o carácter de revelação real e de experiência nova e a preservação da identidade de Jesus.

O novo conceito de ressurreição revelado em Jesus Cristo não necessitou de intervenções pontuais de Deus, mas não deixou de ser uma descoberta real, que inclui experiências pontuais. «Só o *descobrimento* de que Jesus em pessoa não podia estar aniquilado pela crucifixão, mas ressuscitado e glorificado por Deus, permitiu à primeira comunidade dar coerência à situação real em que se encontrava»<sup>153</sup>. De facto, esta descoberta dá-se pela novidade real da situação, já que a comunidade se sente animada pela presença do Ressuscitado e pela nova e inaudita presença de Deus que ressuscitou Jesus. «Deus ressuscitador e o Cristo ressuscitado estão radicalmente presentes como fundamento vivo que quer revelar-se»<sup>154</sup>.

A segunda questão diz respeito à preservação da identidade de Jesus. Já fizemos referência ao carácter unitário da antropologia bíblica e à sua influência na forma como a ressurreição é conceptualizada, com insistência no carácter físico das aparições e expressões acerca da ressurreição da carne. Todavia, é necessário ter no horizonte a intenção viva, voltada para manter a identidade: é o próprio Jesus, em pessoa, que ressuscita. Uma explicação será difícil. «*O que se tenta explicar – a persistência da identidade – é claro e firme, pois sem ela desaparece o próprio conceito de ressurreição; a dificuldade está no como. (...) Nunca atingiremos clareza suficiente, pelo seu carácter transcendente a ressurreição rompe de maneira radical o reino do claro e distinto próprio – e com quantas reservas! – do espaço-temporal*»<sup>155</sup>.

---

<sup>153</sup> *Ibidem*, 209.

<sup>154</sup> *Ibidem*.

<sup>155</sup> *Ibidem*, 210.

Para Torres Queiruga é elucidativo o trabalho de Friedrich Schleiermacher, que reconhece a importância da representação, mas insiste que se coloquem de lado as «representações que psicologicamente “não podemos realizar” e (...) faz notar o perigo de introduzir aquelas que não venham da experiência especificamente cristã»<sup>156</sup>.

Não se trata de abandonar toda e qualquer intenção de inteligibilidade possível, mas de ser cuidadoso e rigoroso nas próprias propostas e nas propostas exteriores, para que delas resulte uma postura sensata e necessária. Devemos ter em atenção que não se faz depender a identidade do corpo, mas esta deve ser pensada segundo categorias estritamente pessoais: «a exegese actual tem diminuído o campo insistindo que o conceito de “corpo” definitivamente não é materialidade, mas a sua realidade como *expressão* da pessoa e fundamento da sua capacidade de *relação*»<sup>157</sup>.

### C. RESSUSCITADOS COM CRISTO

A abordagem anterior debruçava-se sobre a ressurreição de Jesus. Agora torna-se imperioso que se retirem conclusões *para nós* que, confiantes na ressurreição de Jesus, nos questionamos sobre a nossa ressurreição.

#### 1. Um olhar sobre 1 Cor 15, 13

##### *1.1. Procurando uma nova coerência*

«Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou» (1 Cor 15, 13).

Esta foi a passagem que levou autores como Crossan a afirmar: «Jesus e os demais mortais ou

---

<sup>156</sup> *Ibidem*, 211.

<sup>157</sup> *Ibidem*, 212.

são exaltados juntos ou caem juntos»<sup>158</sup>. Todavia, no entender de Torres Queiruga, o que importa analisar é a íntima vinculação entre a ressurreição de Jesus e a dos restantes mortais. De facto, a passagem da carta aos coríntios é incontornável, porque afirma essa íntima ligação:

«Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e permaneceis ainda nos vossos pecados. Por conseguinte, aqueles que morreram em Cristo, perderam-se. E se nós temos esperança em Cristo apenas para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens» (1 Cor 15, 16-18).

Terá Cristo iniciado uma novidade sem precedentes? Na óptica de A. T. Queiruga, não. «Até ele a ressurreição já tinha sido descoberta no seu sentido fundamental, pois já era vista como acção de Deus que liberta da morte»<sup>159</sup>. Portanto, com Jesus o que aconteceu foi a plena manifestação, a explicitação da plenitude sempre presente mas anteriormente não manifesta nem conhecida. Além disso, a acção de Jesus possui também outra consequência no âmbito ontológico, a saber: o que aconteceu com Jesus e em Jesus já estava desde sempre a acontecer com toda a humanidade.

Assim sendo, pode Torres Queiruga afirmar «a primazia da ressurreição de Jesus, não como começo cronológico, mas como revelação plena da superação da morte, que o “Deus de vivos” estava e está a realizar desde sempre»<sup>160</sup>.

### 1.2. Cristo, «primogénito dos mortos» (Ap 1, 5)

Teologicamente, quando dizemos que Jesus foi o primeiro a vencer a morte, devemos considerar que não foi com Jesus Cristo que Deus, Criador e Senhor de todas as coisas, «começou» a ressuscitar. Jesus não foi o primeiro a ser ressuscitado, mas com Ele se dá a

---

<sup>158</sup> *Ibidem*, 216.

<sup>159</sup> *Ibidem*, 217.

<sup>160</sup> *Ibidem*, 219.

revelação de uma realidade já existente: em Jesus revela-se que Deus é Pai e que ressuscita os mortos. Jesus, com as suas palavras, os seus gestos e sobretudo pelo modo da sua morte leva à plenitude algo que já era pensado e intuído, e que já acontecia desde sempre. «O verdadeiramente *novum* na experiência cristã é o facto de que a intensidade única da vida de Jesus e o elevadíssimo dramatismo da sua morte abriram os olhos para compreender, em toda a sua força, radicalidade e actualidade esse amor ressuscitador de Deus»<sup>161</sup>.

Cristologicamente, devemos ter bem presente que Jesus não é o primeiro cronologicamente a ressuscitar, mas a primazia de Jesus dá-se na radicalidade da sua entrega, na primazia da revelação apoiada na primazia ontológica, no «modo específico do seu eterno enraizamento trinitário e na riqueza qualitativa do seu ser»<sup>162</sup>. Assim, com Jesus dá-se uma revelação, mas também uma abertura a novas possibilidades, onde Deus é acreditado como amor criador que sustém e acompanha a vida, fazendo dela mais forte face à morte.

### 1.3. «Ressurreição da carne» e «parusia»

A tradicional ênfase dada à ressurreição da carne acentua a identidade pessoal. Paulo fala do «corpo espiritual» (Cf. 1 Cor 15, 44), na tentativa de manter a par a realidade da ressurreição e o seu carácter transcendente e não empírico. Como tal, remete para um modo completamente novo de existência, uma reflexão de que faz eco James D. G. Dunn. Ao fazer a distinção entre «carne» e «corpo», Paulo não só torna mais inteligível o conceito de ressurreição ao leitor grego, como também mantém a compreensão hebraica da ressurreição como ressurreição do Homem todo.

A vinculação da ressurreição com o cadáver suscita uma dificuldade: «a “alma” teria de esperar o “corpo” para poder restabelecer a sua plena identidade. Ao reconhecer a morte como uma passagem actual ao novo modo de ser, a dificuldade desaparece por si mesma. Por

---

<sup>161</sup> *Ibidem*, 224.

<sup>162</sup> *Ibidem*.

isso, o Ressuscitado está já plenamente com Deus e plenamente conosco»<sup>163</sup>. Fica por saber o modo como Deus, no seu poderoso amor, e apesar da evidência do cadáver, realiza essa nova identidade da vida em plenitude.

Há ainda, a este propósito, outro ponto a salientar: o *estado intermédio* como tempo/não tempo de *espera*, no qual a «alma» esperaria pela ressurreição final, que leva a outros dois tópicos: a *parusia* e o *juízo final*. A reflexão sobre estes aspectos levou à constatação de que a ressurreição é *já* para todos e *já* na morte. Todavia, o problema não ficou resolvido, dado o desenvolvimento e assimilação de uma profunda solidariedade e comunhão entre todos os seres humanos, vivos e defuntos. Além disso, a comunhão dos santos indicia uma plenitude inacabada ou imperfeita, enquanto não estiverem *todos*. Estas dificuldades tornam-se mais diluídas com a nova óptica, mediante a qual a ressurreição «dá-nos» uma nova condição, uma vida em plenitude, de que os esquemas e pensamentos humanos só podem tentar aproximar-se, mas, dados os seus limites, jamais poderão conhecer totalmente e sem erro.

## 2. A verificabilidade da ressurreição

### 2.1. Significado e importância da questão

Segundo Torres Queiruga, apesar de poder apresentar-se como excessiva esta intenção, é necessário falar sobre a verificabilidade da ressurreição, para que não se corra o risco de um fideísmo encoberto, sem com isso esquecer que se trata de um tema de transcendência e, portanto, inapreensível. É preciso compreender a ressurreição, ainda que não completamente, para que ela seja significativa e alimente a esperança daquele e daquela que acredita e tem fé.

---

<sup>163</sup> *Ibidem*, 227. A este propósito: Cf. W. KASPER, *Jesus, el Cristo*, 185.

A Modernidade trouxe à ideia de ressurreição três grandes perguntas: *que posso conhecer?*, *que devo fazer?* e *o que é que me é dado esperar?*

## 2.2. A ressurreição e os «mestres da suspeita»

Torres Queiruga trata de percorrer as três perguntas acima enunciadas, dando notícia de alguns autores e respectivas abordagens, em ordem à compreensão de como foram encaradas e que tratamentos existiram.

A verdade e o sentido da ressurreição não escaparam à *suspeita psicológica*. Toda a postura que não assente na realidade e não se relacione com a história está sob suspeita. Para se tornar significativa para o homem e para a mulher de hoje, a ressurreição deve ser validada nos seus efeitos sobre a acção humana. Neste ponto, é incontornável a *crítica de Marx*, em relação à qual «é evidente que a teologia compreendeu bem a acusação e acolheu as suas justas exigências. O redescobrimento da *dimensão prática da escatologia* foi a sua principal e mais fecunda manifestação»<sup>164</sup>, o que veio a concretizar-se no seu compromisso activo com o pobre, o humilhado e, inclusivamente, com os mortos.

Relativamente à terceira pergunta, Torres Queiruga evoca o *ataque de Nietzsche* dizendo tratar-se de «ressentimento»<sup>165</sup>. Segundo o autor, importa, todavia, dar atenção às justas acusações e salientar aquilo que surge de sugestivo como abertura. «A acção evoca já a *esperança*, já que se trabalha sempre em vista a um fim»<sup>166</sup>.

Torres Queiruga alude, ainda, a Karl Rahner, que «tratou de mostrar como a fé na ressurreição concretiza e recolhe, elevando-a, a nossa “esperança transcendental”»<sup>167</sup>.

---

<sup>164</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 233.

<sup>165</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>166</sup> *Ibidem*.

<sup>167</sup> *Ibidem*, 234.

### 2.3. A fundamentação antropológica

É notável que a ideia de imortalidade tenha ocupado um lugar central em tempos de ambiente racionalista, como foram os do Iluminismo e, conseqüentemente, na religiosidade do século XIX. Veja-se, a título de exemplo, o lugar que o conceito teve nos tratamentos de Kant, Spinoza e Miguel Unamuno. Para Kant, só pela imortalidade poderia a pessoa ser considerada como moral. A Spinoza devemos a frase: «sentimos e experimentamos que somos eternos»<sup>168</sup>. Em Miguel de Unamuno saliente-se o anseio de não querer morrer e querer viver sempre.

Analisando bem a postura destes autores e olhando para a postura do ser humano face à evidência da morte, com relativa facilidade constatamos que, normalmente, ninguém quer morrer. É algo comum a todo o ser conscientemente vivente o querer viver mais e sempre<sup>169</sup>. Além disso, a esperança num «para além», a confiança na eternidade está muito presente, ainda que seja, muitas vezes, difícil de explicar e de perceber. Karl Rahner chamou-lhe «esperança transcendental da ressurreição»<sup>170</sup>, uma esperança através da qual poderemos perceber a ressurreição de Jesus. No dizer de Pannenberg, «esperar para além da morte pertence à essência do ser humano consciente»<sup>171</sup>. Habermas sintetiza: «a esperança perdida na ressurreição deixa atrás de si um sensível vazio»<sup>172</sup>.

Analisadas as diferentes abordagens, é possível concluir que a imortalidade é um tema caro à reflexão humana e tem um enquadramento antropológico muito importante. O ser humano tem em si inscrita uma sede de eternidade, antes de qualquer crença particular.

---

<sup>168</sup> *Ibidem*, 236.

<sup>169</sup> A este propósito expressa-se bem D. Anacleto Oliveira na sua carta pastoral: «morrer é que eu não quero. É um desejo inato, instintivo, que preside a tudo o que faço, em todos os lugares e momentos da minha existência, desde o seio de minha mãe», D. Anacleto OLIVEIRA, *Carta Pastoral Cristo em nós: a esperança da glória*, n.º 5.

<sup>170</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 238.

<sup>171</sup> *Ibidem*, 239.

<sup>172</sup> *Ibidem*, 242.

#### 2.4. O problema da coerência epistemológica

Para Torres Queiruga, a maior parte das abordagens sobre a ressurreição tem como pressuposto uma «*dupla modalidade de ressurreição*: a de Jesus, já acontecida na sua morte, e a nossa, todavia em espera “até ao fim do mundo”»<sup>173</sup>. Porém, na óptica de Queiruga, esse pressuposto coloca a nossa ressurreição no futuro e, simultaneamente, torna intocável a ressurreição de Jesus no passado. No entanto, conhecemos a profunda importância teológica da solidariedade entre a ressurreição de Jesus e a nossa. Tudo muda, segundo o autor, «quando a ressurreição de Cristo se compreende como a realização plena, exemplar e prototípica da nossa, porque estão o sucedido nele revela em plenitude o que acontece em nós, e o que descobrimos em nós ajuda-nos a compreender e “verificar” o que de modo insuperável e definitivo se nos manifestou nele»<sup>174</sup>. Deste excerto inferimos que tem de existir uma relação entre a ressurreição de Jesus e a nossa, e vice-versa, para que um patamar de inteligibilidade e compreensão seja alcançado. Esta questão leva a reflexão a outra discussão importante: acreditamos pelo testemunho dos primeiros ou nós mesmos podemos fazer o caminho?

Para Edward Schillebeeckx, o itinerário da Cristologia hoje deve seguir o dos primeiros discípulos. Por isso, o caminho que os discípulos tiveram de fazer para chegar à fé na ressurreição e em Jesus crucificado é idêntico. Karl Rahner acrescenta ainda que não temos fé apenas pelo testemunho, e que não ficam fechadas as possibilidades de acesso directo de algum tipo da nossa parte, ainda que a nossa fé esteja sempre ligada ao testemunho dos primeiros<sup>175</sup>. Relativamente à postura de Rahner, Queiruga afirma:

«Rahner reconhece, por um lado, que a ressurreição de Jesus não é um *facto histórico*, no sentido acessível a “uma directa experiência sensível” mediante acontecimentos milagrosos. Por outro, ao dotá-lo de um *índice temporal* [...] converte-o em algo que só resulta verificável de uma maneira empírica [...] Mas já se vê que assim *para esse*

---

<sup>173</sup> *Ibidem*, 242.

<sup>174</sup> *Ibidem*, 243.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*, 244-245.

*acontecimento singular* não resta outro recurso senão o que o próprio chamou “testemunho profano”, aceitando o que eles dizem, sem possível acesso directo da nossa parte»<sup>176</sup>.

Não é intenção de Torres Queiruga aprofundar a postura de Rahner, mas mostrar a dificuldade de tratamento inerente a esta questão.

### 2.5. Do «testemunho» à «maiêutica»

Como já foi indicado, a acção ressuscitadora de Deus esteve sempre presente, mas em Jesus há uma novidade, uma situação nova. Até então não «existia» nenhum ressuscitado chamado Jesus e em nenhum outro se manifestou tanto a presença salvadora de Deus na história da humanidade. Esta novidade advém do facto de ter sido com Jesus e a partir de Jesus que os apóstolos e discípulos «descobriram» a força reveladora e salvadora de Deus em Jesus de Nazaré. Também já foi dito que, segundo Queiruga, a descoberta não se deve a uma especial intervenção de Deus na história –a qual equivaleria ao reconhecimento de um intervencionismo sobrenatural – mas consiste «na captação e interpretação correcta daquilo que a situação concreta enquanto determinada pela acção salvadora de Deus [...] está a manifestar à consciência crente»<sup>177</sup>.

A compreensão da acção ressuscitadora de Deus encontra a sua culminação graças ao destino de Jesus, pois «a partir de Jesus a ressurreição começa a ser compreendida como já actual e como plena: *graças a ele*, na comunidade primitiva aconteceu a revelação de que *para todos e desde sempre morrer é entrar já e com plenitude pessoal na salvação definitiva como comunhão total com Deus*»<sup>178</sup>. O mesmo Deus de vivos, que ressuscitou Jesus e se revelou, é aquele que está presente na história presente, continuando a dar vida e a revelar-se. Por isso, a fé dos apóstolos é a nossa fé. Acreditamos, não numa notícia que outros

---

<sup>176</sup> *Ibidem*, 246.

<sup>177</sup> *Ibidem*, 248.

<sup>178</sup> *Ibidem*, 249.

testemunharam, não numa recordação do passado, mas em Cristo vivo e presente. Cristo, presença não empírica. Daí a dificuldade em ter/fazer a experiência da presença real e viva do Ressuscitado e da sua presença reveladora. Esta dificuldade sentimo-la nós, tanto quanto os apóstolos e os primeiros discípulos, nossos mediadores dela.

A maiêutica histórica tenta, assim, não só afirmar a primazia do testemunho apostólico como também que nos é possível, ainda que em circunstâncias diferentes, fazer essa experiência. A maiêutica, etimologicamente, é uma disciplina filosófica que radica na actividade parturiente por possibilitar que o ouvinte «*por si mesmo* descubra a verdade que o habita ou solicita»<sup>179</sup>. Neste processo, cada um é convidado a percorrer, pelo próprio pé, o caminho percorrido pelo maieuta. Tal como os profetas, os apóstolos foram aqueles que, gozando de circunstâncias favoráveis, descobriram a presença ressuscitadora de Deus e abriram caminho para que outros também o fizessem.

O caminho não foi fácil nem simples, mas atendamos a três aspectos do processo: «a) a fé já existente na ressurreição, como contexto herdado; b) a convivência com Jesus, que os introduz na nova imagem de Deus e os abriu ao (pre)sentimento do seu mistério; c) o impacto terrível da morte injusta do Justo por antonomásia»<sup>180</sup>. Só este contexto possibilitou que a primeira descoberta fosse feita, isto é, que a percepção crente da nova situação acontecesse.

Saliente-se ainda que a fé não era condição para que Jesus ressuscitasse, mas a «fé» que tinham em Jesus e a crença na ressurreição permitiram que chegassem à fé na ressurreição de Jesus e O experimentassem como Ressuscitado. Porém, Jesus continuaria a ser o Ressuscitado mesmo que os apóstolos e os discípulos O não tivessem experimentado como tal. Assim, a palavra dos apóstolos torna-se para nós luz, que ilumina o caminho que também nós temos de fazer. Tal como para eles, «na ressurreição do Crucificado ilumina-se o significado pleno da nossa»<sup>181</sup>. Para que possamos dizer: «já não é pelas tuas palavras que

---

<sup>179</sup> *Ibidem*, 250.

<sup>180</sup> *Ibidem*, 251.

<sup>181</sup> *Ibidem*, 252.

acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo» (Jo 4, 42).

Em suma, há uma profunda solidariedade entre a ressurreição de Jesus e a nossa, expressa por Andrés Torres Queiruga nos seguintes termos: «descobrimo na de Jesus a nossa ressurreição ou descobrimo na nossa a de Jesus»<sup>182</sup>.

### 3. Reenfoque hermenêutico

A mudança de perspectiva provoca um certo desconforto e até sensação de perda, mas com a correcta fundamentação, visão de conjunto e explicitado o verdadeiro sentido, a compreensão torna-se mais presente e a riqueza da nova proposta emerge. É assim o processo de toda a Cristologia. Como já vimos, a «cristologia a partir de cima» enfatizava a divindade correndo o risco de colocar Cristo como algo abstracto e sem contacto com a vida. Por isso, uma verdadeira e correcta abordagem da humanidade de Jesus permite uma maior compreensão e actualização da questão da ressurreição. Vejamos alguns aspectos.

#### 3.1. O diálogo com as religiões e a cultura

A mudança de perspectiva no que respeita ao modo de entender a ressurreição tem implicações *ad intra* – no modo como se compreende e vive na comunidade – e *ad extra* – no diálogo com os outros.

Ao colocarmos o testemunho apostólico no processo maiêutico, como proposta para que cada um, hoje, faça a mesma experiência, este dado é tido em conta no diálogo religioso e cultural, já que não é imposto nem assente apenas no testemunho de outros, podendo pertencer à própria experiência.

---

<sup>182</sup> *Ibidem*, 253.

Recordemos que Deus desde sempre se revelou a toda a humanidade e a todas as religiões, a diferença residindo no modo de percepção que cada uma das religiões e cada um dos seres humanos tem desta revelação.

O diálogo a todos pode beneficiar, já que se trata de «*modos* distintos de perceber aquela verdade que a todos nos convoca e supera»<sup>183</sup>. Deverá, para tal, admitir-se um pluralismo legítimo, uma vez que a verdade nunca é completa, admite graus e está aberta ao diálogo.

O diálogo não se deve dar apenas no âmbito religioso, mas também nas diferentes manifestações culturais, porque também aí a experiência humana está presente.

### 3.2. *Realismo encarnado frente a entusiasmo gnostizante*

Mas também no interior da comunidade cristã se operou uma mudança de perspectiva. Considerar a ressurreição de Jesus isoladamente teve um efeito negativo na comunidade cristã, uma vez que a ressurreição de Jesus não podia ser modelo real e efectivo para compreender a nossa ressurreição. Assim, a ressurreição de Jesus era vista como «um “acontecimento” empiricamente isolável em si mesmo»<sup>184</sup>. O que levou Torres Queiruga, à seguinte posição: «a vida do Ressuscitado seria uma *segunda* vida, e não a plenificação transcende da *única* vida de Jesus»<sup>185</sup>. Esta visão levou ainda a que os «entusiastas» da comunidade de Corinto desejassem antecipar essa vida ressuscitada, vivê-la já, no aqui e agora da história, a tal ponto de não valorizarem nem investirem na realização própria, mesmo no que era lícito, como o matrimónio (Cf. 1 Cor 7).

Para que a vida e «personagem» de Jesus não ficassem reduzidas a algo abstracto, nem a sua mensagem a um conjunto de teorias, nascem os evangelhos. «Os evangelhos, ao narrar a

---

<sup>183</sup> *Ibidem*, 255.

<sup>184</sup> *Ibidem*, 256.

<sup>185</sup> *Ibidem*.

sua vida concreta, ainda que à luz da ressurreição, recuperavam a sua concretização e consistência»<sup>186</sup>. Andrés Torres Queiruga sintetiza-o do seguinte modo:

«... a ressurreição lança uma luz indispensável sobre Jesus e que sem ela não seria possível a fé. [...] Os evangelhos ensinam que é preciso vê-la antes de tudo a partir da cruz, que a funda e precede [...] Mas não só a partir da cruz. As narrações da sua vida nasceram da comprovação de que a ressurreição de Jesus não é nem pode ser a referência directa e imediata para o cristão. [...] a ressurreição remete para trás, para todo o decurso da vida, como o contexto necessário para a sua compreensão»<sup>187</sup>.

A vida concreta e «humana» de Jesus é e será sempre o modelo real pelo qual devemos configurar a nossa vida para O seguirmos, alimentando a esperança de chegar, um dia, à plenitude de vida ressuscitada.

#### 4. A existência à luz da ressurreição

Neste apartado Andrés Torres Queiruga percorre três tópicos: o problema do mal, o seguimento e a acção histórica.

##### *4.1. A ressurreição e o problema do mal*

«O último inimigo a ser destruído será a morte» (1 Cor 15, 26). Com estas palavras, Paulo coloca-nos no cerne da questão: o problema do mal. A expressão encerra em si uma dupla vertente: é terrível, porque terá, inevitavelmente, a presença da cruz, mas também é de esperança, porque, com a ressurreição, a morte não fica com a última palavra. Todavia, na morte podemos fazer a experiência empiricamente: vê-se já, a ressurreição não tem

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, 258.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

visibilidade, não é empírica, mas transcendente e não objectivável. Por isso «faz-se sempre na precária e insegura debilidade da esperança»<sup>188</sup>.

Não raras vezes encontramos posturas que colocam Deus como culpado da morte de Jesus; como se Deus, sendo onnipotente, pudesse livrar Jesus dessa terrível hora da cruz. Mas a cruz era inevitável, não porque Deus quisesse ou deixasse, mas porque o mal está presente no mundo: «na *inevitabilidade* da cruz, que manifesta a inevitabilidade do mal no mundo»<sup>189</sup>.

Porque Deus é amor, não pode evitar o mal no mundo. Andrés Torres Queiruga propõe duas vias para uma melhor compreensão de que Deus, na sua onnipotência, não evita o mal. São elas: a «via curta» e a «via longa».

A criação é limitada, finita, carente, porque *criada* por Deus. Dessa carência e limitação surge o mal. Ora, a via curta trabalha com a lógica do amor: «perante um Deus que nos criou por amor e que é ele próprio amor incondicional e sem medida, não é preciso sequer o menor exercício silogístico para compreender que, se algo de mal nos acontece, é porque se trata de algo inevitável»<sup>190</sup>. A mãe que vê sofrer o seu filho, se pudesse evitá-lo, não deixaria de o fazer.

Na sua entrega, Jesus pode manifestar que o amor de Deus não nos abandona. Se o mal existe é porque não é possível evitá-lo, pois ele dá-se na finitude, condição própria da criação, incapaz de perfeição física e moral. «Mostrar que este último não é um subterfúgio da fé, mas uma estrita necessidade ontológica, é o papel da via longa»<sup>191</sup>.

O mal é algo que se impõe e manifesta-se no ser humano independentemente da sua crença. Aqui entra na reflexão um outro nível a considerar: a *pisteodiceia*. O problema do mal é comum, mas cada fé ou visão tem a sua própria resposta, a sua *pisteodiceia*.

A *pisteodiceia* pode ser crente ou não crente. Crente, se tem em consideração Deus e não crente se o exclui. Note-se que também o cristianismo tem a sua *pisteodiceia*, cujo centro

---

<sup>188</sup> *Ibidem*, 260.

<sup>189</sup> *Ibidem*.

<sup>190</sup> *Ibidem*, 262.

<sup>191</sup> *Ibidem*.

é a ressurreição. A *pisteodiceia cristã*, «reconhecendo o inevitável do mal, que culmina na morte, acredita na sua superação definitiva graças ao poder ser Deus, capaz inclusivamente de romper o poder desse último inimigo, ressuscitando os mortos»<sup>192</sup>. A ressurreição é o garante de que as *vítimas* não ficam encerradas no nada nem na derrota.

Ainda a propósito de Deus «permitir» a cruz, Andrés Torres Queiruga sintetiza-o desta forma:

«Deus não “planifica” ou “permite” a cruz, mas “suporta-a”: tal como Jesus, o Pai não quer essa morte, mas “aguenta-a” como algo inevitável, acompanhando-o e apoiando-o com todo o seu amor para que não atraia a sua missão. Deus não quer a cruz *para* a salvação, mas quer a salvação *apesar* da cruz. [...] Sofre com Jesus na cruz, que “não pode” evitar; mas anuncia-nos a vitória na ressurreição, que se pode realizar para além dos limites da história»<sup>193</sup>.

A solidariedade une-nos a Jesus na morte, da mesma forma na ressurreição estamos unidos, podendo esperar a mesma vitória.

#### 4.2. Seguimento e vida eterna

Já aqui se falou dos «entusiastas» que sobrevalorizavam a ressurreição, deixando na sombra a vida «terrena» de Jesus. Ao narrarem a vida pública de Jesus, os evangelhos são exemplo do equilíbrio desejado nesta matéria. A vida concreta de Jesus é o modelo a concretizar, cada um a seu modo, para alcançar o que esperamos: a ressurreição. Esta esperança deve ser vivida no aqui e agora e tem consequências práticas no agir, porque «já está iniciado o que seremos, devemos realizá-lo no que *ainda* somos»<sup>194</sup>.

Ao iluminar a vida terrena de Jesus, a ressurreição ilumina também a nossa própria vida, colectiva e individual.

---

<sup>192</sup> *Ibidem*, 264.

<sup>193</sup> *Ibidem*, 265.

<sup>194</sup> *Ibidem*, 266.

Nestes aspectos reside o chamamento de Jesus ao seguimento: «vivendo como ele, ressuscitaremos como ele. Por isso Jesus é o verdadeiro caminho»<sup>195</sup> (Cf. Jo 14, 6). Jesus revelou profundamente o mistério humano e propõe que O sigamos. Este seguimento é concreto e exigente. Nas palavras e acções de Jesus encontramos o modelo para todos e todas que hoje querem realizar-se autenticamente – , livre e criativo – cada pessoa, individual ou colectivamente, no seu tempo e nas suas circunstâncias é convidada a configurar-se com Cristo.

Andrés Torres Queiruga sintetiza: «o amor e o serviço aos irmãos, como praxis de vida; a esperança no reino, como salvação definitiva: esse é o estilo de vida verdadeira, que não será aniquilada pela morte, mas que se realizará plenamente como vida ressuscitada»<sup>196</sup>.

O acontecimento pascal ilumina o passado e projecta o futuro. Este futuro onde a morte não tem a última palavra, antes «abre a porta» à vida eterna. «*Vida* real, no tempo, exposta aos seus trabalhos e às suas feridas, esperando *ainda* o futuro para a sua libertação plena. Mas *eterna*, com raiz tão profunda em Deus, que *já* se pode viver em plenitude antecipada»<sup>197</sup>.

A vida é eterna porque brota do amor criador de Deus, que nos sustém na vida e na plena comunhão com a Sua vida infinita. A esta vida infinita não a podemos ver, mas apenas sentir os seus efeitos: «nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos» (1 Jo 3, 14). A ressurreição desvela precisamente que a nossa vida é imortal. Aprofundar a raiz íntima que una a nossa vida à vida de Deus, vida esta capaz de superar a morte, não só valoriza a própria vida, como confere realização e valor definitivo aos seus actos.

---

<sup>195</sup> *Ibidem*, 267.

<sup>196</sup> *Ibidem*, 268.

<sup>197</sup> *Ibidem*.

### 4.3. Praxis histórica e esperança

A teologia política, a teologia da esperança e a teologia da libertação levaram a teologia a aprofundar alguns aspectos, dois de entre os quais são abordados por Andrés Torres Queiruga, a saber, a radicalidade do chamamento e o carácter peculiar da esperança.

Na vida de Jesus, encontramos «a primazia do pobre como referente, o espírito de serviço como atitude, a fraternidade real como meta»<sup>198</sup>. Jesus está sempre disponível. Na sua vida, dá um testemunho e convida a viver como ele. Neste chamamento reside uma radicalidade que nem sempre é/foi entendida e abraçada, mas que continua presente, como força libertadora e criativa.

Para Paulo, a fé na ressurreição não retira o crente da história, mas «entrega-o radicalmente a ela, até ao perigo permanente, até ao milhar da morte, até ao martírio violento»<sup>199</sup> (Cf. 1 Cor 15, 30-32). Assim, o chamamento de Jesus e a fé na ressurreição devem levar a uma acção e a um compromisso. Do chamamento ao compromisso, nasce a esperança. De facto, a fé na ressurreição implanta uma *esperança prática*, sem cair em utopia ou desespero. O que acontece com Jesus é o garante de que a esperança cristã não é algo imaginado, mas real; que a nossa vida vale a pena como valeu a de Jesus. A ressurreição não é utopia, porque não promete o paraíso na terra, nem nega a cruz, muito menos a vitória histórica sobre ela. De resto, essas ilusões de vitória só levaram a situações e catástrofes como Auschwitz. Todavia, também não leva ao *desespero*. A promessa da vitória final vai sendo alimentada pelas pequenas vitórias quotidianas. O amor absoluto, mais poderoso que o mal, já retirou a última palavra à morte e sabemos que o poder da morte está vencido. Nas palavras do Concílio Vaticano II:

«A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres, antes salienta a importância da sua realização com novos motivos. Pelo contrário, quando falta o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade do

---

<sup>198</sup> *Ibidem*, 272.

<sup>199</sup> *Ibidem*, 274.

homem é gravissimamente lesada, como se verifica frequentemente em nossos dias, e fica sem solução o enigma da vida e da morte, do pecado e do sofrimento, de tal como que, não raro, os homens caem no desespero»<sup>200</sup>.

#### *4.4. Ressurreição e esperança para o mundo*

Facilmente constatamos que o ser humano, pela sua história, está inserido no mundo. Sem o mundo não é possível pensar correctamente a história humana. Há uma relação entre o destino e esperança do cosmos e o destino e esperança do ser humano. De facto, já Paulo refere que a criação inteira esperava a revelação de Deus e participar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Cf. Rom 8, 19-22).

Andrés T. Queiruga coloca-o desta forma: «a história humana e a do cosmos terão um fim; a revelação não nos informa dos detalhes, mas a ressurreição assegura o decisivo: “Neste final não está o nada, mas Deus. Deus tal como é o princípio é também o fim”»<sup>201</sup>.

Para Queiruga, é muito importante realçar o carácter realista da ressurreição, simbolizado na «ressurreição da carne», para descobrir profundamente o mistério da criação como lugar onde «habita» Deus. «Por isso, afirmar que a salvação do cosmos se realiza na salvação humana não constitui uma metáfora superficial nem uma depreciação do mesmo, mas a sua profunda e autêntica realização»<sup>202</sup>. A salvação não é apenas para a humanidade, mas para toda a criação. Esta abordagem, segundo Queiruga, pretende aproximar-se do mistério da ressurreição no seu alcance integral como redenção definitiva de toda a criação (realidade).

---

<sup>200</sup> *Gaudium et Spes*, 21.

<sup>201</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 277.

<sup>202</sup> *Ibidem*, 281.

## D. JESUS, O PRIMOGÉNITO DOS DEFUNTOS

A afirmação de que Jesus é o primogénito dos mortos, parece, à primeira vista, demonstrativa de uma certa precipitação. Todavia, Torres Queiruga usa propositadamente *defuntos* em vez de *mortos*. *Defunto* é aquele que morreu, que «cumpriu a sua função». Neste capítulo, Andrés Torres Queiruga olha para Jesus como modelo – primogénito e «pioneiro» – e tenta compreender qual deverá ser a nossa relação com os defuntos, especialmente na liturgia funerária. Antes de mais, consideremos a nossa actual relação com Jesus.

### 1. A nossa relação com Jesus morto e ressuscitado

#### 1.1. O problema

Depois de abordar o seguimento com implicações no modo de viver, actuar e orar como Jesus, tomando as suas atitudes, Torres Queiruga concentra-se, então, na relação *com* Jesus, uma relação que se quer «directa», pessoal, de amor e conhecimento vivo, porquanto esta relação com Cristo será modelo fundante da nossa relação com os defuntos em geral. Segundo Queiruga, Rahner definiu bem os dois polos em que se há-de dar essa relação: «atenção rememorante a Jesus da história e relação directa, imediata e actual com Cristo vivo e ressuscitado, presente na nossa história»<sup>203</sup>.

#### 1.2. A relação pessoal com Jesus, o Cristo

Jesus já não apresenta um aspecto físico para que possamos relacionar-nos com Ele através da corporeidade histórica. Todavia, isso não impede uma verdadeira relação que se quer viva, com intercâmbio de amor e conhecimento. Para que esta relação seja verdadeira,

---

<sup>203</sup> *Ibidem*, 286.

não deve reduzir-se à simples memória do Jesus histórico, porque, se assim for, corremos o risco de nos relacionarmos com uma recordação. Assim, a relação com Jesus deve ter em atenção a figura histórica, Jesus de Nazaré, e o Cristo ressuscitado. O relato das aparições, longe de qualquer leitura literal, sublinha o que acabamos de dizer: apesar da sua «ausência» física, Jesus continua realmente presente, uma presença viva e pessoal que anima a fé e transforma a vida.

Jesus de Nazaré assume agora um modo novo de existência, contudo permanece o mesmo, no seu amor, ternura, cuidado e entrega; «a presença de Jesus enquanto ressuscitado tem carácter transcendente, resulta difícil de detectar e interpretar»<sup>204</sup>.

Jesus chama ao seguimento. Este seguimento deve ser pautado pela memória do passado, porque estamos na história e, olhando para a vida (histórica) de Jesus, encontramos o nosso modelo para vivermos na história. Mas também devemos olhar para Cristo ressuscitado tal como ele é hoje, porque a nossa história é iluminada pela ressurreição, o que faz com que sintamos Cristo presente como companhia viva e relacional. A relação com Jesus servir-nos-á, então, de modelo para a nossa relação com os defuntos.

### *1.3. A relação com Cristo, modelo da relação com os defuntos*

Neste tópico, A. T. Queiruga volta a enfatizar a profunda solidariedade entre o destino de Jesus e o de todos e cada um de nós. De resto, o Concílio Vaticano II expressa-o bem quando diz que «o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado»<sup>205</sup>.

Jesus revelou-se a Si mesmo e a nós, pelo que «seguir-lo e amá-lo equivale assim a identificar-se com ele, a entrar no seu próprio movimento, vivendo já com uma “vida eterna”

---

<sup>204</sup> *Ibidem*, 288.

<sup>205</sup> *Gaudium et Spes*, 22.

que através da morte se reencontrará a si mesma na ressurreição»<sup>206</sup>. Nesta implicação mútua e circular entre Jesus e cada um de nós, encontramos a verdadeira compreensão da nossa ressurreição, mas também o modelo de relação privada e litúrgica com os defuntos.

## 2. Relação com os defuntos e «comunhão dos santos»

### 2.1. Vida bem-aventurada e relação interpessoal

A vida dos bem-aventurados não é abstracta, alheia a toda a relação, nem despersonalizada. Em Jesus vemos precisamente o contrário: plenitude no novo modo de existência. Com a superação dos limites materiais, o amor é incomparavelmente mais intenso.

Torres Queiruga tem consciência da dificuldade em expressar esta verdade, mas tal é necessário por duas razões: a) para que se tenha em conta a mudança qualitativa da vida bem-aventurada e não compreender a imortalidade como prolongação indefinida da vida terrestre; b) para atender à vivência dessa grande e difícil esperança. Note-se que a esperança cristã está fundamentada na comunhão pessoal com Deus.

«Não vemos a Cristo, mas cremos que está presente e actuante na nossa vida. Por isso, tratamos de fazer-nos conscientes da sua presença, de saber que estamos envoltos na sua comunhão e acompanhados pela sua graça. Por isso, falamos com ele na oração e contamos com o seu amor e o seu apoio nos avatares da existência. Mantendo a devida proporção, o mesmo acontece com os nossos defuntos»<sup>207</sup>.

Identificados com Deus, os defuntos estão presentes nas nossas vidas, com eles podemos estabelecer uma relação interpessoal, falar-lhes em linguagem de fé orante, como expressa a *comunhão dos santos*:

---

<sup>206</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 289.

<sup>207</sup> *Ibidem*, 292.

«Essa verdade esplêndida, que explicita a maravilhosa universalidade da “vida eterna”, a qual não só rompe as barreiras da morte, como supera os limites que na história restringem dolorosamente a comunhão interpessoal. A partir de Deus toda a história humana faz-se verdadeiramente nossa história presente, uma fraternidade viva que abarca toda e cada uma das pessoas, por remotas que tenham existido no tempo ou distantes que tenham estado no espaço»<sup>208</sup>.

## 2.2. A veneração dos «santos»

Queiruga admite que este discurso possa parecer estranho e pouco corrente e, por este motivo, torna-o mais familiar quando se debruça sobre a veneração dos santos. Os santos são «defuntos» como tantos outros, com uma particularidade: o reconhecimento público da sua exemplaridade.

Os santos não nos amam mais do que Deus, pelo que devemos ter cuidado quando dizemos que os santos nos «recordam» junto de Deus ou fazem «recomendações» a Deus. Segundo Torres Queiruga, estas afirmações são teologicamente falsas. Os santos foram homens e mulheres que, no seu tempo, com as suas circunstâncias e cada um a seu modo, seguiram Jesus, repetindo o Seu destino. De facto, os santos recordam que é possível viver como Jesus e alcançar a realização da vida cristã. Através da sua vida, das suas palavras e acções, eles fazem-nos intuir na história a presença e acção de Deus. «Verdadeiramente, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos: os ressuscitados são em si mesmos a melhor expressão da sua glória, que neles resplandece também para nós»<sup>209</sup>.

## 3. O núcleo da liturgia funerária

Como vimos, Cristo é o modelo para compreender a nossa relação pessoal com os defuntos. É-o igualmente para a relação com os defuntos na liturgia. Segundo A. T. Queiruga,

---

<sup>208</sup> *Ibidem*.

<sup>209</sup> *Ibidem*, 294.

«a eucaristia é, antes de tudo e sobretudo, a celebração litúrgica da morte e ressurreição “do nosso irmão defunto Jesus de Nazaré”»<sup>210</sup>. Na óptica do mesmo autor, um livro sobre a ressurreição tem que incidir, necessariamente, sobre a liturgia funerária.

### 3.1. Necessidade de repensar a celebração

Tende-se a perpetuar um certo estilo na celebração litúrgica das exéquias, possivelmente influenciado por hábitos ancestrais, rotinas teológicas e litúrgicas ou condicionamentos económicos. Todavia, há necessidade de uma verdadeira actualização neste âmbito. Esta vontade é expressa na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (n.º 81) e no Ritual das Exéquias (n.º 2), mas a «transformação» não é fácil. A. T. Queiruga não pretende, contudo, abordar os ritos e detalhes celebrativos, mas «unicamente o fundamental teológico: à luz de quanto temos dito, o que é que significa a *celebração eucarística da morte* e, ao mesmo tempo, como expressar e vivenciar nela a nossa relação com Deus, com os defuntos e com a comunidade»<sup>211</sup>. Nesse sentido, o autor recorda três pontos importantes: a) «o conceito da *ressurreição como vida já actual em Deus*, morrer é entrar na salvação, na vida eterna de Deus, isto é, morrer é ressuscitar»<sup>212</sup>; b) a oração cristã é dirigida a Deus amor e só amor, não necessitando de intercessores nem que tomemos a iniciativa, porque a iniciativa é sempre de Deus como graça salvadora; c) uma leitura não fundamentalista dos textos bíblicos, mas também dos textos litúrgicos. Seria danoso não aproveitar os textos que durante séculos transportaram um precioso tesouro, mas também seria ingénuo não olhar para eles com uma postura crítica, atendendo a que somos herdeiros duma «cultura do medo», cujas acentuações exigem um equilíbrio, porque Deus é amor e em só amar consiste o seu ser.

---

<sup>210</sup> *Ibidem*.

<sup>211</sup> *Ibidem*, 295.

<sup>212</sup> *Ibidem*, 296.

### 3.2. Celebração da morte e ressurreição

Na eucaristia, fazemos memória da morte e afirmamos a fé na ressurreição – sem esquecer que a eucaristia é também actualização do mistério pascal. A eucaristia refere-se primeiramente a Jesus, mas unidos a Jesus estão todos os nossos irmãos e irmãs que morreram. Por isso, também anunciamos a morte e proclamamos a ressurreição do nosso irmão ou da nossa irmã. Se na eucaristia pensamos em Jesus vivo como Aquele que através da morte está definitivamente vivo, do mesmo modo devemos pensar em todos os outros. Não esqueçamos que «quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre» (Jo 11, 25-26). «Na dor real da morte estamos a celebrar a alegria, difícil mas não menos real, da ressurreição; e apesar da terrível evidência do cadáver, estamos a acompanhar alguém que goza da plenitude da vida»<sup>213</sup>.

### 3.3. Lázaro como ilustração simbólica

Geralmente, lemos Jo 11, 1-44 como «ressurreição de Lázaro». Todavia, o que aconteceu com Lázaro foi um regresso à vida biológica, com todos os limites e limitações que ela contém, nomeadamente a perspectiva da morte. Este episódio serve apenas de exemplo de como um mesmo texto pode ter interpretações ou leituras diferentes, com efeitos bem diversos.

Ora, imaginemos que um sacerdote tem que fazer uma homilia sobre esta passagem num funeral. Deve considerar duas possibilidades: ou toma a narração à letra, ou procura o sentido simbólico e profundo da narração. Se toma à letra a narração, não retira dela consequências favoráveis para a situação. Pelo contrário pode agravá-la, pois é verdade que Jesus «ressuscitou» Lázaro, mas o familiar morto continuará morto, o que não acontece com a pessoa morta a quem celebram exéquias. Além disso, há contradições no texto: primeiro,

---

<sup>213</sup> *Ibidem*, 298.

Lázaro sai do túmulo e só depois é que lhe são retiradas as ligaduras. Ora, é evidente que esta narração pede uma leitura não literal, mas simbólica<sup>214</sup>. Na verdade, a narração conta que Jesus é a ressurreição e a vida. O evangelista fala da vida eterna que, com Jesus e em Jesus, se anuncia como libertação da morte. Lázaro, como nós, não está preso aos laços da morte. «*Lázaro somos todos*. A todos e a cada um se nos anuncia a esperança da ressurreição, a vitória sobre a morte»<sup>215</sup>.

#### 4. O sentido concreto da celebração

##### 4.1. Celebrar «com» o defunto, não «pelo» defunto

Tal como se celebra com Jesus, também a eucaristia é celebrada com o nosso irmão defunto. A pessoa morta está sempre presente, atenta e activa, já não com a sua corporalidade, mas na plenitude da vida com Deus de que participam. Assim, «não é artifício falar com eles, vivenciar a sua presença, gozar-se na sua felicidade, sentir-se acompanhados pelo seu amor»<sup>216</sup>. É evidente que toda a antropologia do luto e do dolo terão muito a dizer sobre esta questão e a teologia deve acolher as suas abordagens para com equilíbrio viver profundamente aquilo que conhecemos pela fé.

##### 4.2. A liturgia para nossa salvação

A morte traz consigo uma sombra que debilita continuamente a certeza da ressurreição. Por isso, «celebrar a eucaristia na morte dos nossos defuntos consiste, certamente, em confessar a nossa fé e vivenciar a alegria da nossa esperança. Mas, ao mesmo

---

<sup>214</sup> Cf. *Ibidem*, 299.

<sup>215</sup> *Ibidem*, 300.

<sup>216</sup> *Ibidem*, 301.

tempo, significa *alimentar essa fé e confirmar essa esperança*»<sup>217</sup>. Além disso, também é necessário cultivar a solidariedade. Juntos na celebração sentimos o afecto, somos acompanhados na dor e na perda. Esta proximidade é fortalecida pela oração comum, a profissão conjunta da fé e a celebração da mesma esperança efectiva a proposta da carta ao Tessalonicenses: «consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras» (1 Ts 4, 18). Esta solidariedade deve estar presente em todos os momentos da vida, entre todos.

Há ainda outro aspecto; a solidariedade terrena com os defuntos. O movimento de transformação deve orientar-se para este mundo, para a transformação da nossa vida<sup>218</sup>, pois a comunhão com os nossos defuntos pode ter implicações práticas na nossa vida quotidiana, ou como continuação de algo que eles começaram, ou como reparação dos danos cometidos e, neste caso, inclusivamente obter o perdão daqueles que foram ofendidos.

---

<sup>217</sup> *Ibidem*, 305.

<sup>218</sup> Cf. *Ibidem*, 306.

---

## **CAPÍTULO III – CONFRONTO COM ANDRÉS TORRES QUEIRUGA**

---



Ao longo da obra, A. T. Queiruga indica claramente o objectivo e intenção que a regem. Eis a síntese de alguns pontos fundamentais: a) trata-se de um trabalho teológico, legítimo dentro do pluralismo teológico; b) Torres Queiruga manifesta disponibilidade para o diálogo, crítica e possível refutação; c) é propósito do tratamento procurar uma melhor, mais significativa e mais actualizada compreensão e vivência da fé; e) repensar os conceitos teológicos sem os negar mas para uma compreensão mais actual na medida em que possam corresponder ao contexto actual com equilíbrio, para que «a fé na ressurreição resulte *hoje* algo mais culturalmente significativa e mais religiosamente vivenciável»<sup>219</sup>.

Criticas e chamadas de atenção são feitas à sua proposta; a Conferência Episcopal Espanhola, Eloy Bueno de la Fuente são exemplo disso. Neste capítulo queremos analisar alguns dos pontos que são criticados.

#### A. NOTIFICAÇÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOUTRINA DA FÉ DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA

A Conferência Episcopal Espanhola (CEE), no seguimento das dúvidas que as obras do Professor Andrés Torres Queiruga suscitaram, depois de «um diálogo extenso e detido com o Autor»<sup>220</sup>, procede a uma clarificação de algumas das suas obras, no que diz respeito à Revelação, ao diálogo das religiões e à ressurreição.

A Conferência reconhece como louvável a preocupação do autor em repensar o ensino tradicional da Igreja, na tentativa de tornar mais compreensível que Deus é Amor e o Cristianismo dialoga com a cultura e as diversas religiões. Contudo, essa preocupação deveria «realizar-se sempre sem reduzir a fé cristã às categorias da cultura dominante que poderiam eliminar ou obscurecer a novidade introduzida pela Encarnação do Filho de Deus»<sup>221</sup>.

---

<sup>219</sup> *Ibidem*, 332.

<sup>220</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 1.

<sup>221</sup> *Ibidem*, n.º 2.

Torres Queiruga defenderia não ser necessário aceitar intervenções pontuais de Deus, porque o Seu actuar é permanente e respeitador das leis da natureza, pelo que, a ressurreição não deve ser vista como um milagre susceptível de provas empíricas. Ao que a Notificação contrapõe: «o ensinamento da Igreja sustenta a clara distinção entre o mundo e o Criador como fundamento da possibilidade de que Deus intervenha para além das leis que Ele mesmo estabeleceu»<sup>222</sup>, admitindo, deste modo, que Deus pode intervir pela Sua onipotência, já que todo o conhecimento do Homem sobre Deus será sempre limitado, o que o torna incapaz de perceber o alcance da onipotência. «A explicação teológica do Autor seria aceitável sempre que não reduzisse a graça e a bem-aventurança a um mero desenvolvimento da natureza, como se a existência cristã consistisse simplesmente em fazer explícito o que já está implícito»<sup>223</sup>.

Relativamente à Revelação, Andrés Torres Queiruga defenderia que a revelação não é um ditado divino e que, nesse sentido, a revelação bíblica necessita ser interpretada à luz de cada época. Por sua vez, a Comissão refere que «a linguagem religiosa não é simplesmente a expressão de uma experiência determinada de Deus, mas que proporciona informação objectiva sobre Ele»<sup>224</sup>. Além disso, se assim não fosse, as formulações dogmáticas teriam de ser alteradas permanentemente, sob pena de deixarem de fazer sentido.

Para Queiruga, a Revelação deverá compreender-se como um «dar-se conta» de algo que já habita na pessoa<sup>225</sup>, consistindo numa descoberta que ocorre num processo maiêutico, em que a pessoa toma consciência de algo que já nela se encontrava. Todavia, para a CEE, «resulta incompatível com a fé da Igreja considerar a Revelação [...] como uma mera percepção subjectiva pela qual ‘se dá conta’ do Deus que nos habita e se nos manifesta. [...] É erróneo entender a Revelação como o desenvolvimento imanente da religiosidade dos povos e

---

<sup>222</sup> *Ibidem*, n.º 4.

<sup>223</sup> *Ibidem*, n.º 6.

<sup>224</sup> *Ibidem*, n.º 8.

<sup>225</sup> «A experiência de revelação não cria a realidade, mas que a descobre; esta estava já aí, mas não se percebia», in A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 177.

considerar que todas as religiões são ‘reveladas’<sup>226</sup>, segundo o grau alcançado na sua história, e, nesse mesmo sentido, verdadeiras e salvíficas”<sup>227</sup>. Saliente-se que a CEE admite, com Torres Queiruga, que este «dar-se conta» não é mera percepção subjectiva, mas algo profundamente real. Ainda assim, a Conferência tem dificuldade em encontrar na explicação de Queiruga «de que modo a Revelação comunica uma verdade salvífica com conteúdos objectivos, que move o entendimento e a vontade humanos para aceitar uma verdade que supera a razão»<sup>228</sup>.

No que respeita ao diálogo com as outras religiões, Andrés Torres Queiruga defende a teologia do «pluralismo assimétrico», que postula que o cristianismo não deverá ser considerado realização histórica perfeita e acabada, porque as outras religiões também podem ter percebido aspectos do mistério de Cristo que complementem o Cristianismo. Se Deus Se revela a uns mais do que a outros, tal pode ser percebido como injusto. A este respeito, o documento de notificação afirma: «a Igreja valoriza o que de positivo pode existir nas outras tradições religiosas, mas mantêm sempre o carácter pleno e definitivo da Revelação de Jesus Cristo»<sup>229</sup>. E ainda: «é contrário à fé da Igreja sustentar que a revelação de ou em Jesus Cristo seja limitada, incompleta e imperfeita [...] a revelação histórica de Jesus Cristo oferece já tudo o que é necessário para a salvação do homem, e não necessita de ser complementada pelas outras religiões»<sup>230</sup>.

No que diz respeito à interpretação da ressurreição, Torres Queiruga procura uma compreensão actualizada da ressurreição que responda às exigências que a cultura actual impõe. Por esses motivos, não aceita a leitura literal dos textos bíblicos, os quais responderam a um tempo e a uma cultura que já não são os nossos, passando o Autor a debruçar-se sobre as narrações do sepulcro vazio e das aparições. Para Queiruga, os acontecimentos históricos são

---

<sup>226</sup> Queiruga afirma que: «toda a experiência religiosa se vive sempre como suscitada por Deus, e por isso mesmo toda a religião se vive como revelada», in A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 156.

<sup>227</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 11.

<sup>228</sup> *Ibidem*, n.º 12.

<sup>229</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>230</sup> *Ibidem*.

a morte de Jesus e a fé pascal dos discípulos, pelo que, apesar de ter sido real<sup>231</sup>, a ressurreição não é um acontecimento histórico. Assim sendo, a ressurreição não pode ser comprovada por meio de provas empíricas. De resto, foi por meio de uma nova experiência que os discípulos puderam chegar à fé na ressurreição, compreendendo e confessando que Jesus estava vivo, presente e actuante, na comunidade, ainda que segundo um modo novo de existência.

A CEE, neste tocante, comenta: «não parece respeitar, portanto, o carácter único que tem o acontecimento da Ressurreição, uma vez que se unem história e transcendência, tempo e eternidade. Isto é coerente com o seu esquema teológico em que não cabem mais que dois tipos de acontecimentos: os que estão submetidos na sua realidade física a leis empíricas ou os que estão totalmente à margem das leis empíricas. Este modo de interpretar a natureza do acontecimento da Ressurreição não concorda com o *Catecismo da Igreja Católica*, que ensina que neste caso estamos perante um acontecimento “histórico e transcendente”, “real com manifestações historicamente comprovadas”»<sup>232</sup>.

O pensamento de Torres Queiruga, a ressurreição do corpo não é um elemento essencial para a fé pascal<sup>233</sup> e as aparições não são acontecimentos imprescindíveis para a fé na ressurreição<sup>234</sup>.

Consentindo que a Ressurreição de Jesus não seja uma simples revivificação, o documento alerta que tal não significa que «seja algo alheio à história e sem possibilidade de ser verificado por testemunhos de uma maneira objectiva»<sup>235</sup>, defendendo que o Catecismo da Igreja Católica é «regra segura» no ensino da Igreja e ensina com precisão como se deve

---

<sup>231</sup> Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 26 e 187.

<sup>232</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 19. «O mistério da ressurreição de Cristo é um acontecimento real, com manifestações historicamente verificadas, como atesta o Novo Testamento», in *Catecismo da Igreja Católica*, 639.

<sup>233</sup> Referindo-se ao sepulcro vazio, Torres Queiruga afirma: «hoje não se faz depender dele a fé na ressurreição» e ainda «seja qual for o destino do corpo físico – do cadáver -, para a fé o resultado é exactamente o mesmo», in A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 87.

<sup>234</sup> «As aparições do Ressuscitado não se trata de visões físicas normais, mas de algum tipo de “experiência” singular. Daí que se recorra a expressões aproximativas, falando, por exemplo, de “elementos visuais” ou de “fenómenos auditivos” ou de “sensações luminosas”», in *Ibidem*, 101.

<sup>235</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 21.

compreender a ressurreição, as aparições e o sepulcro vazio: «perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico»<sup>236</sup>, «acontecimento histórico comprovado pelo sinal do túmulo vazio»<sup>237</sup> e pela realidade dos encontros dos Apóstolos com Cristo Ressuscitado»<sup>238</sup>; «o sepulcro vazio e os lençóis deixados no chão significam, por si mesmos, que o corpo de Cristo escapou aos laços da morte e da corrupção, pelo poder de Deus. E preparam os discípulos para o encontro com o Ressuscitado»<sup>239</sup>.

A respeito da fé na ressurreição dos mortos, Andrés Torres Queiruga defende que a ressurreição se dá já na morte, negando, desta forma, uma ressurreição final: «a ressurreição seja já de todos e já na morte»<sup>240</sup>; «a partir de Jesus a ressurreição começa a ser compreendida como já actual e como plena: *gracias a ele*, na comunidade primitiva aconteceu a revelação de que *para todos e desde sempre* morrer é entrar *já* e com plenitude *pessoal* na salvação definitiva como comunhão total com Deus»<sup>241</sup>; «o conceito de *ressurreição como vida já actual em Deus*: morrer é entrar na salvação, na vida eterna de Deus, isto é, morrer é ressuscitar»<sup>242</sup>; «morrer é já ressuscitar: ressurreição-na-morte»<sup>243</sup>.

Neste âmbito, a CEE cita a carta *Recentiores Episcoporum* da Congregação para a Doutrina da Fé, mediante a qual «3) A Igreja afirma a sobrevivência e a subsistência depois da morte de um elemento espiritual, dotado de consciência e de vontade, de tal modo que o “eu humano” subsista. Para designar esse elemento, a Igreja emprega a palavra “alma”, consagrada pelo uso que dela fazem a Sagrada Escritura e a Tradição. Sem ignorar que este termo é tomado na Bíblia em diversos significados, ela julga, não obstante isso, que não existe qualquer razão séria para o rejeitar e considera mesmo ser absolutamente indispensável um

---

<sup>236</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 643.

<sup>237</sup> O *Catecismo da Igreja Católica* também diz: «no quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que se nos oferece é o sepulcro vazio. Isso não é, em si, uma prova directa. A ausência do corpo de Cristo do sepulcro poderia explicar-se doutro modo», in *Ibidem*, 640.

<sup>238</sup> *Ibidem*, 647.

<sup>239</sup> *Ibidem*, 657.

<sup>240</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 228.

<sup>241</sup> *Ibidem*, 249.

<sup>242</sup> *Ibidem*, 296.

<sup>243</sup> *Ibidem*, 319.

instrumento verbal para sustentar a fé dos cristãos. [...] 5) A Igreja, em conformidade com a Sagrada Escritura, espera “a gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>244</sup>, que ela considera como distinta e diferida em relação àquela condição própria do homem imediatamente depois da morte. 6) A Igreja, ao expor a sua doutrina sobre a sorte do homem depois da morte, exclui qualquer explicação com que se tirasse o seu sentido à Assunção de Nossa Senhora, naquilo que esta tem de único; ou seja, o facto de ser a glorificação corporal da Virgem Santíssima uma antecipação da glorificação que está destinada a todos os outros eleitos»<sup>245</sup>.

Sobre a oração pelos defuntos, o Autor defende que «não celebramos a eucaristia *pelo* nosso irmão defunto, mas *com* o nosso irmão defunto (tal como não se celebra por Jesus, mas com Jesus)»<sup>246</sup>, acrescentando que a Deus nem o precisamos convencer nem apaziguar, e muitas vezes as nossas orações vão nesse sentido, de O querer convencer, para que seja piedoso com o defunto. Todavia, diz Queiruga, Deus «antes que nós lhe o peçamos, está já sempre a sustentar, a ajudar e a salvar»<sup>247</sup>.

Sobre a mesma questão, o documento da CEE refere: «trata-se simplesmente de alcançar o que Deus dispôs que se realize mediante a oração, pois, segundo a providência de Deus, determinados efeitos se realizam com a colaboração das criaturas, colaboração que inclui as orações»<sup>248</sup>. O Catecismo da Igreja Católica, referenciado no mesmo documento, afirma: «Deus é o Senhor soberano dos seus planos. Mas, para a realização dos mesmos, serve-Se também do concurso das criaturas. Isto não é um sinal de fraqueza, mas da grandeza e bondade de Deus omnipotente. É que Ele não só permite às criaturas que existam, mas confere-lhes a dignidade de agirem por si mesmas, de serem causa e princípio umas das outras

---

<sup>244</sup> Cf. *Dei Verbum*, n.º 4.

<sup>245</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Recentiores Episcoporum*.

<sup>246</sup> A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 300.

<sup>247</sup> *Ibidem*, 302.

<sup>248</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 25.

e de cooperarem, assim, na realização do seu desígnio»<sup>249</sup>; «é pela oração de petição que traduzimos a consciência da nossa relação com Deus. [...] A petição é já um regresso a Ele»<sup>250</sup>. A Eucaristia, celebrada e oferecida pelos defuntos, tem um valor propiciatório, consistindo em «verdadeiros actos de solidariedade com os defuntos, na comunhão dos santos»<sup>251</sup>. O Catecismo da Igreja Católica ensina-o, citando a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: «Tendo perfeito conhecimento desta comunhão de todo o corpo místico de Jesus Cristo, a Igreja dos viandantes, desde os primeiros tempos do Cristianismo, venerou com grande piedade a memória dos defuntos, e ofereceu sufrágios por eles, porque “era este um pensamento santo e piedoso. Por isso pediu um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas” (2 Mac 12, 46). [...] A eles, e também à bem-aventurada Virgem Maria e aos santos anjos, venerou de modo especial, e implorou devotamente o auxílio da sua intercessão. [...] Não veneramos, porém, a memória dos santos apenas pelo exemplo que nos dão; fazemo-lo, mais ainda, para que a união de toda a Igreja no Espírito Santo se consolide pelo exercício da caridade fraterna (Cf. Ef 4, 1-6). Pois, do mesmo modo que a comunhão cristã, entre os que peregrinam neste mundo, nos coloca mais perto de Cristo, assim também a familiaridade com os santos nos une a Cristo. [...] que “os invoquemos humildemente e que recorramos às suas orações, à sua intercessão e ao seu auxílio para impetrarmos de Deus as graças necessária, por meio de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor, que é o único redentor e salvador nosso”»<sup>252</sup>.

A *Notificação* termina com uma síntese dos elementos da fé da Igreja que podem resultar deturpados com os escritos de Andrés Torres Queiruga, deixando como objectivo da Comissão para a Doutrina da Fé a salvaguarda de «aspectos essenciais da doutrina da Igreja para evitar a confusão no povo de Deus e contribuir para o fortalecimento da sua vida cristã;

---

<sup>249</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 306.

<sup>250</sup> *Ibidem*, 2629. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2629-2633; 2738-2741.

<sup>251</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 25

<sup>252</sup> *Lumen Gentium*, 50.

espera igualmente que o Prof. A. Torres Queiruga continue a clarificar o seu pensamento e o ponha na plena consonância com a tradição de fé autorizadamente ensinada da Igreja»<sup>253</sup>.

## B. A PERSPECTIVA DE ELOY BUENO DE LA FUENTE

### 1. Contextualização

Ao longo da história, a ressurreição não foi uma questão central no âmbito da cristologia, situando-se na periferia do núcleo da fé. A cristologia desenvolvia-se, então, em torno da encarnação, da união hipostática ou da soteriologia. Porém, nos finais do século XIX, quando alguns dos pressupostos dessa compreensão foram questionados, operou-se uma mudança que levou a que a ressurreição se tornasse o núcleo essencial do mistério cristão. A partir das novas perspectivas exegéticas e intelectuais, irrompe um esforço por repensar e resituar a ressurreição, produzindo-se inúmeras interpretações, por vezes conflituosas.

Com a intenção de colocar o valor e o sentido da ressurreição no marco intelectual suscitado pela modernidade, Andrés Torres Queiruga faz uma proposta hipotética no diálogo teológico que «aspira a elaborar uma “visão global”, não se reduz a pontos concretos mas aspira a um repensamento do conjunto»<sup>254</sup>. Segundo Eloy Bueno de la Fuente, a proposta de Queiruga deve ser tida em conta porquanto recolhe com clareza e precisão a problemática actual e propõe uma saída.

### 2. No conflito das interpretações

Colocada na periferia da cristologia, a questão da ressurreição era considerada ou acontecimento físico, ou dado histórico. Quando sobrevém a renovação da cristologia, esta

---

<sup>253</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 28.

<sup>254</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?*, 287.

dá-se numa dupla coordenada: «a) a recuperação da centralidade do Reino de Deus na actividade e no ministério de Jesus, com o que isso implica de valorização da história [...]; b) a importância do mistério pascal, do acontecimento pascal, tanto no relato bíblico (e concretamente neotestamentário) como na vida da Igreja»<sup>255</sup>.

A partir do estudo crítico dos textos bíblicos, especialmente do Novo Testamento, e das exigências da razão moderna, que denunciava como mitológica determinada concepção da ressurreição de Jesus, foram sendo elaboradas propostas de reinterpretação e repensamento desta questão. Essas propostas têm diferentes acentuações: a uma compreensão histórica e mundana da ressurreição sucede a tendência de excluir da história a ressurreição e de a situar no transcendente e meta-histórico; a uma insistência no carácter objectivo segue-se a ênfase no aspecto subjectivo da ressurreição; o protagonismo de Jesus, que ressuscita pelo Seu próprio poder, dá lugar à acção de Deus sobre Jesus, que o introduz na glória, resgatando-O da morte; a descontinuidade dá lugar à revalorização da continuidade; a insistência no carácter particular e concreto dá lugar à possibilidade de todos os crentes poderem fazer a mesma experiência das primeiras testemunhas; perante a consideração da ressurreição de Jesus como acontecimento único e incomparável passa-se a sublinhar a sua analogia com a experiência geral da ressurreição dos mortos e da esperança universal de uma vida em plenitude.

O posicionamento de Torres Queiruga inscreve-se, claramente, na segunda tendência, embora salogue a peculiaridade e singularidade do acontecimento crístico. Neste sentido, a sua intenção é facilitar a apreensão do significado da ressurreição aos crentes modernos, afastados de toda a concepção que implique intervencionismos por parte de Deus, os quais dariam, inevitavelmente, lugar a discriminações de uns em favor de outros e à violação das leis naturais.

No entender de Eloy Bueno de la Fuente, este é o ponto mais positivo da intenção de Queiruga, pois «ajuda a ser cautelosos com as afirmações habituais consideradas evidentes. A

---

<sup>255</sup> *Ibidem*, 288.

teologia actual deve escutar tais advertências para não pretender mais do que a revelação e a fé podem contribuir. Também realiza um enorme esforço para salvaguardar o conteúdo credível que pode resultar significativo para aqueles que vivem no horizonte da razão moderna. E assim oferece *logos* àqueles que perceberam a insuficiência do paradigma anterior e continuam a descobrir em Jesus motivos para a fé, a esperança e o amor»<sup>256</sup>.

No entanto, o objectivo e a intenção de Queiruga alimentam-se de três paradoxos, o que não deixa de causar perplexidade: 1) fica preso da concepção que critica: «o seu estímulo e o seu ponto de partida é o destino do cadáver de Jesus; o tema continua a ser a ressurreição mais que o acontecimento pascal»<sup>257</sup>; 2) o uso da categoria «espácio-temporal» mediante o qual estabelece o quadro do empiricamente verificável e do histórico, ao mesmo tempo reconhecendo que não esgota o real, porque o real não se identifica com o físico. Se o tema da ressurreição e da relação de Deus com a história só pode ser expresso com categorias pessoais, o real confronta-se com uma difícil ubiquação ontológica. Eloy pergunta: «a pessoa não fica identificada enquanto tal pelo empiricamente verificável? Não fica submetida a uma segmentação, pois o transcendente e o empírico parecem excluir-se, já que “tertium non datur”?»<sup>258</sup>; 3) o significado da singularidade de Jesus, da acção de Deus e do testemunho dos apóstolos não pode ficar iludido pela primazia e prioridade do universal e do geral; querer manter a sua centralidade leva Eloy Bueno de la Fuente a formular algumas perguntas: «é empiricamente verificável que “ninguém como ele [Jesus] viveu a filiação divina nem ninguém alcançou a profundidade trinitária como ele”<sup>259</sup> ou que ninguém “permitiu” a Deus tal grau de manifestação da sua presença, ou que a reflexão dos apóstolos é irreduzível? É suficiente procurar a singularidade de Jesus do mesmo modo e no mesmo nível em que se

---

<sup>256</sup> *Ibidem*, 289.

<sup>257</sup> *Ibidem*.

<sup>258</sup> *Ibidem*.

<sup>259</sup> Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar la resurrección*, 223.

determina a peculiaridade de cada pessoa humana? Não há que dar mais força à irrupção do diferente para alterar o domínio do mesmo?»<sup>260</sup>.

É no seio do acontecimento pascal, *verdadero tema da narrativa neotestamentária*, que a ressurreição de Jesus manifesta o seu sentido e a sua novidade. A peculiaridade deste acontecimento torna-o fundador: Jesus não é simples destinatário da acção de Deus, pois nela também Ele se torna protagonista, depois de vencida a morte.

### 3. Um acontecimento fundador

A linguagem neotestamentária não se cinge apenas ao conceito ressurreição. As diversas imagens e conceitos que surgem no Novo Testamento constituem primeiramente o relato de algo que aconteceu. Por isso, é tão importante, no relato, a linguagem que se modela e expressa em diversos registos, com a intenção de recolher as diferentes dimensões do que aconteceu. A linguagem «obriga a *não reduzir a objecto todo o tipo de fenómeno*. É o acontecimento que inclui os objectos, juntamente com as pessoas como protagonistas»<sup>261</sup>.

À primeira vista, a linguagem neotestamentária apresenta-se como ingénua e mitológica. Todavia, é necessário a recolha daquilo que verdadeiramente diz, antes de atender à sua intenção, até porque temas sensíveis como o dos milagres ou da ressurreição devem ser considerados na sua globalidade.

Não é intenção de Eloy Bueno de la Fuente dar relevo a esta questão, mas somente enfatizar a «flexibilidade da linguagem e – paradoxalmente – o carácter pouco “milagroso” dos milagres de Jesus ou mais precisamente, dos que depois serão interpretados como milagres»<sup>262</sup>. Nem Jesus, nem os redactores dos evangelhos se focaram no espectacular ou naquilo que despertava as atenções. Os redactores falam de acções e sinais, surpreendentes e

---

<sup>260</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascal. Un repensamiento siempre abierto?*, 289.

<sup>261</sup> *Ibidem*, 290.

<sup>262</sup> *Ibidem*.

poderosos, mas desprovidos da intenção de impor objectividade. Jesus age com os que estão à margem, não procura relevo ou prestígio. Tanto para Ele como para os evangelistas não existia o conceito de «milagre», «elaborado posteriormente, a partir de outra concepção do mundo e a partir de outro jogo linguístico. Uma coisa é que o milagre tenha sido usado de modo indevido pela teologia ou pela sensibilidade popular e outra (o que aqui interessa destacar) que se possa culpar a narração neotestamentária»<sup>263</sup>.

Processo semelhante ocorre relativamente à ressurreição. Parece evidente que se fala de ressurreição no Novo Testamento quando se trata do sepulcro vazio ou quando Jesus aparece aos discípulos. Contudo, os evangelhos relatam uma ausência, o sepulcro vazio, mas um vazio exposto a diversas interpretações: «a referência ao sepulcro mais se consolidou no relato evangélico quando já estava garantido o fundamental: a presença do Ressuscitado, o reconhecimento de Jesus como vivo, como o Vivente. Este fenómeno (em sentido filosófico) não se deixa encerrar num único jogo linguístico»<sup>264</sup>.

O Novo Testamento no seu conjunto expressa e testemunha um novo e imprevisto acontecimento, dando origem a uma nova história e a um novo protagonismo, mediante o qual se descobre quem é Deus, a saber: Aquele que ressuscitou Jesus e não é apenas o criador do mundo. Assim sendo, Deus define-se a partir do que aconteceu na história de Jesus, cristologicamente. «O acontecimento pascal é a consumação da acção reveladora e salvífica de Deus: não só porque se garante graças a Jesus o destino de cada um dos seres humanos mas porque fica desvelado o próprio Deus como trinitário e pascal»<sup>265</sup>.

Os acontecimentos só existem graças ao protagonismo das pessoas, pelo que a acção das pessoas não pode ficar reduzida ao que é verificável empiricamente. «A pessoa não é simplesmente física e química é por isso que o sobre-natural tem a sua peculiaridade ontológica (a pessoa, definitivamente, não se pode dissolver na natureza, pois a realidade não

---

<sup>263</sup> *Ibidem*, 291.

<sup>264</sup> *Ibidem*.

<sup>265</sup> *Ibidem*.

é uniforme nem homogênea) que não pode ser degradado a “sobrenaturalismo” nem submetido à alternativa “ou espaço-temporal ou transcendente”»<sup>266</sup>.

#### 4. A riqueza da linguagem

A linguagem do Novo Testamento é rica e variada. Expressa em jogos linguísticos, esta linguagem capta toda a riqueza e novidade do acontecimento e dos personagens nele envolvidos. A expressão linguística privilegia a elaboração de imagens. Por exemplo, as formas verbais utilizadas para indicar um morto que não fica preso na morte, relativas a Jesus – *levantar, subir, despertar* – constituem fortes imagens que suscitam uma analogia com a situação daqueles que tinham saído do sepulcro para voltar a morrer, como por exemplo a filha de Jairo<sup>267</sup>. Fixarmo-nos na semelhança entre as expressões referentes a Jesus e as que se referem a outros personagens pode não deixar perceber a importância do vocabulário que designa, com a mesma força e intensidade, Jesus.

Atendendo ao campo semântico de *Vida*, diversas passagens falam da «vida» de Jesus já como ressuscitado. Etimologicamente, em grego a vida biológica e material (*bíos*) distingue-se da vida existencialmente plena, no sentido de consumação pessoal liberta da caducidade e da fragilidade (*zoe*). Note-se que esta última é a usada para se referir à vida de Jesus ressuscitado.

Esse modo de existência não é passivo, mas capaz de iniciativa, de protagonismo. Por isso, Jesus aproxima-se, faz-se presente, irrompe e chega<sup>268</sup>, não é apenas visto, mas faz-se ver, foi encontrado e fez-se ao encontro<sup>269</sup>. Assim, «sem esta capacidade de iniciativa

---

<sup>266</sup> *Ibidem.*

<sup>267</sup> Cf. Mc 5, 35,42; Mt 9, 18-26; Lc 8, 40-56; Lc 7, 11-17.

<sup>268</sup> Cf. Lc 24, 14-36; Jo 20, 19.26.

<sup>269</sup> Cf. Lc 24, 34; 1 Cor 15, 5.

difícilmente se poderia falar de um acontecimento ou da iniciativa de Jesus, pois ficaria “atrás” da nossa história e do nosso mundo»<sup>270</sup>.

Conceitos como *exaltação*, *glorificação*, *estar sentado à direita de Deus*<sup>271</sup> colocam em relevo a transformação do modo de existência de Jesus. Jesus ressuscitado deixa de estar sujeito à caducidade que o levaria novamente à morte, nem está já condicionado pelo espaço ou pelo tempo. Assim, as categorias humanas levaram a que a glorificação e ressurreição fossem tomadas como questões separadas ou distintas, ainda que resulte «absurdo pensar em Jesus ressuscitado que não fosse glorificado»<sup>272</sup>.

As confissões de fé primitivas surgem no acontecimento pascal e expressam-no numa linguagem que vincula Deus à história, dando-Lhe protagonismo como Deus trinitário e pascal. Efectivamente, o credo cristão não poderia separar Deus deste acto escatológico, pelo seu carácter definitivo e insuperável. Nós, cristãos, não cremos apenas em Deus, mas «naquele que ressuscitou de entre os mortos Jesus, Senhor nosso, entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação» (Rom 4, 24-25). Neste acontecimento salvífico, também nós, humanos, somos incluídos: «por isso se converte em acontecimento fundador, enquanto fica instituída uma aliança (eterna?, nova?, definitiva?) já que se produziu um compromisso e uma implicação de Deus com o destino humano que não podia ser deduzido nem das possibilidades da razão nem dos pressupostos da revelação veterotestamentária»<sup>273</sup>.

Menos desenvolvido em termos das categorias pessoais, o Espírito Santo inclui-se na dimensão trinitária. O Espírito é o poder, a força e a glória mediante os quais o Pai ressuscita o Filho, Jesus. Em Jesus, o protagonismo do Espírito é permanente quer no itinerário biográfico, quer na consumação do seu caminho filial, entronização e capacidade salvífica. De

---

<sup>270</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?*, 292.

<sup>271</sup> Cf. Mc 16, 19; Act 1, 3; 2, 34; 1 Pe 1, 21; 1 Tm 3, 16; Fil 2, 8-9; Ef 1, 21; Col 3, 1; Rom 8, 34.

<sup>272</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?*, 292.

<sup>273</sup> *Ibidem*.

resto, o símbolo neotestamentário da fé abrange o aspecto trinitário e o aspecto pascal: Deus Pai ressuscita o Seu Filho Jesus no poder do Espírito Santo.

O último aspecto é expresso e sintetizado por São Paulo nos seguintes termos: «e se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que habita em vós» (Rm 8, 11). Eis a fonte e origem da alegria e da fé que se encontra no princípio da história cristã da Igreja. Assim, o hino e a doxologia formam parte integrante do acontecimento pascal.

A variedade terminológica permite não só compreender o acontecimento pascal, mas também em que medida esse acontecimento tem uma presença constante ao longo do Novo Testamento.

Segundo Eloy Bueno de la Fuente,

«De facto, o actual texto neotestamentário está impregnado pelo acontecimento pascal; posteriormente a teologia iria pondo no centro a encarnação ou a redenção ou a união hipostática, por considerar estes temas mais nucleares e substantivos para compreender a identidade pessoal de Jesus; no caso de os autores neotestamentários tivessem que voltar escrever as suas obras no momento actual teriam continuado com a sua abordagem inicial ou teriam dado prioridade a outros dados dogmáticos? À luz do que temos visto, a resposta resulta clara: a Páscoa da nova aliança é o acontecimento fundador da singularidade cristã e por isso percorre caminhos tão variados. Esse acontecimento exige a narração da iniciativa dos seus protagonistas»<sup>274</sup>.

##### 5. A iniciativa dos protagonistas

A Páscoa, enquanto acontecimento fundador, só é possível porque conta com um protagonista pessoal. Logo, só se pode falar de ressurreição em categorias pessoais: «o

---

<sup>274</sup> *Ibidem*, 293.

pessoal exhibe não só uma potencialidade ontológica como a riqueza da compreensão trinitária de Deus»<sup>275</sup>.

Na verdade, as testemunhas iniciais experimentam o acontecimento pascal como iniciativa do Pai, de Jesus, do Espírito. «A Páscoa, no seu sentido autêntico, oferece não só o ponto de partida mas o conteúdo do que a teologia posterior definirá como Trindade»<sup>276</sup>. A morte de Jesus legitima o Seu destino dramático e o sentido e alcance da Sua relação com Deus Pai (*abba*), a qual se confirma e manifesta na glorificação do Crucificado. O modo como Jesus morre e a forma como vai ao encontro daqueles que o abandonaram «faz presente na história uma capacidade de amar que vence e supera toda a rejeição e oposição por parte do homem. A história de Jesus pode ser considerada como a maior história de amor jamais contada porque *o Filho do amor* atravessa a obscuridade da violência humana convertendo-se em justiça, reconciliação e redenção para todos. Só à luz da Páscoa é compreensível a soteriologia cristã, que recebe a sua força e a sua eficácia do Amor originário: a salvação não deve ser vista desde os méritos adquiridos pelo sacrifício de Jesus mas desde a sua própria constituição como “Espírito que dá vida”»<sup>277</sup>. Nesta história é possível a afirmação de que Deus é amor, um amor que alcança maior densidade e expressão graças ao acontecimento pascal.

Bueno de la Fuente afirma: «o amor nunca é um objecto ou uma substância, nem sequer um atributo ou uma qualidade da pessoa. O amor não se pode entender senão como *acto de amar*, como verbo, como acção pessoal e personalizadora»<sup>278</sup>. Assim, Deus ama e cria por amor, porque a Sua acção é amar e o Seu ser é amor.

Porque «a ressurreição de Jesus mostra a sua inteligibilidade no seio de um acontecimento protagonizado pelo Deus trinitário e pascal»<sup>279</sup>, é imperioso atender à estrutura trinitária do amor. Amar não se dá como acontecimento pleno sem um Amante e um Amado.

---

<sup>275</sup> *Ibidem*, 294.

<sup>276</sup> *Ibidem*.

<sup>277</sup> *Ibidem*.

<sup>278</sup> *Ibidem*.

<sup>279</sup> *Ibidem*, 295.

Por isso, só um Deus trinitário é capaz de realizar plenamente o acto de Amar. «As pessoas divinas, porque se identificam com o acto de Amar, desvelam-se (na narração do mistério pascal) como a realização máxima do pessoal»<sup>280</sup>.

Entendendo plenamente o que é a pessoa e o que é amar, não é possível separar história e transcendência. A pessoa não se reduz ao físico. Do físico irrompe o meta-físico, o natural transborda para o sobre-natural e a possibilidade de intervenção não tem por que se degradar em «intervencionismo». A continuidade na descontinuidade é o peculiar da pessoa. O espaço e o tempo não têm por que ser barreiras à comunicação. A pessoa não pode ser encontrada directamente nos acontecimentos empíricos, mas sem eles também não a podemos encontrar. Por exemplo, o corpo: a pessoa não é corpo, mas não existe fora do seu corpo. «A pessoa é tal porque existe no físico e no meta-físico, na história e na meta-história»<sup>281</sup>.

Para a razão moderna é incómoda a questão do destino do corpo de Jesus. Em ordem à sua resolução, surge a alternativa: ou admitir que se terá corrompido no sepulcro, ou admitir o «intervencionismo» de Deus a partir «de fora». Para Eloy Bueno de la Fuente, a primeira opção estaria justificada se se considerar que para a ressurreição não importa a transformação do corpo de Jesus.

Conscientes das dificuldades, os redactores do Novo Testamento acautelam-se nesta problemática e tentam explicações metafóricas ou simbólicas que reflectem a convicção de que o que caduca na existência não pode ser abandonado na glória de Deus. Daí o uso recorrente de explicações como a do «corpo pneumático» ou do Ressuscitado com chagas. A razão moderna deve, por consequência, fazer uma autocrítica, tomando o caminho da humildade, e assim, «continuar a pensar e a re-pensar a ressurreição no conflito das interpretações»<sup>282</sup>.

---

<sup>280</sup> *Ibidem.*

<sup>281</sup> *Ibidem.*

<sup>282</sup> *Ibidem*, 296.

## C. RESPOSTA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

Torres Queiruga compartilha as advertências de Eloy relativamente à necessidade de uma compreensão que considere o importante significado dos textos bíblicos, «cuja leitura deve preservar a abertura ao simbólico, a remissão ao transcendente e ao mistério da comunhão pessoal»<sup>283</sup>. Todavia, a questão de Queiruga centra-se em tornar o mistério credível, vivenciável e compreensível nos dias de hoje. Esta é também uma preocupação de Bueno de la Fuente, embora cingida por duas limitações que determinam o desencontro dos dois autores. Segundo Queiruga, Eloy «situa a sua reflexão dentro do típico contexto dos manuais académicos, e, é justo reconhecê-lo, estende-o na medida do possível para uma interessante actualização [...]. A segunda limitação, muito unida à primeira, é a sua consideração da ressurreição de Jesus como algo isolado em si mesmo, cortando-a não só da sua revelação já no AT e sobretudo da fé que nela tinham os apóstolos e o próprio Jesus, mas também da sua solidariedade com a nossa ressurreição, tão insistente e solenemente proclamada por S. Paulo»<sup>284</sup>.

Queiruga entende que estas limitações levam Eloy Bueno de la Fuente a proclamar princípios, sem ter alcançado um avanço que permitisse a actualização da compreensão desta problemática. Para ser mais claro, Torres Queiruga selecciona dois aspectos concretos para responder a Bueno de la Fuente: 1) sobre a possibilidade de intervenção de Deus sem ter que ser «intervencionismo», Eloy refere no seu artigo que «a maravilha consiste em que o mundo está feito de tal modo que, ainda que com os seus mecanismos naturais, eu posso intervir introduzindo novidade, e eu estou feito de tal modo que posso intervir no mundo sem que as minhas intenções fiquem encaixotadas no pré-determinado (explicável tão somente por um mecanismo causal)»<sup>285</sup>. Sublinhando o *eu*, Queiruga responde que «pré-determinada ou não, a

---

<sup>283</sup> A. T. QUEIRUGA, *Respuestas de Andrés Torres Queiruga*, 577.

<sup>284</sup> *Ibidem*.

<sup>285</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?*, 295.

minha acção pertence ao mundo e é normal que possa modificá-lo empiricamente; mas aplicá-lo a *Deus* equivaleria a converter em mundana a sua acção que é real mas transcendente e só historicizável através da *nossa liberdade*»<sup>286</sup>. Deus está sempre activo e presente, mas recorde-se a parábola do Samaritano: se aquele Samaritano não passasse por ali o ferido morreria exangue. Por isso, o chamamento divino deve ser convertido em acção histórica; 2) o segundo aspecto diz respeito à «questão mais incómoda para a razão moderna, o destino do corpo de Jesus»<sup>287</sup>. Neste sentido, Eloy pergunta: «Não deveria o “esforço do conceito” integrar na ressurreição de Jesus a sua corporeidade, vencida e derrotada pelos poderes deste mundo, mas transfigurada pelo poder de Deus?»<sup>288</sup>. Ao que Queiruga responde: «[Eloy] não vê mais alternativa que a intervenção empírica de Deus transformando o cadáver, e descarta sem mais a resposta – não só minha, mas de muitos outros teólogos – que, não renunciando ao trabalho do conceito, tenta reconhecer e afirmar sobriamente a corporeidade numa identidade pessoal que não é “angélica” mas intrinsecamente determinada pelo corpo físico no qual e graças ao qual se foi forjando e realizando»<sup>289</sup>.

Para Queiruga, Eloy deixa em suspenso o *como*, bem como todas as perguntas que daí advêm, como, por exemplo, que corporeidade tem o Ressuscitado, se acreditamos que está presente aqui e no outro lado do mundo, numa eucaristia e num gesto de caridade? Se nós também vamos ressuscitar, que transformação sofrerá «este» corpo? «Não perguntar isto é, por certo, uma típica consequência de isolar antipaulinamente a ressurreição de Jesus»<sup>290</sup>.

Eloy Bueno de la Fuente questiona se não será falta de humildade, e até comodidade, abordar as questões, ou situar o pensamento, naquilo que está como impossível para Deus, uma vez excluída a *potentia Dei absoluta*. Para Torres Queiruga, a comodidade vai em

---

<sup>286</sup> A. T. QUEIRUGA, *Respuestas de Andrés Torres Queiruga*, 578.

<sup>287</sup> Eloy BUENO DE LA FUENTE, *Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?*, 295.

<sup>288</sup> *Ibidem*, 296.

<sup>289</sup> A. T. QUEIRUGA, *Respuestas de Andrés Torres Queiruga*, 578.

<sup>290</sup> *Ibidem*.

sentido contrário, atribuindo ao «intervencionismo divino as dificuldades ou aporias que não resolvemos ou que os humanos têm criado»<sup>291</sup>.

---

<sup>291</sup> *Ibidem.*

## CONCLUSÃO

Ao terminar o presente trabalho, algumas conclusões são possíveis e necessárias. O caminho foi longo, na companhia de Andrés Torres Queiruga, cuja obra dedicada à ressurreição foi analisada em pormenor. A exposição de Queiruga desenvolveu aspectos que se tornam centrais, sempre que se pretende aprofundar o tema da ressurreição, a saber: o sepulcro vazio, as aparições, a categoria de milagre, o desenvolvimento conceptual da cristologia, o enquadramento dos textos bíblicos, o nascimento e significado da fé na ressurreição, a nossa ressurreição como esperança à luz da ressurreição de Jesus, a nossa relação com Jesus e com os defuntos, Jesus como primogénito dos mortos, após os quais apresenta a sua proposta – compreender a ressurreição no contexto actual.

No intuito de compreender a ressurreição como realidade viva e actual, Torres Queiruga lê as narrações pascais dentro do horizonte contemporâneo. A esta leitura acresce a devida distância temporal em ordem à interpretação, a qual teve como principal objectivo compreender hoje o anúncio pascal.

A distância temporal atendeu naturalmente à mudança de paradigma cultural, à superação da leitura fundamentalista dos textos pascais e ao verdadeiro sentido e simbolismo que os conceitos e imagens encerram, à contextualização religiosa-cultural que determinou os meios de expressão da experiência original, aos pressupostos teológicos fundamentais a ter em conta para a legitimidade, significatividade e coerência da interpretação actual que vai no sentido da acção de Deus e a Revelação. Assim, Queiruga não faz depender a fé na ressurreição nem do sepulcro vazio, nem das aparições, por uma série de razões. Primeiro, estamos perante dados não seguros, que não podem, portanto, ser provas para a ressurreição. Em segundo lugar, falar de uma *visão do Ressuscitado*, tomadas as palavras no seu significado normal, carece de sentido, o mesmo acontecendo, agravadamente, quando se abordam as aparições sensíveis. Assim sendo, a acção de Deus não deve ser vista como uma série de intervenções especiais de Deus, porque, para Queiruga, isso é intervencionismo, e

este não acede à categoria de milagre. Deus está sempre presente e actuante no mundo, Sua criação por amor. Na ressurreição de Jesus, Deus está presente como sempre esteve durante a vida terrena de Jesus. Relativamente à Revelação, para Queiruga trata-se de «dar-se conta de», porque Deus, desde a criação, se revela como Deus de vivos. Descobre-se Deus, o que Ele quer manifestar, não através de intervencionismos físicos, mas da capacidade significativa que adquirem certas situações ou vivências mundanas ou históricas. Assim, a experiência de revelação não cria a realidade, mas descobre-a – ela já lá estava, embora ainda por compreender. Por esse motivo, Queiruga defende que a ressurreição sempre existiu, só não era conhecida plenamente. Esta postura levanta uma série de questões: será a ressurreição apenas revelação de algo já existente, ou condição de possibilidade real para a ressurreição dos humanos? Será que a ressurreição passou a ser compreendida como plena e actual, embora assim já o fosse, ou terá passado a ser plena e actual, porque então não o era? Esta e outras perguntas são suscitadas pela afirmação de Queiruga de que com Jesus se deu a compreensão da ressurreição que se descobre como *já* plena e não o início de uma situação nova. Contudo, o autor não nega o valor e alcance da ressurreição de Jesus. Desde então, o destino de Jesus ilumina o nosso, permitindo-nos descobrir na ressurreição de Jesus a nossa ressurreição, e vice-versa. O autor encara a primazia da ressurreição de Jesus, não como começo cronológico, mas como revelação plena da superação da morte, que o «Deus de vivos» estava e está a realizar desde sempre. Não sendo primeiro no tempo, mas primeiro na glória, plenitude e excelência, Jesus é o revelado definitivo, o modelo fundante da relação íntima entre a ressurreição de Jesus e a nossa ressurreição.

Queiruga defende que dado o carácter transcendente da ressurreição, esta não é um acontecimento histórico. Mas negar certa compreensão da historicidade da ressurreição ou das aparições, ou do sepulcro vazio não é negar a ressurreição, nem negar o referente real que anunciam as diversas experiências subjectivas.

Repensando o conjunto, Queiruga tenta que a sua abordagem resulte numa visão global. Na sua perspectiva, a mudança de paradigma cultural induzida pela Modernidade é o marco fundamental do seu estudo, sem que o autor se lhe submeta acriticamente. Queiruga esforça-se por manter, com clareza e rigor, a consequência dos pressupostos adoptados, o que torna a sua postura discutível, mesmo dentro do pluralismo teológico e da coerência global que esta abordagem possa ser capaz de oferecer. Todavia, a capacidade de responder às exigências da cultura actual não tem por que se submeter aos seus critérios para que se torne legítima e verdadeira. Esta é, no fundo, a mensagem que pretende transmitir a Conferência Episcopal Espanhola, na Notificação. A Conferência, notando incompatibilidades dos escritos do autor com o ensino da Igreja, expressa a sua discordância em variadíssimos pontos da proposta de Queiruga, quer no que à Revelação diz respeito, quer no âmbito da ressurreição – basta ver a oposição expressa na afirmação de que a ressurreição é um acontecimento histórico e transcendente.

Eloy Bueno de la Fuente, em artigo dedicado à obra de Queiruga, considera que no centro da problemática está o acontecimento pascal, como acontecimento fundador, mais do que a ressurreição, até porque a palavra ressurreição não abarca a totalidade do acontecimento pascal. Deus é Aquele que cria e que ressuscita Jesus. De resto, as imagens e conceitos usados pelos redactores dos textos bíblicos neste âmbito não pretendem vincular objectividade, admitindo o autor a possibilidade de intervenções transcendentais de Deus, mas não como intervencionismo, até porque não é possível separar história e transcendência.

Queiruga, pelo contrário, defende que considerar possível a acção de Deus, como são possíveis as nossas intervenções empíricas, seria tornar a acção de Deus mundana, quando ela é real mas transcendente. Com efeito, o que é possível é a sua historicização pela nossa liberdade, tornando efectiva a vontade divina. Além disso, Queiruga sustenta que Bueno de la Fuente isola a ressurreição, não a considerando no Antigo Testamento e na fé na ressurreição já presente em Jesus e nos discípulos, além do que não a considera na sua solidariedade com a

nossa ressurreição, o que, na óptica de Queiruga, possibilita o avanço desejado na compreensão da ressurreição no contexto actual, desejo que une ambos os autores.

Abordar a ressurreição é tocar numa questão central, numa verdade nuclear que afecta o mais íntimo da oferta cristã de sentido. Por isso, estudá-la equivale a tocar em terreno «sagrado», onde as propostas são hipóteses e, como tal, susceptíveis de erro, discutíveis e provisórias. A proposta de Torres Queiruga, como interpretação que apresenta os seus objectivos e que faz o seu caminho para os alcançar, de forma mais ou menos consensual, mas sempre na procura da verdade, com seriedade e argumento, é mais uma hipótese, correndo o risco de não satisfazer as exigências da ortodoxia.

Finalmente, o presente trabalho permitiu um conhecimento mais aprofundado da problemática da ressurreição, bem como o confronto com uma perspectiva diferente, dentro do pluralismo teológico. Não se pretendeu tomar o caminho do consenso para abrir a novos horizontes, da oposição retirando frutos: cautela na abordagem das temáticas e questionamento sistemático das interpretações tidas como certas. A teologia muda constantemente de paradigma, pensando e repensando, não as verdades de fé, mas a forma de as interpretar, compreender e transmitir, sem que se negue a verdade da ressurreição, mas a sua visão.

A ressurreição é a nossa esperança, a fé a nossa força, a caridade o concretizar do chamamento de Deus ao amor. Assim, neste caminhar de esperança até Deus, vamos tentando compreender o mistério, mesmo sabendo que nunca o alcançaremos totalmente.

## ANEXO

«Aclarações sobre uma notificação»

Tendo tomado conhecimento, «por meios públicos, não por comunicação pessoal»<sup>292</sup>, da Notificação da Conferência Episcopal Espanhola sobre algumas das suas obras, Andrés Torres Queiruga mostra-se surpreso e decepcionado, no seu artigo *Aclarações sobre uma notificação*. Neste artigo, o autor refere que se torna necessário «esclarecer que esta interpretação [da Conferência Episcopal Espanhola] viola normas fundamentais de toda a hermenêutica correcta»<sup>293</sup>, em virtude de aquela isolar questões particulares da sua perspectiva, extraídas de um contexto global, que carece de estudos importantes e livros específicos. A Conferência refere que existiu um diálogo extenso e detalhado, mas Torres Queiruga esclarece «que isso não é verdade: desde 1998 que se iniciou o procedimento até à conclusão em 2012, só na véspera da aprovação na Permanente se celebrou um encontro de umas duas horas; antes *nunca ninguém* tinha buscado ou procurado oficialmente diálogo»<sup>294</sup>. Finalmente, «a estrutura da interpretação mostra uma oscilação contínua entre “teologia” e “fé” da Igreja, unida a uma total indefinição do carácter *ordinário* ou *infallível* do termo “autêntico” referido ao magistério»<sup>295</sup>. Ora, «tal confusão vai contra a essência do trabalho teológico, que, inclusivamente segundo declarações oficiais recentes, não pode reduzir-se a mera glosa do magistério pastoral. De facto, o documento procede identificando uma *teologia* concreta com a *fé* de toda a Igreja. A sua aplicação geral obrigaria a condenar a maior parte da teologia: nem sequer ficaria incólume a Cristologia de Bento XVI (por isso declara lucidamente: “qualquer um é livre de contradizer-me”))»<sup>296</sup>.

O documento da Conferência Episcopal Espanhola aborda os seguintes temas: a revelação, o «pluralismo assimétrico» no diálogo das religiões, a ressurreição de Jesus Cristo

---

<sup>292</sup> A. T. QUEIRUGA, «Aclaraciones sobre una notificación», in *Concilium* 346 (2012) 162.

<sup>293</sup> *Ibidem*, 159.

<sup>294</sup> *Ibidem*, 161.

<sup>295</sup> *Ibidem*.

<sup>296</sup> *Ibidem*.

e os problemas de escatologia referentes ao «tempo intermédio». Torres Queiruga não responde a cada um dos pontos discutidos, indicando apenas as linhas gerais das respostas.

O documento da Conferência Episcopal Espanhola fala de uma compreensão da revelação como «mero desenvolvimento da natureza»<sup>297</sup>. Queiruga, por seu lado, ressentia a palavra *mera* como redutora – por isso evitada por ele na obra – e *natureza* como um termo abstracto e indeterminado, acrescentando que «seria suficiente concretizá-la e suprimir o “mero”, para apreciar o verdadeiro sentido: autêntico “desenvolvimento da natureza” enquanto compreendida, explicitada e acolhida por nós como *fundada e habitada por Deus* mediante a sua incansável “presença salvadora e iluminadora desde sempre e para tofo o homem e mulher”. Este é o verdadeiro sentido que não só anima toda a minha teologia, mas que surge com evidência do texto»<sup>298</sup>.

No tocante à revelação e respectiva aplicação ao diálogo com as religiões com a categoria de «pluralismo assimétrico», Queiruga diz encontrar crueldade na afirmação da Conferência que lhe atribui a negação da novidade da revelação e do seu insuperável culminar em Cristo, porque isso é precisamente o que defende na sua obra, enquanto acolhe cordialmente o quanto Deus alcançou ao revelar-Se nas restantes religiões.

Ao negar a possibilidade de aparições empíricas, Queiruga perfila-se com teólogos como W. Kasper, que defendem que «exigir provas físicas para o Ressuscitado, exaltado já na Glória, seria *epistemologicamente* tão incorrecto como exigí-las para a existência de Deus; *ontologicamente*, contradiria a sua presença universal no espaço e na história; e *teologicamente* “seria grotesco chegar assim à consequência inevitável de que os primeiros que anunciaram a fé não creram, pois mediante o ver se lhes dispensou a fé (Kasper)”»<sup>299</sup>.

No tocante à ressurreição *já na morte*, a não necessidade do sepulcro vazio e do tempo intermédio na escatologia para a fé é a postura de Queiruga e de outros importantes teólogos.

---

<sup>297</sup> «A explicação teológica do Autor seria aceitável sempre que não reduzisse a graça e a bem-aventurança a um mero desenvolvimento da natureza» in CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga*, n.º 6.

<sup>298</sup> A. T. QUEIRUGA, «Aclaraciones sobre una notificación», in *Concilium* 346 (2012) 163.

<sup>299</sup> *Ibidem*, 164.

Quanto à oração pelos defuntos e mais concretamente a oração de petição, Torres Queiruga refere apenas que se explicou amplamente noutros escritos, procurando na obra alvo da Notificação fazer justiça à total iniciativa de Deus e ao Seu amor livre, mas total e dádiva.

Esboçadas em linhas gerais as respostas às questões levantadas pela Notificação da Conferência Episcopal Espanhola, Andrés Torres Queiruga faz uma breve crónica da génese do documento.

Primeiramente, o autor sublinha e agradece o respeito que o referido documento inspira, todavia afirmando: «não creio ser injusto se o considero infundado pelo seu conteúdo, eclesialmente não fraternal pelo procedimento e estranho pela oportunidade»<sup>300</sup>.

A análise dos escritos de Queiruga pela Conferência Episcopal Espanhola começou em 1998 e durou até 2012, sem que nesses treze anos tenha chegado disso qualquer notícia ao autor. Em 2006, na instrução pastoral *Teología y secularización en España*, a Conferência critica, indirectamente, a teologia da revelação de Torres Queiruga.

A 10 de Janeiro de 2012, o autor recebe do seu arcebispo, Julián Barrio, a notícia de que estava iminente a publicação de um documento em Espanha e de outro em Roma acerca dos seus escritos. Rapidamente se pôde verificar que em Roma nada estava a ser preparado. Preocupado, Julián Barrio desmandava um diálogo prévio a qualquer publicação.

A 30 de Janeiro, Queiruga recebe um telefonema de Monsenhor Adolfo González Montes, o qual, depois de uma conversa longa e cordial, marca um encontro para o dia 27 de Fevereiro, onde estariam presentes um bispo da Comissão, Monsenhor Enrique Benavent, e um teólogo externo, o Professor Martín Gelabert, dominicano. Torres Queiruga afirma: «apesar deste pressa e de me ter indicado que a decisão estava já tomada, de modo que só seriam feitas algumas modificações, aceitei na esperança de que fosse possível uma revogação»<sup>301</sup>. Assim, temendo que tudo não passasse de uma formalidade, o autor escreve

---

<sup>300</sup> A. T. QUEIRUGA, «Aclaraciones sobre una notificación», in *Concilium* 346 (2012) 164.

<sup>301</sup> *Ibidem*, 165.

uma carta pedindo duas condições: um estudo profundo e contextualizado das questões e o compromisso pela procura da verdade<sup>302</sup>.

A 27 de Fevereiro teve lugar a reunião de cerca de duas horas, em ambiente cordial. Nessa altura, o autor pôde fazer algumas clarificações teológicas e demonstrar a sua discordância relativamente a alguns textos do magistério ordinário. Por sua vez, o teólogo convidado «reconheceu expressamente – como mais tarde repetiu em público – que nada do discutido saía do legítimo pluralismo teológico»<sup>303</sup>.

Algum tempo depois, é entregue a Torres Queiruga uma carta oficial onde se lhe solicita que respondesse a sete questões. Com efeito, no seguimento do encontro realizado a 27 de Fevereiro alguns elementos teriam sido considerados incompatíveis com a fé da Igreja católica. Decepcionado, Queiruga afirma: «ainda que sabendo que tínhamos falado “acerca de uma *decisão já tomada*”, tinha acedido pensando que, “se por fim se tomava o assunto pela raiz e com todas as garantias, apareceria claro o infundado das desconfianças contra a minha teologia *em matéria de fé*”»<sup>304</sup>.

O autor decidiu não responder às perguntas, por considerar que não seria coerente colaborar com um procedimento que considera teologicamente infundado e eclesialmente ilegítimo. Todavia, continua a querer o diálogo. Em carta oficial é-lhe, todavia, dito: «os bispos, portanto, não debatem no plano teológico, mas ensinam a verdade da fé à qual há que aderir, porque na sua condição de mestres autênticos, dotados com a autoridade de Cristo, em comunhão com o Romano Pontífice “são os testemunhas da verdade divina e católica”»<sup>305</sup>. Queiruga conclui: «pelos vistos, na sua *missão específica e eclesialmente originária* de fundar, defender e explicitar a credibilidade da fé, os teólogos nada de próprio tem a dizer

---

<sup>302</sup> Cf. *Ibidem*, 166.

<sup>303</sup> *Ibidem*.

<sup>304</sup> *Ibidem*.

<sup>305</sup> *Ibidem*, 167.

acerca da “verdade divina e católica”, carecem de toda a qualidade de “mestres autênticos” e estão privados de participação sacramental na “autoridade de Cristo”»<sup>306</sup>.

---

<sup>306</sup> *Ibidem*, 168.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **Fontes**

BUENO DE LA FUENTE, Eloy, «Resurrección o acontecimiento pascual. Un repensamiento siempre abierto?», in CAAMAÑO, Xosé Manuel, CASTELAO, Pedro (Ed.), *Repensar a teoloxía, recuperar o cristianismo. Homenaxe a Andrés Torres Queiruga*, Editorial Galaxia, Vigo, 2012, 287-296.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Notificación sobre algunas obras del Prof. Andrés Torres Queiruga* (29 de Fevereiro de 2012), in <http://www.conferenciaepiscopal.es/index.php/actividades-noticias-doctrina/2682-notificacion-sobre-algunas-obras-del-prof-andres-torres-queiruga.html> (consultado a 2 de Outubro de 2012).

TORRES QUEIRUGA, Andrés, «Aclaraciones sobre una notificación», in *Concilium* 346 (2012) 159-168.

TORRES QUEIRUGA, Andrés, «Respuesta de Andrés Torres Queiruga», in CAAMAÑO, Xosé Manuel, CASTELAO, Pedro (Ed.), *Repensar a teoloxía, recuperar o cristianismo. Homenaxe a Andrés Torres Queiruga*, Editorial Galaxia, Vigo, 2012, 576-579.

TORRES QUEIRUGA, Andrés, *Repensar la resurrección. La diferencia cristiana en la continuidad de las religiones y de la cultura*, Editorial Trotta, Madrid, 3ª edición, 2005.

### **Bibliografía complementar**

BÍBLIA SAGRADA, Difusora bíblica, Fátima, 4º edición, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2ª edición, 1999.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio *De Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium*, in AAS 56 (1964) 97-134.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica *Lumen Gentium*, in AAS 57 (1965) 5-71.

CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Pastoralis De Ecclesia In Mundo Huius Temporis *Gaudium et Spes*, in AAS 58 (1966) 1025-1115.

KASPER, Walter, *Jesus, el Cristo*, Edições Sigueme, Salamanca, 4ª edição, 1982.

OLIVEIRA, D. Anacleto, Carta pastoral *Cristo em vós: a esperança da glória*, Diocese de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2011. RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais, 2011.

RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe. Introducción al concepto de cristianismo*, Herder, Barcelona, 1984.

TORRES QUEIRUGA, Andrés, «A ressurreição. Que quer dizer: “ressuscitar dos mortos”?», in BORGES, Anselmo (coord.), *Quem foi quem é Jesus Cristo?*, Gradiva, Lisboa, 3ª edição, 2012, 257-309.

TORRES QUEIRUGA, Andrés, «Recuperar hoxe a experiencia da resurrección», in *Cenáculo*, 2ª série, 49, 194 (2010) 115-129.

## ÍNDICE

Introdução .....	3
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA RESSURREIÇÃO .....	5
A. ENTRE A FÉ E AS INTERPRETAÇÕES.....	7
1. A tarefa de fundo.....	7
2. O enquadramento histórico .....	10
3. Para um tratamento renovado .....	11
B. O CONTEXTO ORIGINÁRIO .....	13
1. Colocação actualizada do problema.....	13
2. Leitura não fundamentalista.....	13
3. Contexto neotestamentário.....	15
3.1. A ressurreição dos mortos em geral.....	16
3.2. A ressurreição individual dos mortos .....	17
4. Voltar aos textos pascais .....	18
CAPÍTULO II – A PROPOSTA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA .....	21
A. A COMPREENSÃO ACTUAL.....	23
1. Os critérios: valor salvífico, significatividade e coerência .....	23
2. Coerência teológica: a acção de Deus.....	29
3. Coerência teológica: a revelação de Deus.....	31
B. NASCIMENTO E SIGNIFICADO DA FÉ NA RESSURREIÇÃO .....	37
1. O comum religioso na diferença bíblica .....	37
1.1. A vida para além da morte nas religiões.....	37

1.2. Ressurreição bíblica e imortalidade .....	38
1.3. Ressurreição e reencarnação .....	40
2. Os pressupostos próximos da diferença.....	42
2.1. Uma colocação correcta do problema .....	42
2.2. Uma experiência não milagrosa .....	43
3. A ressurreição de Jesus como referência cristã .....	45
3.1. Intensificação e individuação .....	46
3.2. Ressurreição de Jesus e continuidade da causa.....	47
4. A ressurreição de Jesus como ruptura do mito .....	47
4.1. Distinguir para unir .....	47
4.2. Desmitificação radical contra mito formal.....	48
4.3. O exemplo das aparições.....	48
4.4. A crucifixão como «exaltação».....	49
5. Como se chegou à fé na ressurreição.....	50
5.1. Lugar, sentido e níveis da pergunta.....	50
5.2. A crucifixão como «dissonância cognitiva» .....	51
5.3. O horizonte escatológico como contexto .....	52
5.4. O carácter definitivo da figura de Jesus .....	53
6. A morte de Jesus como lugar da revelação definitiva .....	55
6.1. A cruz como limite desmitificador.....	55
6.2. Os factores da configuração definitiva.....	56
6.3. Um factor peculiar: realidade e sentido das aparições .....	58

7. Síntese .....	59
7.1. Releitura dos textos: o exemplo do sepulcro vazio .....	59
7.2. A verdade da interpretação .....	60
C. RESSUSCITADOS COM CRISTO .....	62
1. Um olhar sobre 1 Cor 15, 13.....	62
1.1. Procurando uma nova coerência .....	62
1.2. Cristo, «primogénito dos mortos» (Ap 1, 5).....	63
1.3. «Ressurreição da carne» e «parusia» .....	64
2. A verificabilidade da ressurreição.....	65
2.1. Significado e importância da questão .....	65
2.2. A ressurreição e os «mestres da suspeita» .....	66
2.3. A fundamentação antropológica .....	67
2.4. O problema da coerência epistemológica .....	68
2.5. Do «testemunho» à «maiêutica».....	69
3. Reenfoque hermenêutico.....	71
3.1. O diálogo com as religiões e a cultura.....	71
3.2. Realismo encarnado frente a entusiasmo gnostizante .....	72
4. A existência à luz da ressurreição .....	73
4.1. A ressurreição e o problema do mal .....	73
4.2. Seguimento e vida eterna.....	75
4.3. Praxis histórica e esperança .....	77
4.4. Ressurreição e esperança para o mundo .....	78

D. JESUS, O PRIMOGÉNITO DOS DEFUNTOS .....	79
1. A nossa relação com Jesus morto e ressuscitado.....	79
1.1. O problema.....	79
1.2. A relação pessoal com Jesus, o Cristo.....	79
1.3. A relação com Cristo, modelo da relação com os defuntos .....	80
2. Relação com os defuntos e «comunhão dos santos» .....	81
2.1. Vida bem-aventurada e relação interpessoal .....	81
2.2. A veneração dos «santos» .....	82
3. O núcleo da liturgia funerária.....	82
3.1. Necessidade de repensar a celebração.....	83
3.2. Celebração da morte e ressurreição.....	84
3.3. Lázaro como ilustração simbólica.....	84
4. O sentido concreto da celebração .....	85
4.1. Celebrar «com» o defunto, não «pelo» defunto .....	85
4.2. A liturgia para nossa salvação .....	85
CAPÍTULO III – CONFRONTO COM ANDRÉS TORRES QUEIRUGA .....	87
A. NOTIFICAÇÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL PARA A DOCTRINA DA FÉ DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA .....	89
B. A PERSPECTIVA DE ELOY BUENO DE LA FUENTE .....	96
1. Contextualização .....	96
2. No conflito das interpretações .....	96
3. Um acontecimento fundador .....	99

4. A riqueza da linguagem .....	101
5. A iniciativa dos protagonistas .....	103
C. RESPOSTA DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA .....	106
Conclusão .....	109
Anexo.....	113
Bibliografia .....	119